



# **Celebração da Disciplina**

## **O Caminho do Crescimento Espiritual**

**Richard J. Foster**

Editora Vida  
ISBN: 8573671386

Ano: 1983

Formatado por SusanaCap

---

---

# ÍNDICE

---

---

Prefácio

1. As disciplinas espirituais: Porta do Livramento

[PRIMEIRA PARTE : DISCIPLINAS INTERIORES](#)

2. A Disciplina da Meditação

3. A Disciplina da Oração

4. A Disciplina do Jejum

5. A Disciplina do Estudo

[Segunda Parte: Disciplinas Exteriores](#)

6. A Disciplina da Simplicidade

7. A Disciplina da Solitude

[Terceira Parte: Disciplinas Associadas](#)

10. A Disciplina da Confissão

11. A Disciplina da Adoração

12. A Disciplina da Orientação

13. A Disciplina da Celebração

## PREFÁCIO

Muitos livros há que versam sobre a vida interior, porém não há muitos que combinem verdadeira originalidade com integridade intelectual. Não obstante, foi exatamente esta combinação que Richard Foster conseguiu produzir. Imerso como está nos clássicos devocionais, o autor ofereceu-nos um cuidadoso estudo que pode, de si mesmo, ser de grande valor por longo tempo. Embora o presente volume demonstre o quanto deve aos Clássicos, o livro não é sobre eles; ele representa, em vez disso, obra genuinamente original.

O que nos chama a atenção de imediato é o caráter amplo do empreendimento corrente. Muitos livros contemporâneos lidam com aspectos particulares da vida interior. Este, porém, é diferente porque trata de uma variedade surpreendente de tópicos importantes; grande parte do frescor de seu tratamento resulta de sua ousadia. O autor empenhou-se em examinar um largo espectro de experiência, desde a confissão até à simplicidade e à alegria. Uma vez que o produto acabado é o resultado de ampla leitura e de cuidadosa atividade pensante, este não é o tipo de livro que pode ser escrito às pressas ou de modo barato.

As fontes de discernimento são variadas, sendo as principais delas as Escrituras Sagradas e os reconhecidos clássicos de devoção; estas porém, não

são as únicas fontes das quais o autor se valeu. O leitor cuidadoso logo percebe uma grande dívida também para com os pensadores seculares. Tendo-se em vista o fato de que o autor é quacre, não é de surpreender que sejam proeminentes as contribuições dos escritos quacres clássicos. Essas contribuições incluem as obras de George Fox, John Woolman, Hannah Whitall Smith, Thomas Kelly e muitos outros. O objetivo aqui não é sectário mas genuinamente ecumênico, visto que os discernimentos importantes nunca devem limitar-se ao grupo do qual se originam. O que nos é dado é, por conseguinte, um exemplo da universalidade da participação.

O tratamento dado à simplicidade é especialmente valioso, e parte porque não é simples. Na verdade, os dez “princípios controladores” da simplicidade, explicados no Capítulo VI, são por si mesmos justificativa suficiente para o aparecimento de outro livro sobre a vida espiritual. Os dez princípios enunciados, conquanto arraigados na sabedoria antiga, fazem-se surpreendentemente contemporâneos.

O autor entende muito bem que a ênfase sobre a simplicidade pode transformar-se em armadilha. É por isto que ele não aceitará nada tão óbvio como a adoção de uma atitude clara, embora possa dizer concisamente: “Enforce a moda. Compre somente o que lhe for necessário.” Eis aí uma proposta radical que, se adotada de modo amplo, libertaria imensamente as pessoas que são vítimas dos anunciantes, em particular na televisão. Resultaria uma autêntica revolução cultural se um número considerável de pessoas obedecesse à incisiva ordem:

“Desacumular”.

Os maiores problemas de nosso tempo não são tecnológicos, pois estes nós controlamos razoavelmente bem. Nem mesmo são políticos ou econômicos, porque as dificuldades nessas áreas, por deslumbrantes que sejam, são grandemente derivativas. Os maiores problemas são morais e espirituais, e, a menos que possamos fazer algum progresso nesses domínios, talvez nem mesmo sobrevivamos.

Foi assim que declinaram no passado culturas adiantadas. É por este motivo que dou as boas-vindas a uma obra realmente madura sobre o cultivo da vida do espírito.

D. Elton Trueblood

# 1. AS DISCIPLINAS ESPIRITUAIS: PORTA DO LIVRAMENTO

“Passo pela vida como um transeunte a caminho da eternidade, feito à imagem de Deus mas com essa imagem aviltada, necessitando de que se lhe ensine a meditar, adorar, pensar.” - Donald Coggan, Arcebispo de Cantuária

A superficialidade é maldição de nosso tempo. A doutrina da satisfação instantânea é, antes de tudo, um problema espiritual. A necessidade urgente hoje não é de um maior número de pessoas inteligentes, ou dotadas, mas de pessoas profundas.

As Disciplinas clássicas da vida espiritual convidam-nos a passar no viver na superfície para o viver nas profundezas. Elas nos chamam para explorar os recônditos interiores do reino espiritual. Instam conosco a que sejamos a resposta a um mundo vazio. John Woolman aconselhou: “É bom que vos aprofundeis, para que possais sentir e entender os sentimentos das pessoas.”

Não devemos ser levados a crer que as Disciplinas são para os gigantes espirituais e, por isso, estejam além de nosso alcance; ou para os contemplativos que devotam todo o tempo à oração e à meditação. Longe disso.

Na intenção de Deus, as Disciplinas da vida espiritual são para seres humanos comuns: pessoas que têm empregos, que cuidam dos filhos, que lavam pratos e cortam grama. Na realidade, as Disciplinas são mais bem exercidas no meio de nossas atividades normais diárias. Se elas devem ter qualquer efeito transformador, o efeito deve encontrar-se nas conjunturas comuns da vida humana: em nossos relacionamentos com o marido ou com a esposa, com nossos irmãos e irmãs, ou com nossos amigos e vizinhos.

Nem deveríamos pensar nas Disciplinas Espirituais como uma tarefa ingrata e monótona que visa a exterminar o riso da face da terra. Alegria é nota dominante de todas as Disciplinas. O objetivo das Disciplinas é o livramento da sufocante escravidão ao auto-interesse e ao medo. Quando a disposição interior de alguém é libertada de tudo quanto o subjuga, dificilmente se pode descrever essa situação como tarefa ingrata e monótona. Cantar, dançar, até mesmo gritar, caracterizam as Disciplinas da vida espiritual.

Num importante sentido, as Disciplinas Espirituais não são difíceis. Não precisamos estar bem adiantados em questões de teologia para praticar as Disciplinas. Os recém-convertidos - até mesmo as pessoas que ainda não se entregaram a Jesus - deveriam praticá-las. A exigência fundamental é suspirar

por Deus. O salmista escreveu: “Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por ti, ó Deus, suspira a minha alma. A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo” (Salmo 42:1, 2).

Os principiantes são bem-vindos. Eu também ainda sou principiante, especialmente depois de vários anos de praticar cada Disciplina apresentada neste livro. Conforme disse Thomas Merton: “Não desejamos ser principiantes.

Mas, convençamo-nos do fato de que, por toda a vida, nunca seremos mais que principiantes!”

O Salmo 42:7 diz: “Um abismo chama outro abismo.” Talvez algures nas câmaras subterrâneas de sua vida tenha você ouvido o chamado para um viver mais profundo, mais pleno. Talvez você se tenha cansado das experiências frívolas e do ensino superficial. De quando em quando você tem captado vislumbres, insinuações de algo que ultrapassa aquilo que você tem conhecido.

Interiormente você tem suspirado por lançar-se em águas mais profundas.

Os que têm ouvido o distante chamado do seu íntimo e desejam explorar o mundo das Disciplinas Espirituais, imediatamente se defrontam com duas dificuldades.

A primeira é de ordem filosófica. A base materialista em nossa época tornou-se tão penetrante que ela tem feito as pessoas duvidarem seriamente de sua capacidade de ir além do mundo físico. Muitos cientistas de primeira categoria têm ido além de tais dúvidas, sabendo que não podemos estar confinados a uma caixa de espaço-tempo. Mas a pessoa comum é influenciada pela ciência popular que está uma geração atrás dos tempos e é preconcebida contra o mundo não-material.

É difícil exagerar quão saturados estamos com a mentalidade da ciência popular. A meditação, por exemplo, se de algum modo permitida, não é considerada como contato com um mundo espiritual real, mas como manipulação psicológica. Geralmente as pessoas tolerarão um breve toque na “jornada interior”, mas logo chega a hora de haver-se com os negócios reais do mundo real. Necessitamos de coragem para ir além do preconceito de nossa época e afirmar com os nossos melhores cientistas que existe mais do que o mundo material. Com honestidade intelectual, deveríamos dispor-nos a estudar e explorar este outro reino com todo o rigor e determinação que

daríamos a qualquer campo de pesquisa.

A segunda dificuldade é de ordem prática. Simplesmente não sabemos como explorar a vida interior. Isto nem sempre tem sido verdadeiro. No primeiro século e anteriormente, não era necessário dar instruções sobre como “praticar” as Disciplinas da vida espiritual. A Bíblia chamou o povo a Disciplinas tais como jejum, meditação, adoração e celebração e quase não deu instrução nenhuma sobre a forma de executá-las. É fácil de ver a razão por quê. Essas Disciplinas eram tão freqüentemente praticadas e de tal modo constituíam parte da cultura geral que o “como fazer” era conhecimento comum. Jejuar, por exemplo, era tão comum que ninguém perguntaria o que comer antes de um jejum, como quebrar um jejum, ou como evitar a vertigem enquanto jejuava - toda a gente já sabia.

Isto não se verifica em nossa geração. Hoje existe uma ignorância abismal dos mais simples e práticos aspectos de quase todas as Disciplinas Espirituais clássicas. Daí que qualquer livro escrito sobre o assunto deve levar essa necessidade em consideração e prover instrução prática sobre a mecânica de Deus das Disciplinas. É preciso, porém, logo de início dizer uma palavra de acautelamento: conhecer a mecânica não significa que estamos praticando a Disciplina. As Disciplinas Espirituais são uma realidade interior e espiritual, e a atitude interior do coração é muito mais decisiva do que a mecânica para se chegar à realidade da vida espiritual.

## **A Escravidão de Hábitos arraigados**

Acostumamo-nos a pensar no pecado como atos individuais de desobediência a Deus. Isto é bem verdade até certo ponto, mas a Bíblia vai muito mais longe.

Na sua carta aos Romanos, o apóstolo Paulo freqüentemente se refere ao pecado como uma condição que infesta a raça humana (i. é., Romanos 3:9-18). O pecado como condição abre seu caminho através dos “membros do corpo”; isto é, os hábitos enraizados do corpo (Romanos 7:5 e seguintes). E não há escravidão que possa comparar-se à escravidão de hábitos pecaminosos arraigados.

Diz Isaías 57:20: “Os perversos são como o mar agitado, que não se pode aquietar, cujas águas lançam de si lama e lodo.” O mar não necessita fazer nada de especial para produzir lama e lodo; isto é o resultado de seus movimentos naturais. É o que também se verifica conosco quando nos achamos sob a condição de pecado. Os movimentos naturais de nossas vidas

produzem lama e lodo. O pecado é parte da estrutura interna de nossas vidas. Não há necessidade alguma de esforço especial. Não é de admirar que nos sintamos enredados.

Nosso método comum de lidar com o pecado arraigado é lançar um ataque frontal.

Confiamos em nossa força de vontade e determinação. Qualquer que seja nosso problema - ira, amargura, glotonaria, orgulho, incontinência sexual, álcool, medo - decidimos nunca mais repeti-lo; oramos contra ele, lutamos contra ele, dispomos nossa vontade contra ele. Tudo, porém, é em vão e uma vez mais nos encontramos moralmente falidos ou, pior ainda, tão orgulhosos de nossa justiça exterior que “sepulcros branqueados” é uma descrição suave de nossa condição.

Heini Arnold, em seu excelente livrinho intitulado *Freedom From Sinful Thoughts* (Liberdade de Pensamentos Pecaminosos), escreve: “Desejamos deixar perfeitamente claro que não podemos livrar e purificar nosso próprio coração exercitando nossa própria `vontade”.

Na carta aos Colossenses, Paulo cita algumas formas exteriores que as pessoas usam para controlar o pecado: “não manuseies, não proves, não toques.” E então acrescenta que estas coisas “com efeito, têm aparência de sabedoria, como culto de si mesmo” - que frase expressiva, e como descreve bem muita coisa de nossas vidas! No momento em que achamos que podemos ter êxito e alcançar a vitória sobre o pecado mediante a força de nossa vontade somente, esse é o momento em que estamos cultuando a vontade. Não é uma ironia que Paulo tenha olhado para nossos mais estrênuos esforços na caminhada espiritual e os tenha chamado de “culto de si mesmo”?

A força de vontade nunca terá êxito no trato com os hábitos profundamente arraigados do pecado. Emmet Fox escreve: “Tão-logo você resista mentalmente a qualquer circunstância indesejável ou não buscada, por esse próprio meio você a dotará de mais poder - poder que ela usará contra você, e você terá esgotado seus próprios recursos nessa exata medida.” Heini Arnold conclui: “Enquanto acharmos que podemos salvar-nos a nós mesmos por nossa própria força de vontade, a única coisa que fazemos é tornar o mal que há em nós mais forte do que nunca.” Esta mesma verdade tem sido comprovada por todos os grandes escritores da vida devocional, desde S. João da Cruz até Evelyn Underhill.

O “culto de si mesmo” talvez possa ter uma demonstração exterior de

êxito por algum tempo, mas nas brechas e nas fendas de nossa vida sempre há de revelar-se nossa profunda condição interior. Jesus descreveu tal condição quando falou da exibição exterior de justiça dos fariseus. “Porque a boca fala do que está cheio o coração. ... Digo-vos que de toda palavra frívola que proferirem os homens, dela darão conta no dia de juízo” (Mateus 12:34-36). Mediante a força de vontade as pessoas podem fazer boa figura durante algum tempo; cedo ou tarde, porém, virá o momento desprevenido quando a “palavra frívola” escapará, revelando o verdadeiro estado do coração. Se estivermos cheios de compaixão, isto será revelado; se estivermos cheios de amargura, isto também se manifestará.

Não temos a intenção de que seja assim. Não temos intenção nenhuma de explodir a ira ou de ostentar uma tenaz arrogância, mas quando estamos com outras pessoas, aquilo que somos vem à tona. Embora tentemos ocultar essas coisas com todas as nossas forças, somos traídos pelos olhos, pela língua, pelo queixo, pelas mãos, pela linguagem de todo o nosso corpo. A força de vontade não tem defesa contra a palavra frívola, contra o momento desprevenido. A vontade tem a mesma deficiência da lei - ela pode lidar somente com as exterioridades. Não é suficiente para operar a transformação necessária da disposição interior.

## **As Disciplinas Espirituais abrem a Porta**

Quando perdemos a esperança de obter a transformação interior mediante as forças humanas da vontade e da determinação, abrimo-nos para uma maravilhosa e nova realização: a justiça interior é um dom de Deus que deve ser graciosamente recebido. A imperiosa necessidade de mudança dentro de nós é obra de Deus e não nossa. É preciso que haja um trabalho real interno, e só Deus pode operar a partir do interior. Não podemos alcançar ou merecer esta justiça do reino de Deus; ela é uma graça concedida ao homem.

Na carta aos Romanos o apóstolo Paulo esforça-se a fim de demonstrar que a justiça é um dom de Deus. Ele emprega o termo trinta e cinco vezes nessa epístola, e cada vez que o emprega fá-lo com êxito pelo fato de que a justiça não é atingida nem atingível mediante esforço humano. Uma das mais claras afirmações é Romanos 5:17: “... os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça, reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo.” Esse ensino, evidentemente, não se encontra só em Romanos mas na Bíblia toda e se apresenta como uma das pedras angulares da fé cristã.

No momento em que captamos esta compreensão palpitante, corremos

o risco de um erro no sentido oposto. Somos tentados a crer que nada há que possamos fazer.

Se os esforços humanos terminam em falência moral (e tendo-o tentado, sabemos que é assim), e se a justiça é um dom gratuito de Deus (conforme a Bíblia o declara com clareza), então não é lógico deduzir que devemos esperar que Deus venha e nos transforme? Por estranho que pareça, a resposta é “não”. A análise é correta: o esforço humano é insuficiente e a justiça é o dom de Deus. O que é falha é a conclusão, pois felizmente existe algo que podemos fazer. Não precisamos agarrar-nos às pontas do dilema das obras nem da ociosidade humanas.

Deus nos deu as Disciplinas da vida espiritual como meios de receber sua graça.

As Disciplinas permitem-nos colocar-nos diante de Deus de sorte que ele possa transformar-nos.

O apóstolo Paulo disse: “O que semeia para a sua própria carne, da carne colherá corrupção; mas o que semeia para o Espírito, do Espírito colherá vida eterna” (Gálatas 6:8). O lavrador não consegue fazer germinar o grão; tudo o que ele pode fazer é prover as condições certas para o crescimento do grão.

Ele lança a semente na terra onde as forças naturais assumem o controle e fazem surgir o grão. O mesmo acontece com as Disciplinas Espirituais - elas são um meio de semear para o Espírito. As Disciplinas são o meio de Deus plantar-nos na terra; elas nos colocam onde ele possa trabalhar dentro de nós e transformar-nos. Sozinhas, as Disciplinas Espirituais nada podem fazer; elas só podem colocar-nos no lugar onde algo possa ser feito. Elas são os meios de graça de Deus. A justiça interior que buscamos não é algo que seja derramado sobre nossas cabeças. Deus ordenou as Disciplinas da vida espiritual como meios pelos quais somos colocados onde ele pode abençoar-nos.

Neste sentido, seria próprio falar do “caminho da graça disciplinada”. É “graça” porque é grátis; é “disciplinada” porque existe algo que nos cabe fazer. Em *The Cost of Discipleship* (O Custo do Discipulado), Dietrich Bonhoeffer deixa claro que a graça é grátis, mas não é barata. Uma vez que entendemos com clareza que a graça de Deus é imerecida e imerecível, se esperamos crescer devemos iniciar um curso de ação conscientemente escolhida, que inclua tanto a vida individual como em grupo. Essa é a finalidade das Disciplinas Espirituais.

Seria conveniente visualizar o que vimos estudando. Imaginemos uma passagem estreita com um declive íngreme de cada lado. O abismo da direita é o caminho da falência moral por meio dos esforços humanos para alcançar a justiça.

Historicamente se tem dado a isto o nome de heresia do moralismo. O abismo da esquerda é o caminho da falência moral pela ausência de esforços humanos. Este tem sido denominado heresia do antinomianismo. Essa passagem representa um caminho - as Disciplinas da vida espiritual. Este caminho conduz à transformação interior e à cura que buscamos. Não devemos desviar-nos para a direita nem para a esquerda, mas permanecer no caminho. Este está cheio de sérias dificuldades, mas também conta com incríveis alegrias. À medida que andamos neste caminho, a bênção de Deus virá sobre nós e nos reconstruirá à imagem de seu Filho Jesus Cristo. Devemos lembrar-nos sempre de que o caminho não produz a mudança; ele apenas nos coloca no lugar onde a mudança pode ocorrer. Este é o caminho da graça disciplinada.

Há um ditado em teologia moral que diz que “virtude é fácil”. Isto é verdadeiro somente até onde a obra graciosa de Deus tenha assumido o comando de nossa disposição interior e transformado os padrões de hábitos arraigados de nossas vidas. Enquanto isto não se realizar, a virtude é difícil, difícil mesmo.

Lutamos por exibir um espírito amável e compassivo; não obstante é como se estivéssemos levando para dentro algo trazido do exterior. Surge então, das profundezas interiores, a única coisa que não desejávamos: um espírito mordaz e amargo. Contudo, uma vez que tenhamos vivido no caminho da graça disciplinada por uma temporada, descobrimos mudanças internas.

Não fizemos nada mais do que receber um dom, não obstante sabemos que as mudanças são reais. Sabemos que são reais porque verificamos que o espírito de compaixão que outrora achávamos tão difícil, é agora fácil. Na realidade, difícil seria estar cheio de amargura. O Amor divino entrou em nossa disposição interior e assumiu o controle de nossos padrões de hábitos. Nos momentos desprevenidos, brota do santuário interior de nossa vida um fluxo espontâneo de “amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio” (Gálatas 5:22, 23). A necessidade cansativa de ocultar dos outros aquilo que somos interiormente já não existe.

Não temos de esforçar-nos para ser bons e generosos; somos bons e generosos.

Difícil seria refrear-nos de ser bons e generosos, porque a bondade e a generosidade fazem parte de nossa natureza. Assim como os movimentos naturais de nossa vida outrora produziam lama e lodo, agora eles produzem o fruto do Espírito. Shakespeare escreveu: “A qualidade da misericórdia não é forçada” - nem o são quaisquer das virtudes espirituais uma vez que elas assumam o comando da personalidade.

## **O Caminho da Morte: Transformar as Disciplinas em Leis**

As Disciplinas Espirituais visam ao nosso bem. Elas têm por finalidade trazer a abundância de Deus para nossa vida. É possível, contudo, torná-las em outro conjunto de leis que matam a alma. As Disciplinas dominadas pela lei respiram morte.

Jesus ensinou que devemos ir além da justiça dos escribas e fariseus (Mateus 5:20). Todavia, precisamos ver que tal justiça não era coisa de somenos. Eles estavam comprometidos em seguir a Deus numa forma para a qual muitos de nós não estamos preparados. Um fator, contudo, era sempre central à sua justiça: exterioridade. A justiça deles consistia em controlar as aparências externas, muitas vezes incluindo a manipulação de outras pessoas. Até que ponto temos ido além da justiça dos escribas e fariseus pode ser visto no quanto nossa vida demonstra a obra interna de Deus no coração. Ela produzirá resultados externos, mas a obra será interna. É fácil, em nosso zelo pelas Disciplinas Espirituais, torná-las na justiça exterior dos escribas e fariseus.

Quando as Disciplinas se degeneram em lei, elas são usadas para manipular e controlar pessoas. Tomamos ordens explícitas e as usamos para aprisionar outros. O resultado de tal deterioração das Disciplinas Espirituais é orgulho e medo. O orgulho domina porque chegamos a crer que somos o tipo certo de pessoas. O medo domina porque o poder de controlar os outros traz consigo a ansiedade de perder o controle, e a ansiedade de ser controlado por outros.

Se quisermos progredir no caminhar espiritual de sorte que as Disciplinas sejam bênção e não maldição, devemos chegar, em nossas vidas, ao lugar onde depomos a carga eterna da necessidade de dirigir os outros. Essa necessidade, mais do que qualquer outra coisa, levar-nos-à a transformar as Disciplinas Espirituais em leis. Uma vez que criamos uma lei, temos uma

“exterioridade” pela qual podemos julgar quem está à altura e quem não está. Sem leis, as Disciplinas são, antes de tudo, uma obra interna e é impossível controlar uma obra interna. Quando verdadeiramente cremos que a transformação interior é obra de Deus e não nossa, podemos dar descanso a nossa paixão por endireitar a vida dos outros.

Devemos estar cômicos de quão rapidamente podemos agarrar esta ou aquela palavra e transformá-la em lei. No momento em que assim procedemos, qualificamo-nos para o severo pronunciamento de Jesus contra os fariseus: “Atam fardos pesados (e difíceis de carregar) e os põem sobre os ombros dos homens, entretanto eles mesmos nem com o dedo querem movê-los” (Mateus 23:4).

Em questões assim necessitamos das palavras do apóstolo Paulo embutidas em nossas mentes: “Não tratamos da letra, mas do Espírito. É que a letra da lei conduz à morte da alma” (2 Coríntios 3:6, Phillips).

Ao entrarmos no mundo interior das Disciplinas Espirituais, sempre haverá o perigo de torná-las em lei. Mas não estamos abandonados aos nossos próprios inventos humanos. Jesus Cristo prometeu ser nosso Professor e Guia sempre presente. Sua voz não é difícil de ser ouvida. Não é difícil entender suas instruções. Se começarmos a calcificar o que deveria sempre permanecer vivo e crescente, ele nos dirá. Podemos confiar em seu ensino. Se nos desviarmos para alguma idéia errônea ou prática inaproveitável, ele nos conduzirá de volta. Se estivermos dispostos a ouvir o Instrutor Celestial, receberemos a instrução de que necessitamos.

Nosso mundo está faminto de pessoas verdadeiramente transformadas. Leon Tolstói observou: “Todos pensam em mudar a humanidade e ninguém pensa em mudar a si mesmo.” Estejamos entre os que crêm que a transformação interior de nossa vida é um alvo digno de nosso melhor esforço.

# PRIMEIRA PARTE : DISCIPLINAS INTERIORES

---

## 2. A DISCIPLINA DA MEDITAÇÃO

*"A verdadeira contemplação não é um truque psicológico mas uma graça teológica."*

*- Thomas Merton*

Na sociedade contemporânea nosso Adversário se especializa em três coisas: ruído, pressa e multidões. Se ele puder manter-nos ocupados com "grandeza" e "quantidade", descansará satisfeito. O psiquiatra C. G. Jung observou certa vez: "A pressa não é do diabo; ela é o diabo."

Se esperamos ultrapassar as superficialidades de nossa cultura - incluindo a cultura religiosa - devemos estar dispostos a descer aos silêncios recriadores, ao mundo interior da contemplação. Em seus escritos, todos os mestres da meditação esforçam-se por despertar-nos para o fato de que o universo é muito maior do que imaginamos, que há vastas e inexploradas regiões interiores tão reais quanto o mundo físico que tão bem conhecemos. Falam das palpitantes possibilidades de nova vida e liberdade. Chamam-nos para a aventura, para sermos pioneiros nesta fronteira do Espírito. Embora possa soar estranho aos ouvidos modernos, não deveríamos envergonhar-nos de nos matricularmos como aprendizes na escola da oração contemplativa.

### **Concepções Errôneas Compreensíveis**

Freqüentemente se indaga se é possível falar da meditação como sendo cristã.

Não é ela antes propriedade exclusiva das religiões orientais? Sempre que falo a um grupo sobre a meditação como Disciplina Cristã clássica, há o inevitável franzir de sobrolhos. "Eu pensava que os adeptos da Meditação Transcendental fossem o grupo que lidava com a meditação." "Não venha dizer-me que nos vai dar um mantra para recitar!"

Que a meditação seja palavra tão estranha aos ouvidos do Cristianismo moderno é um lamentável comentário sobre o seu estado espiritual. A

meditação sempre permaneceu como uma parte clássica e central da devoção cristã, uma preparação decisiva para a obra de oração, e adjunto dessa obra. Sem dúvida, parte do surto de interesse pela meditação Oriental se deve ao fato de as igrejas terem abandonado o campo. Quão deprimente é, para um estudante universitário que busca conhecer o ensino cristão sobre a meditação, descobrir que há tão poucos mestres vivos da oração contemplativa e que quase todos os escritos sérios sobre o assunto têm sete séculos ou mais de idade. Não é de admirar que tal estudante se volte para o zen, para a ioga ou para a meditação transcendental.

Certamente que a meditação não era coisa estranha aos autores das Escrituras.

*"Saíra Isaque a meditar no campo, ao cair da tarde"*  
(Gênesis 24.63).

*"No meu leito, quando de ti me recordo, e em ti medito, durante a vigília da noite"* (Salmo 63.6).

Essas eram pessoas chegadas ao coração de Deus. Deus lhes falava, não porque elas tivessem capacidades especiais, mas porque estavam dispostas a ouvir. Os Salmos, praticamente, cantam das meditações do povo de Deus sobre a lei do Senhor: "Os meus olhos antecipam as vigílias noturnas, para que eu medite nas tuas palavras" (Salmo 119.148). O salmo introdutório do Saltério inteiro chama o povo todo a imitar o homem "bem-aventurado", cujo "prazer está na lei do Senhor, e na sua lei medita de dia e de noite" (Salmo 1.2).

Os escritores cristãos através dos séculos têm falado de um modo de ouvir a Deus, de comunicar-se com o Criador do céu e da terra, de experimentar o Amado Eterno do mundo. Pensadores tão excelentes como Agostinho, Francisco de Assis, François Fénelon, Madame Guyon, Bernardo de Clairvaux, Francisco de Sales, Juliana de Norwich, Irmão Lawrence, George Fox, John Woolman, Evelyn Underhill, Thomas Merton, Frank Laubach, Thomas Kelly e muitos outros falam deste caminho mais excelente.

A Bíblia diz que João, ao receber sua visão apocalíptica (Apocalipse 1.10), encontrava-se "em espírito, no dia do Senhor". Dar-se-ia o caso de João ser treinado numa forma de ouvir e ver, da qual nos temos esquecido? R. D. Laing escreve: "Vivemos em um mundo secular. ... Há uma profecia no livro de Amós, de um época futura e que haverá fome na terra, 'não de pão, nem sede de água, mas de ouvir as palavras do Senhor'. Esse tempo chegou. É a época presente."

Tenhamos a coragem de unir-nos à tradição bíblica e uma vez mais aprender a antiga (não obstante contemporânea) arte da meditação. Que nos juntemos ao salmista e declaremos: “Eu, porém, meditarei nos teus preceitos” (Salmos 119.78).

Há, também, os que acham que a idéia cristã da meditação é sinônima do conceito de meditação centrada na religião Oriental. Em realidade, trata-se de mundos separados. A meditação Oriental é uma tentativa para esvaziar a mente; a meditação cristã é uma tentativa para esvaziar a mente a fim de enchê-la. As duas idéias são radicalmente diferentes.

Todas as formas orientais de meditação acentuam a necessidade de afastamento do mundo. Há ênfase sobre perder a personalidade e a individualidade e fundir-se com a Mente Cósmica. Há um anseio por libertar-se dos fardos e sofrimentos desta vida e ver-se colhido na felicidade que não requer esforço, suspensão, do Nirvana. A identidade pessoal perde-se numa fusão de consciência cósmica. A separação, o desligamento, é a meta final da religião Oriental. É um escape da roda miserável da existência. Não há Deus ao qual ligar-se ou de quem ouvir.

Zen e Ioga são formas populares deste método. A meditação transcendental tem as mesmas raízes budistas, mas em sua forma Ocidental é algo aberrante. Em sua forma popular, a MT é meditação para os materialistas. Não há necessidade da mínima crença no reino espiritual para praticá-la. É meramente um método de controlar as ondas cerebrais a fim de melhorar o bem-estar fisiológico e emocional. As formas mais avançadas de MT envolvem, de fato, a natureza espiritual, e então ela assume exatamente as mesmas características de todas as demais religiões orientais.

A meditação cristã vai muito além da noção de separação. Há necessidade de separação - “sabat de contemplação”, como diz Pedro de Celles, do século XII.

Mas devemos prosseguir buscando a união. O afastamento da confusão toda que nos cerca é para que tenhamos uma união mais rica com Deus e com os demais seres humanos. A meditação cristã leva-nos à inteireza interior necessária para que nos entreguemos livremente a Deus, e também leva-nos à percepção espiritual necessária para atacar os males sociais. Neste sentido, é a mais prática de todas as Disciplinas.

Há o perigo de pensar somente em termos de afastamento, conforme indicou Jesus ao contar a história do homem que se esvaziara do mal mas não se enchera do bem. “Quando o espírito imundo sai do homem... Então vai, e

leva consigo outros sete espíritos, piores do que ele, e, entrando, habitam ali; e o último estado daquele homem se torna pior que o primeiro” (Lucas 11.24-26).

Alguns se afastam da meditação, receosos de que ela seja por demais difícil e complicada. Seria melhor deixar ao profissional que tem mais tempo explorar as regiões interiores? Absolutamente, não. Os especialistas reconhecidos neste campo nunca relatam que estão numa viagem somente para os poucos privilegiados, os gigantes espirituais. Eles ririam de tal idéia. Eles achariam ser o que estavam fazendo uma atividade humana natural - tão natural, e tão importante, quanto respirar. Dir-nos-iam que não temos necessidade de nenhum dom especial nem de poderes psíquicos. Tudo o que teríamos de fazer seria disciplinar e treinar as faculdades latentes que há dentro de nós. Qualquer pessoa capaz de abrir o poder da imaginação pode aprender a meditar. Se formos capazes de dar ouvidos a nossos sonhos, já estaremos dando os primeiros passos. Thomas Merton, que devia conhecer o assunto, escreveu: “A meditação é realmente simples; não há muita necessidade de elaborar técnicas que nos ensinem como proceder a respeito.”

Assim, pois, para que não nos extraviemos, devemos entender que não estamos nos enganando nalguma obra petulante, leviana. Não estamos solicitando o concurso de algum camareiro cósmico. O negócio é sério e até mesmo perigoso. Ele deveria demandar de nós o melhor que temos de pensamento e de energias. Ninguém deveria empreender a meditação meramente por derivativo ou porque outros a estejam praticando. Os que nela entram com tibieza, certamente vão falhar. P. T. Rorhbach escreveu: “A melhor preparação geral para a meditação bem-sucedida é uma convicção pessoal de sua importância e uma firme determinação de perseverar na prática.” Como qualquer trabalho sério, ela é mais difícil nas fases de aprendizado; uma vez que nos tornamos peritos - artífices - ela passa a fazer parte de nossos padrões de hábitos estabelecidos. “Esperar em Deus não é ociosidade”, disse Bernardo de Clairvaux, “mas trabalho maior que qualquer outro trabalho para quem não estiver habilitado.”

Há, também, os que consideram o caminho da contemplação como carente de sentido prático e totalmente fora de contato com o século vinte. Há o receio de que ela produza o tipo de pessoa que Dostoievski immortalizou em seu livro *Os Irmãos Karamazov*, o ascético Padre Ferapont: um homem rígido, farisaico, que por ingente esforço liberta-se do mundo, e então invoca maldições sobre este. Na melhor das hipóteses, tal meditação conduziria a outra mundanidade insalubre que nos mantém imunes ao sofrimento da

raça humana.

Tais avaliações deixam muito a desejar. Em realidade, a meditação é a única coisa que pode suficientemente reorientar nossas vidas de sorte que passamos lidar exitosamente com a vida humana. Thomas Merton escreveu: “A meditação não terá nenhum objetivo e nenhuma realidade a menos que esteja firmemente arraigada na vida.” Historicamente, nenhum grupo acentuou a necessidade de entrar nos silêncios para ouvir, mais do que os quacres; o resultado tem sido um impacto social vital que excede de muito o número dos quacres. Os próprios contemplativos eram homens e mulheres de ação. Meister Eckhart escreveu: “Ainda que a pessoa se encontrasse em arrebatamento como S. Paulo e soubesse de alguém necessitado de alimento, melhor faria alimentando essa pessoa do que permanecendo em êxtase.”

Com freqüência a meditação produzirá discernimentos profundamente práticos, quase mundanos. Advirá instrução sobre como relacionar-se com a esposa ou com o marido, sobre como lidar com este problema delicado ou com aquela situação de negócio. Mais de uma vez tenho recebido orientação sobre qual atitude tomar quando prelecionando numa sala de aula de faculdade. É maravilhoso quando uma meditação especial leva ao êxtase, mas é muito mais comum receber orientação no trato com problemas humanos comuns. Morton Kelsey disse:

*"O que fazemos com nossas vidas exteriormente, o bom cuidado que dispensamos aos outros, é tanto parte da meditação quanto aquilo que fazemos na quietude e volta para o interior. Em realidade, a meditação cristã que não produz diferença na qualidade de vida exterior do indivíduo está em curto-circuito.*

*Pode brilhar por um momento, mas a não ser que ela resulte no encontro de relacionamentos mais ricos e mais amoráveis com outros seres humanos ou na mudança das condições do mundo que causam sofrimento, as possibilidades são de que a atividade de oração do indivíduo falhará."*

Talvez a mais comum de todas as concepções errôneas é considerar a meditação como uma forma religiosa de manipulação psicológica. Ela pode ter valor em fazer baixar nossa pressão sanguínea ou em aliviar a tensão. Ela pode até proporcionar-nos introspecções significativas ajudando-nos a entrar em contato com nossa mente subconsciente. Mas a idéia de contato e comunhão reais com uma esfera espiritual de existência parece anticientífica e

fantasiosamente irracional. Se você acha que vivemos em um universo puramente físico, considerará a meditação como um bom meio de obter um consistente padrão de onda cerebral alfa. (A meditação transcendental tenta projetar exatamente esta imagem, o que a torna altamente apelativa para homens e mulheres seculares modernos.) Se, porém, você acredita que vivemos em um universo criado pelo Deus pessoal e infinito que tem prazer em nossa comunhão com ele, você verá a meditação como comunicação entre o Amante e o amado. Conforme disse Alberto, o Grande: “A contemplação dos santos é inspirada pelo amor do contemplado: isto é, Deus.”

Esses dois conceitos são completamente opostos. Um confina-nos a uma experiência totalmente humana; o outro lança-nos a um encontro divino-humano.

Um fala da exploração do subconsciente; o outro, de “descansar naquele a quem temos encontrado, que nos ama, que está perto de nós, que vem a nós e nos atrai para si.” Ambos parecem religiosos e até usam jargão religioso, mas o primeiro não pode, em última instância, encontrar lugar para a realidade espiritual.

Como, pois, chegamos a crer em um mundo do espírito? Mediante fé cega? De maneira nenhuma. A realidade interior do mundo espiritual está ao alcance de todos quantos estão dispostos a buscá-la. Com frequência tenho descoberto que aqueles que tão gratuitamente difamam o mundo espiritual nunca tomaram dez minutos para investigar se tal mundo realmente existe ou não. Como qualquer outro trabalho científico, formulamos uma hipótese e a experimentamos para ver se é verdadeira ou não. Se nosso primeiro experimento falha, não nos desesperamos nem rotulamos de fraudulento todo o negócio. Reexaminamos nosso procedimento, talvez ajustemos nossa hipótese, e experimentamos de novo.

Deveríamos, pelo menos, ter a honestidade de perseverar nesta obra no mesmo grau que perseveraríamos em qualquer campo da ciência. O fato de que tantos se mostram indispostos a fazê-lo revela, não sua inteligência, mas seu preconceito.

## **Desejando a Voz Viva de Deus**

Há ocasiões em que tudo dentro de nós diz “sim” a estas linhas de Frederick W. Faber:

*"Sentar apenas e pensar em Deus,  
Oh, que alegria é!  
Pensar o pensamento, respirar o Nome;  
Maior felicidade não tem a terra."*

Mas os que meditam sabem que a mais freqüente reação é a inércia espiritual, frieza e falta de desejo. Os seres humanos parece ter uma tendência perpétua de que alguém fale com Deus por eles. Contentamo-nos em receber a mensagem de segunda mão. No Sinai, o povo clamou a Moisés: "Fala-nos tu, e te ouviremos; porém não fale Deus conosco, para que não morramos" (Êxodo 20.19). Um dos erros fatais de Israel foi sua insistência em ter um rei humano em vez de descansar no governo teocrático de Deus. Podemos perceber uma nota de tristeza na palavra do Senhor: "Mas [rejeitaram] a mim, para eu não reinar sobre eles" (1 Samuel 8.7). A história da religião é a história de um esforço quase desesperado de ter um rei, um mediador, um sacerdote, um intermediário. Deste modo não precisamos, nós mesmos, de ir a Deus. Tal método poupa-nos a necessidade de mudar, pois estar na presença de Deus é mudar. Esta forma é muito conveniente porque ela nos dá a vantagem da respeitabilidade religiosa sem exigir transformação moral. Não temos necessidade de observar muito de perto o cenário de nosso país para perceber que ele está fascinado pela religião do mediador.

É por isto que a meditação nos é tão ameaçadora. Ousadamente ela nos convida a entrar na presença viva de Deus por nós mesmos. Ela diz que Deus está falando no presente contínuo e deseja dirigir-se a nós. Jesus e os escritores do Novo Testamento deixam claro que isto não é apenas para os profissionais da religião - os sacerdotes - mas para todos. Todos quantos reconhecem a Jesus Cristo como Senhor são o sacerdócio universal de Deus e como tal podem entrar no Santo dos Santos e conversar com o Deus vivo.

Parece tão difícil levar as pessoas a crer que elas podem ouvir a voz de Deus.

Membros da igreja do Salvador, em Washington, D. C., vêm fazendo experiências neste campo por algum tempo. Concluem eles: "Pensamos que somos gente do século vinte e do século vinte e um; não obstante, temos insinuações de que é possível receber instruções tão claras quanto aquela dada a Ananias. ... 'Dispõe-te e vai à rua que se chama Direita!.'" Por que não? Se Deus está vivo e ativo nos negócios humanos, por que não pode sua voz ser

ouvida e obedecida hoje? Ela pode ser e é ouvida por todos quantos o conhecem como presente Mestre e Profeta.

Como recebemos o desejo de ouvir sua voz? “Este desejo de voltar-se para Deus é um dom da graça. Quem imagina que pode simplesmente começar a meditar sem orar pelo desejo e pela graça de assim fazê-lo, logo desistirá. Mas o desejo de meditar, e a graça de começar a meditar, deveriam ser tomados como uma promessa implícita de mais graças.” Buscar e receber esse “dom da graça” é a única coisa que nos manterá caminhando em direção da jornada interior.

## **Preparando-se para Meditar**

É impossível aprender, através de um livro, a arte de meditar. Aprendemos a meditar, meditando. Contudo, sugestões simples no tempo certo podem produzir uma imensa diferença. As sugestões práticas e os exercícios de meditação nas páginas seguintes são dados na esperança de que possam ajudar na prática real da meditação. Não são leis nem tencionam limitar o leitor; são, antes, umas poucas das muitas janelas que dão para o mundo interior.

Quando se atingiu certa proficiência na vida interior, é possível praticar a meditação quase em toda parte e em qualquer circunstância. O Irmão Lawrence no século dezessete e Thomas Kelly no século vinte dão eloqüente testemunho desse fato. Tendo dito isso, porém, devemos ver a importância tanto para os principiantes como para os proficientes de reservar um parte de cada dia para a meditação formal. Se milhares incontáveis podem tomar vinte minutos duas vezes por dia para recitar um mantra, não deveríamos ter menor dedicação de estabelecer momentos para meditação.

Uma vez convencidos de que necessitamos separar momentos específicos para a contemplação, devemos prevenir-nos contra a noção de que praticar certos atos religiosos em determinadas horas significa que estamos finalmente meditando.

Esta é uma obra para a vida toda. É um trabalho de vinte e quatro horas por dia. A oração contemplativa é um modo de vida. “Orai sem cessar”, exortou Paulo (1 Tessalonicenses 5.17). Com um toque de humor Pedro de Celles observou que “aquele que ronca na noite do vício não pode conhecer a luz da contemplação”.

É preciso, pois, que cheguemos a ver o quanto é central o todo de

nosso dia em preparar-nos para momentos específicos de meditação. Se estivermos constantemente entusiasmados com atividade frenética, não poderemos estar atentos nos instantes de silêncio interior. Uma mente perseguida e fragmentada por assuntos externos dificilmente está preparada para a meditação. Os Pais da igreja freqüentemente falavam do *Otium Sanctum*: “ócio santo”. Isso quer dizer um senso de equilíbrio na vida, uma capacidade de estar em paz durante as atividades do dia, uma capacidade de descansar e separar tempo para desfrutar da beleza, uma capacidade de regular nosso próprio passo. Com nossa tendência para definir as pessoas em termos do que elas produzem, fariamos bem em cultivar o “ócio santo” com determinação no que tange às agendas de nossas entrevistas.

E quanto a um lugar para meditação? Isto será discutido em detalhe ao tratarmos da Disciplina da solitude; por ora, bastam umas poucas palavras. Procure um lugar calmo e livre de interrupção. Sem telefone por perto. Se possível, um lugar entre árvores e plantas. É melhor ter um lugar certo em vez de andar à cata de um local diferente cada dia.

Que dizer da postura? Em certo sentido a postura não faz diferença alguma; você pode orar em qualquer parte, em qualquer momento, e em qualquer posição. Noutra sentido, porém, a postura é de máxima importância. O corpo, a mente e o espírito são inseparáveis. A tensão do espírito é telegrafada em linguagem corporal. Tenho realmente visto pessoas passarem todo um culto de adoração mascando chiclete, sem a mais leve consciência da profunda tensão em que se encontram. Não somente a postura exterior reflete o estado interior, como também pode ajudar a nutrir a atitude interior de oração. Se interiormente estamos fragmentados com distrações e ansiedade, uma postura de paz e descontração, conscientemente escolhida, terá a tendência de acalmar nosso turbilhão interior.

Não há “leis” que prescrevam uma postura correta. A Bíblia contém de tudo, desde jazer prostrado no chão até estar em pé, com as mãos e a cabeça erguidas para os céus. A posição de lótus das religiões orientais é simplesmente outro exemplo - não uma lei - de postura. O melhor método seria encontrar uma posição com o máximo de conforto e com o mínimo de distração. O excelente místico do século catorze, Ricardo Rolle, preferia estar sentado, “... porque eu sabia que eu... permaneceria mais tempo... do que andando, ou em pé, ou ajoelhado.

Porque sentado estou muitíssimo à vontade, e meu coração muitíssimo elevado”.

Concordo perfeitamente, e acho melhor sentar-me numa cadeira, com as costas corretamente posicionadas na cadeira e ambos os pés apoiados no chão. Sentar-se com o corpo curvado indica desatenção e o cruzar das pernas restringe a circulação do sangue. Coloque as mãos sobre os joelhos, com as palmas voltadas para cima, num gesto de receptividade. Às vezes é bom fechar os olhos a fim de afastar as distrações e concentrar a atenção no Cristo vivo. Outras vezes é útil ponderar sobre um quadro do Senhor ou olhar lá fora as lindas árvores e plantas com a mesma finalidade. Sem levar em conta como se faz, o objetivo é concentrar a atenção do corpo, as emoções, a mente e o espírito na “glória de Deus na face de Cristo” (2 Coríntios 4.6).

## **Como Meditar – Primeiros Passos**

Entra-se com muito maior facilidade no mundo interior da meditação pela porta da imaginação. Deixamos hoje de avaliar seu profundo poder. A imaginação é mais forte do que o pensamento conceitual e mais forte do que a vontade. No Ocidente, nossa tendência para endeusar os méritos do racionalismo - e ele tem mérito, sim - tem-nos levado a ignorar o valor da imaginação.

Alguns raros indivíduos talvez possam exercer a contemplação num vazio sem imagens, mas a maior parte de nós sentimos necessidade de estar mais profundamente arraigados nos sentidos. Jesus ensinou assim, fazendo constante apelo para a imaginação e para os sentidos. No seu livro *Introdução à Vida Devota*, Francisco de Sales escreveu:

*"Por meio da imaginação confinamos nossa mente ao mistério sobre o qual meditamos, para que ela não vagueie de um lado para o outro, assim como engaiolamos um pássaro ou prendemos um falcão com sua própria correia de sorte que ele possa descansar na mão. Talvez alguém lhe diga que é melhor usar o simples pensamento de fé e conceber o assunto de uma maneira inteiramente mental e espiritual na representação dos mistérios, ou então imaginar que as coisas ocorrem em sua própria alma. Este método é sutil demais para principiantes."*

Devemos, simplesmente, convencer-nos da importância de pensar e experimentar por meio de imagens mentais. Quando crianças, isto nos vinha tão espontaneamente, mas agora, durante anos temos sido treinados a deixar de lado a imaginação, e até mesmo a temê-la. Em sua autobiografia, C. G. Jung descreve quão difícil lhe foi humilhar-se e uma vez mais jogar os jogos

de imaginação de uma criança, e fala do valor dessa experiência. Assim como as crianças precisam aprender a pensar com lógica, os adultos necessitam redescobrir a realidade mágica da imaginação.

Inácio de Loyola em sua obra Exercícios Espirituais constantemente incentivava seus leitores a visualizar as histórias do Evangelho. Todo exercício de contemplação que ele deu destinava-se a abrir a imaginação. Ele chegou a incluir uma meditação intitulada “aplicação dos sentidos”, que é uma tentativa de ajudar-nos a utilizar os cinco sentidos quando retratamos os acontecimentos do Evangelho. Seu pequeno volume de exercícios de meditação, com ênfase sobre a imaginação, causou tremendo impacto para o bem no século dezesseis.

É bom começar o aprendizado da meditação com os sonhos, uma vez que isto envolve pouco mais do que prestar atenção a algo que já estamos fazendo.

Durante quinze séculos os cristãos, em esmagadora maioria, consideraram os sonhos como um meio natural pelo qual o mundo do espírito irrompia em nossas vidas. Kelsey, autor de *Dreams: The Dark Speech of the Spirit* (Sonhos: A Linguagem Obscura do Espírito), observa: “... todos os grandes Pais da igreja primitiva, de Justino Mártir a Ireneu, de Clemente e Tertuliano a Orígenes e Cipriano, criam que os sonhos eram um meio de revelação.”

Com o racionalismo da Renascença veio certo cepticismo a respeito dos sonhos.

Então, nos dias formativos do desenvolvimento da psicologia, Freud acentuou principalmente o aspecto negativo dos sonhos, visto que ele trabalhou quase inteiramente com doenças mentais. Daí que os homens e as mulheres modernos revelaram tendência para ignorar totalmente os sonhos, ou recear que o interesse por eles redundaria em neurose. Não há necessidade de ser assim; e, de fato, se atentarmos bem, os sonhos podem ajudar-nos a encontrar mais maturidade e saúde.

Se estivermos convencidos de que os sonhos podem ser uma chave que abre a porta do mundo interior, podemos fazer três coisas práticas. Em primeiro lugar, podemos orar especificamente, pedindo a Deus que nos informe através de nossos sonhos. Devemos dizer-lhe de nossa disposição de permitir que ele nos fale deste modo. Ao mesmo tempo, é prudente orar pedindo proteção, uma vez que o abrir-nos à influência espiritual pode ser perigoso assim como proveitoso.

Simplemente pedimos a Deus que nos cerque com a luz de sua proteção à medida que ele assiste nosso espírito.

Em segundo lugar, deveríamos começar a registrar nossos sonhos. As pessoas não se lembram dos seus sonhos porque não lhes prestam atenção. Manter um diário de nossos sonhos é uma forma de levá-los a sério. É, naturalmente, tolice considerar todo sonho como profundamente significativo ou como alguma revelação de Deus. Maior tolice ainda é considerar os sonhos como apenas caóticos e irracionais. No registro dos sonhos começam a surgir certos padrões e discernimentos. Em pouco tempo é-nos fácil distinguir entre sonhos significativos e os que resultam de ter visto o último espetáculo da noite anterior.

Isto conduz à terceira consideração - como interpretar os sonhos. O melhor meio de descobrir o significado dos sonhos é pedir. “Nada tendes, porque não pedis” (Tiago 4.2). Podemos confiar em que Deus trará discernimento se e quando for necessário. Às vezes convém consultar os especialistas nessas questões.

Benedict Pererius, que viveu no século dezesseis, sugere que o melhor intérprete dos sonhos é a “... pessoa muito experimentada no mundo e nos negócios da humanidade, com um amplo interesse em tudo quanto é humana, e aberta à voz de Deus”.

## **Como Meditar – Exercícios Específicos**

Há uma progressão na vida espiritual. Não é prudente apetrechar-se para galgar o monte Everest antes de ter tido alguma experiência em picos mais baixos. Por isso eu recomendaria começar com um período diário de cinco a dez minutos. Este tempo destina-se a aprender a “concentrar-se”, “acalmar-se”, ou o que os contemplativos da Idade Média chamavam de “lembrar-se”. É tempo para ficar quieto, para entrar no silêncio recriador, para permitir que a fragmentação de nossa mente venha a concentrar-se.

A seguir damos dois breves exercícios que o ajudarão a “concentrar-se”. O primeiro é “palmas para baixo, palmas para cima”. Comece colocando as palmas das mãos voltadas para baixo, como indicação simbólica de seu desejo de transferir para Deus quaisquer preocupações que você possa ter. Interiormente você pode orar: “Senhor, eu te dou minha ira contra o João. Liberto o medo que tenho de ir ao dentista esta manhã. Rendo-te minha ansiedade por não ter dinheiro suficiente com que pagar as contas deste mês. Liberto minha frustração por não encontrar alguém que tome conta de meus

filhos esta noite.” Seja o que for que pese em sua mente ou que o preocupe, simplesmente diga-o, com as “palmas para baixo”. Libere esse problema. Você pode até sentir certo senso de libertação nas mãos. Após alguns momentos de submissão, vire as palmas das mãos para cima, como símbolo do desejo de receber algo do Senhor. Você pode orar silenciosamente, dizendo: “Senhor, gostaria de receber teu divino amor para o João, tua paz com referência à cadeira do dentista, tua paciência, tua alegria.” Qualquer que seja sua necessidade, diga-a, com as palmas das mãos “para cima”. Tendo-se concentrado, passe os momentos restantes em completo silêncio. Não peça nada. Permita que o Senhor comungue com seu espírito, que o ame. Se as impressões ou direções vierem, ótimo; se não, ótimo.

Outra meditação com vistas a concentrar-se começa com a respiração. Tendo-se assentado confortavelmente, torne-se, com vagar, cômico de sua respiração.

Isto o ajudará a entrar em contato com seu corpo e indicará o nível de tensão interior. Inspire profundamente, e com vagar vá inclinando a cabeça para trás até onde possível. Depois expire, permitindo que a cabeça venha lentamente para a frente até que o queixo quase se apoie no peito. Faça isto durante alguns momentos, orando interiormente algo assim: “Senhor, exalo o medo que tenho do exame de Geometria, inalo tua paz. Exalo minha apatia espiritual, inalo tua luz e vida.” Então, como antes, fique em silêncio exterior e interiormente. Esteja atento ao Cristo vivo no interior. Se a sua atenção se desvia para a carta que deve ser ditada, ou para as janelas que precisam ser limpas, “exale” o problema nos braços do Mestre e aspire seu divino sopro de paz. Então ouça de novo.

Encerre cada meditação com uma autêntica expressão de ações de graças.

Depois que você adquirir certa proficiência em concentrar-se, acrescente uma meditação de cinco a dez minutos sobre algum aspecto da criação. Escolha algo na ordem criada: árvores, plantas, pássaros, folhas, nuvens, e diariamente pondere sobre isso, com cuidado e em espírito de oração. Deus, que criou os céus e a terra, usa a criação para mostrar-nos algo de sua glória e dar-nos algo de sua vida. “O mais simples e mais antigo meio... pelo qual Deus se manifesta é... através da terra e na própria terra. Ele ainda nos fala por meio da terra e do mar, das aves do céu e das pequenas criaturas que vivem na terra, desde que façamos silêncio para ouvir.” Não deveríamos negligenciar este recurso da graça de Deus, pois, como nos adverte Evelyn Underhill:

*"Evitar a natureza, recusar sua amizade e tentar saltar o rio da vida na esperança de encontrar Deus do outro lado, é o erro comum de uma mística pervertida. ... Assim, você deve começar com aquela primeira forma de contemplação que os antigos místicos às vezes chamavam de 'descoberta de Deus em suas criaturas'."*

Tendo praticado durante algumas semanas os dois tipos de meditação dados acima, você desejará adicionar a meditação das Escrituras. Como a calota de uma roda, a meditação das Escrituras torna-se o ponto central de referência pelo qual todas as demais meditações são mantidas em devida perspectiva. A *meditatio Scripturarum* é considerada por todos os mestres como o fundamento normal da vida interior. Ao passo que o estudo das Escrituras se concentra na exegese, a meditação das Escrituras concentra-se em internar e personalizar a passagem. A Palavra escrita torna-se uma palavra viva endereçada a você.

Tome um simples acontecimento, como a ressurreição, ou uma parábola, ou uns poucos versículos, ou mesmo uma simples palavra e deixe que isso crie raízes em você. Busque viver a experiência, lembrando-se do incentivo de Inácio de Loyola de aplicar todos os sentidos à nossa tarefa. Sinta o cheiro do mar. Ouça o marulhar da água ao longo da praia. Veja a multidão. Sinta o sol sobre a cabeça e a fome no estômago. Prove o sal do ar. Toque a orla do manto de Cristo. Francisco de Sales instruiu-nos a:

*"... representar na imaginação todo o mistério sobre o qual você deseja meditar como se ele realmente se desse em sua presença. Por exemplo, se você deseja meditar sobre nosso Senhor na Cruz, imagine-se no monte Calvário, contemplando e ouvindo tudo quanto foi feito ou dito no dia da Paixão."*

Ao entrar na história, não como um observador passivo, mas como um participante ativo, lembre-se de que uma vez que Jesus vive no Agora Eterno e não é limitado pelo tempo, o acontecimento do passado é uma experiência viva no tempo presente para ele. Daí, você pode realmente encontrar o Cristo vivo no acontecimento, ser alcançado por sua voz e ser tocado por seu poder curador. Isto pode ser mais do que um exercício da imaginação; pode ser um autêntico confronto. Jesus Cristo realmente virá a você.

Esta não é a hora para estudos técnicos de palavras, ou de análise, ou mesmo de reunião de material para repartir com outras palavras. Ponha de lado todas as tendências à arrogância e com coração humilde receba a Palavra

que lhe é dirigida. Com frequência acho que o ajoelhar é especialmente apropriado para este momento especial. Dietrich Bonhoeffer disse: “... assim como você não analisa as palavras de alguém a quem você ama, mas aceita-as conforme lhe são ditas, aceite a Palavra da Escritura e pondere-a em seu coração, como o fez Maria. Isso é tudo. Isso é meditação.” Quando Bonhoeffer fundou o seminário em Finkenwalde, os seminaristas e professores aceitaram e praticaram meia hora de meditação silenciosa, em conjunto, sobre as Escrituras.

É importante resistir à tentação de examinar superficialmente muitas passagens.

A pressa reflete o nosso estado interior e é este estado que precisa ser transformado. Bonhoeffer recomendava passar uma semana inteira num único texto!

Além disso, você desejará viver o dia todo com o texto bíblico escolhido.

Uma quarta forma de meditação tem como objetivo levar o leitor a uma profunda comunhão interior com o Pai, na qual você olha para ele e ele olha para você.

Na imaginação, veja a si mesmo caminhando por uma bonita estrada na floresta.

Não se apresse, permitindo que o som de folhas farfalhantes e riachos frescos da floresta supere o barulho ensurdecedor de nossa moderna megalópole. Após observar a si mesmo por uns instantes, tome a perspectiva de alguém que está andando, em vez de alguém que está sendo observado. Tente sentir a brisa no rosto como se ela soprasse suavemente, levando toda a sua ansiedade. Pare ao longo do caminho para meditar na beleza das flores e dos pássaros. Quando puder experimentar o cenário com todos os sentidos, o caminho terminará, repentinamente, numa bela colina gramada. Ande pelo luxuriante e grande prado cercado por pinheiros majestosos. Após explorar o prado por algum tempo, deite-se de costas, olhando para cima, para o céu azul e para as brancas nuvens. Desfrute a paisagem e os odores. Dê graças ao Senhor pela beleza.

Pouco tempo depois há um anelo de entrar nas regiões superiores além das nuvens. Na imaginação, deixe que seu corpo espiritual, brilhante de luz, saia do corpo físico. Olhe para trás a fim de ver-se deitado na grama; acalme o corpo dizendo-lhe que você retornará em breve. Imagine o seu eu espiritual,

vivo e vibrante, subindo pelas nuvens e entrando na atmosfera. Observe o seu corpo físico, a colina, e a floresta distante à medida que você deixa a terra.

Entre mais e mais no espaço exterior até que nada haja, exceto a cálida presença do Criador eterno. Descanse em sua presença. Ouça silenciosamente, prevendo o imprevisto. Observe cuidadosamente qualquer instrução dada. Com tempo e experiência você poderá distinguir prontamente entre o mero pensamento humano que pode aflorar à mente consciente e o Verdadeiro Espírito que interiormente se move sobre o coração. Não se surpreenda se a instrução for terrivelmente prática e não conter nada do que você pensava ser “espiritual”.

Não fique desapontado se não houver palavras; como bons amigos, vocês estão silenciosamente desfrutando a companhia um do outro. Chegada a hora de sair, audivelmente agradeça ao Senhor sua bondade e retorne ao prado. Ande alegremente de volta ao longo do caminho até chegar ao lar, pleno de nova vida e energia.

Há uma quinta forma de meditação, a qual, em certos sentidos, é bem o oposto da que acabamos de apresentar. Trata-se de meditar sobre os acontecimentos de nosso tempo e buscar perceber seu significado. Temos uma obrigação espiritual de penetrar o significado interior dos acontecimentos e das pressões políticas, não para adquirir poder, mas para obter perspectiva profética. Thomas Merton disse que a pessoa

*"... que tem meditado sobre a Paixão de Cristo mas não tem meditado sobre os campos de extermínio de Dachau e Auschwitz ainda não entrou plenamente na experiência do Cristianismo em nosso tempo. ... Na verdade, o contemplativo deve, acima de tudo, meditar e meditar sobre essas terríveis realidades tão sintomáticas, tão importantes, tão proféticas."*

Esta forma de meditação é mais bem realizada, tendo-se a Bíblia em uma das mãos e o jornal do dia na outra! Não se deixe, porém, controlar pelos absurdos lugares-comuns políticos nem pela propaganda que nos é oferecida hoje. Na verdade, os jornais são geralmente muitíssimo superficiais e parciais para que sejam de alguma ajuda. Seria bom que levássemos os eventos de nosso tempo à presença de Deus e pedíssemos visão profética para discernir o rumo que esses acontecimentos tomam. Deveríamos, também, pedir orientação para qualquer coisa que pessoalmente devêssemos estar fazendo a fim de sermos sal e luz de nosso mundo decadente e tenebroso.

Não se desanime se no princípio suas meditações não tiverem

significado. Você está aprendendo uma arte para a qual não recebeu preparo algum. Nem a nossa cultura nos incentiva a desenvolver essas habilidades. Você estará indo contra a maré, mas tenha ânimo; sua tarefa é de valor imenso.

Há muitos outros aspectos da Disciplina da Meditação que poderiam ter sido proveitosamente considerados. Contudo a meditação não é um ato simples, nem pode ser completada da forma como se completa a construção de uma cadeira. É um modo de vida. Você estará constantemente aprendendo e crescendo à medida que penetra as profundezas interiores.

(Dois tópicos intimamente relacionados com a meditação serão estudados sob a Disciplina da solitude: o uso criativo do silêncio, e o conceito desenvolvido por S. João da Cruz, que ele graficamente chama de “a escura noite da alma”.

### 3. A DISCIPLINA DA ORAÇÃO

*"Eu sou o fundamento de tua súplica; primeiro, é minha vontade que recebas o que suplicas; depois, faço-te desejá-lo; e então faço-te suplicá-lo e tu o suplicas. Como, pois, não haverias de receber o que suplicas?" - Juliana de Norwich*

A oração arremessa-nos à fronteira da vida espiritual. É pesquisa original em território inexplorado. A meditação introduz-nos na vida interior; o jejum é um recurso concomitante, mas a Disciplina da oração é o que nos leva à obra mais profunda e mais elevada do espírito humano. A oração verdadeira cria e transforma a vida. “A oração - a oração secreta, fervorosa, de fé - jaz à raiz de toda piedade pessoal”, escreve William Carey.

Orar é mudar. A oração é a avenida central que Deus usa para transformar-nos.

Se não estivermos dispostos a mudar, abandonaremos a oração como característica perceptível de nossas vidas. Quanto mais nos aproximamos do pulsar do coração de Deus, tanto mais vemos nossa necessidade e tanto mais desejamos assemelhar-nos a Cristo. William Blake diz que nossa tarefa na vida é aprender a produzir os “raios de amor” de Deus. Com que frequência criamos mantos de evasão - abrigos à prova de raios - a fim de evitarmos o Amante Eterno. Mas quando oramos, lenta e graciosamente Deus revela nossos esconderijos e nos livra deles. “Pedis, e não recebeis, porque pedis mal, para esbanjardes em vossos prazeres” (Tiago 4.3). Pedir “corretamente”

envolve paixões transformadas, renovação total. Na oração, na verdadeira oração, começamos a pensar os pensamentos de Deus à sua maneira: desejamos as coisas que ele deseja, amamos as coisas que ele ama. Progressivamente, aprendemos a ver as coisas da perspectiva divina.

Todos quantos têm andado com Deus consideraram a oração como principal negócio de suas vidas. As palavras de Marcos, “Tendo-se levantado alta madrugada, saiu, foi para um lugar deserto, e ali orava”, soam como um comentário sobre o estilo de vida de Jesus (Marcos 1.35). Davi deseja que Deus quebre as cadeias de auto-indulgência do sono: “de madrugada te buscarei” (Salmo 63.1, Edição Revista e Corrigida). Quando os apóstolos foram tentados a investir suas energias em outros mistérios importantes e necessários, eles decidiram entregar-se continuamente à oração e ao ministério da Palavra (Atos 6.4).

Martinho Lutero declarou: “Tenho tanto o que fazer que não posso prosseguir sem passar três horas diariamente em oração.” Ele sustentava como axioma espiritual que “Aquele que orou bem, estudou bem.” João Wesley disse: “Deus nada faz senão em resposta à oração”, e apoiava sua convicção devotando duas horas diariamente a esse exercício sagrado. O característico mais notável da vida de David Brainerd foi sua vida de oração. Seu diário está cheio de relatos de oração, jejum e meditação. “Gosto de estar sozinho em meu chalé, onde posso passar bastante tempo em oração.” “Hoje separo este dia para jejum secreto e oração a Deus.” “Quando volto ao lar e entrego-me à meditação, à oração, e ao jejum...”

Para esses exploradores nas fronteiras da fé, a oração não era um pequeno hábito preso à periferia de suas vidas - ela era a vida deles. Foi o trabalho mais sério de seus anos mais produtivos. William Penn testemunhou de George Fox que, “Acima de tudo ele avantajou-se em oração... A mais espantosa, viva e venerável estrutura que já senti ou contemplei, devo dizer, era a dele em oração.” Adoniram Judson buscava retirar-se dos afazeres e das pessoas sete vezes por dia a fim de engajar-se no sagrado mister da oração. Ele começava à meia-noite e de novo ao alvorecer; depois às nove, às doze, às quinze, às dezoito e às vinte e uma horas ele daria tempo à oração secreta. John Hyde, da Índia, fez da oração um característico tão dominante de sua vida que foi apelidado de “Hyde que Ora”. Para esses, e para todos os que enfrentaram com bravura as profundezas da vida interior, respirar era orar.

Tais exemplos, contudo, em vez de estimular a muitos de nós, desanimam-nos.

Esses “gigantes da fé” acham-se tão distantes de qualquer coisa que tenhamos que experimentar que chegamos a desesperar-nos. Mas em vez de flagelar-nos por nossa falha óbvia, deveríamos lembrar-nos de que Deus sempre nos encontra onde estamos e lentamente nos conduz a coisas mais profundas. Os corredores ocasionais não entram subitamente numa maratona olímpica. Eles se preparam e treinam durante muito tempo, e o mesmo deveríamos nós fazer. Se observarmos tal progressão, podemos esperar orar com maior autoridade e êxito espiritual daqui a um ano.

É fácil sermos derrotados logo de início por nos haverem ensinado que tudo no universo já foi determinado, e assim as coisas não podem ser mudadas. Podemos melancolicamente sentir-nos desse modo, mas não é isso o que a Bíblia ensina.

Os suplicantes que encontramos na Bíblia agiam como se suas orações pudessem fazer e fizessem uma diferença objetiva. O apóstolo Paulo alegremente anunciou que “somos cooperadores de Deus” (1 Coríntios 3.9); isto é, estamos trabalhando com Deus para determinar o resultado dos acontecimentos. O estoicismo, e não a Bíblia, é que exige um universo fechado. Muitos, com sua ênfase sobre aquiescência e resignação ao modo de ser das coisas como “a vontade de Deus”, aproximam-se mais de Epícteto que de Cristo. Moisés foi ousado na oração porque acreditava poder mudar as coisas, e mudar até mesmo a mente de Deus. De fato, a Bíblia de tal modo acentua a abertura de nosso universo que, num antropomorfismo duro para os ouvintes modernos, ela fala que Deus constantemente muda de idéia de acordo com seu amor imutável (Êxodo 32.14; Jonas 3.10).

Isto vem como um verdadeiro livramento a muitos nós, mas também coloca diante de nós uma tremenda responsabilidade. Estamos cooperando com Deus para determinar o futuro! Certas coisas acontecerão na história se orarmos corretamente. Devemos mudar o mundo pela oração. Que motivação maior necessitamos para aprender este sublime exercício humano?

A oração é um assunto tão vasto e tão complexo que de imediato reconhecemos a impossibilidade de mesmo levemente tocar em todos os seus aspectos num único capítulo. Tem-se escrito uma miríade de livros verdadeiramente bons sobre a oração, sendo um dos melhores o clássico de Andrew Murra, “With Christ in the School of Prayer” (Com Cristo na Escola da Oração). Faríamos bem em ler muito e experimentar profundamente se desejamos conhecer os caminhos da oração. Uma vez que a restrição freqüentemente aumenta a clareza, este capítulo limitar-se-á a ensinar-nos como orar a favor de outras pessoas, com êxito espiritual. Homens e

mulheres de nossos tempos sentem tão grande necessidade da ajuda que possamos proporcionar-lhes, que nossas melhores energias deveriam ser devotadas a esse mister.

## **Aprendendo a Orar**

A verdadeira oração é algo que aprendemos. Os discípulos pediram a Jesus:

“Senhor, ensina-nos a orar” (Lucas 11.1). Eles haviam orado a vida toda, não obstante, algo acerca da qualidade e quantidade da oração de Jesus levou-os a ver quão pouco sabiam a respeito da oração. Se a oração deles havia de produzir alguma diferença no cenário humano, era preciso que eles aprendessem algumas coisas.

Uma das experiências libertadoras em minha vida aconteceu quando entendi que a oração implicava um processo de aprendizado. Senti-me livre para indagar, para experimentar, até mesmo para falhar, pois eu sabia que estava aprendendo.

Durante anos eu havia orado por tudo e com grande intensidade, mas com pouco êxito. Então eu vi a possibilidade de estar eu fazendo algumas coisas erradas, podendo entretanto aprender de modo diferente. Peguei os Evangelhos e recortei todas as referências à oração e coleí-as em folhas de papel. Ao ler o ensino do Novo Testamento sobre a oração, de uma sentada, fiquei chocada. Ou as escusas e racionalizações para explicar a oração não respondida estavam erradas, ou estavam erradas as palavras de Jesus. Resolvi aprender a orar, de modo que minha experiência fosse conforme com as palavras de Jesus em vez de tentar fazer suas palavras conformes com a minha empobrecida experiência.

Talvez a mais surpreendente característica de Jesus ao orar seja que, ao fazê-lo em favor de outros, nunca terminava dizendo “se for da tua vontade”.

Nem o fizeram os apóstolos e profetas quando oraram a favor de outros.

Obviamente acreditavam conhecer a vontade de Deus antes que fizessem a oração da fé. Estavam tão imersos no ambiente do Espírito Santo que, ao encontrarem uma situação específica, sabiam o que se deveria fazer. A oração era tão positiva que freqüentemente tomava a forma de uma ordem direta, autoritária:

“Anda”, “Fica bom”, “Levanta-te”. Notei que, ao orar por outros,

evidentemente não havia lugar para orações indecisas, tentativas, meio esperançosas, que terminam com “se for da tua vontade”.

A seguir procurei indivíduos que pareciam experimentar maior poder e eficácia do que eu, na oração, e lhes pedi que me ensinassem tudo o que sabiam. Além disso, busquei a sabedoria e experiência dos mestres de oração do passado, lendo todos os bons livros que eu pudesse encontrar sobre o assunto. Comecei estudando os homens de oração do Antigo Testamento com novo interesse.

Ao mesmo tempo, comecei a orar em favor de outros com a expectativa de que ocorreria uma mudança. Sou tão grato por não haver esperado até que eu fosse perfeito ou tivesse tudo direitinho antes de orar por outros; doutra forma, eu nunca teria começado. P. T. Forsythe disse: “A oração é para a religião o que a pesquisa original é para a ciência.” Percebi que eu estava me engajando em “pesquisa original” na escola do Espírito. Não se pode descrever a emoção que eu sentia. Cada fracasso aparente levava a um novo processo de aprendizado. Cristo era meu Mestre, de sorte que aos poucos sua palavra começou a confirmar-se em minha experiência. “Se permanecerdes em mim e as minhas palavras permanecerem em vós, pedirei o que quiserdes, e vos será feito” (João 15.7).

O entendimento de que a obra da oração demanda um processo de aprendizado livra-nos de arrogantemente descartá-la como falsa ou irreal. Se ligarmos nosso aparelho de televisão e ele não funcionar, não declaramos que não existem ondas de televisão no ar. Supomos que algo está errado, algo que podemos encontrar e corrigir. Verificamos a tomada de força, a chave, até descobrirmos o que está bloqueando o fluxo desta misteriosa energia que transmite imagens através do ar. Certificamo-nos de que o problema foi localizado e o defeito consertado vendo se o aparelho funciona ou não. É assim com a oração. Podemos determinar se estamos orando da forma certa se os pedidos se realizam. Se não, procuramos o “defeito”; talvez estejamos orando de forma errada, talvez algo dentro de nós precise de mudança, talvez haja novos princípios de oração a ser aprendidos, talvez precisemos de paciência e persistência. Ouvimos, fazemos os ajustes necessários e tentamos de novo. Podemos ter a segurança de que nossas orações estão sendo respondidas com a mesma certeza que temos de que o aparelho de televisão está funcionando.

Um dos mais decisivos aspectos do aprendizado da oração pelos outros é entrar em contato com Deus de sorte que sua vida e seu poder sejam canalizados para outros por nosso intermédio. Muitas vezes supomos que

estamos em contato quando não estamos. Por exemplo, dezenas de programas de rádio e televisão passaram pela sua sala enquanto você lia estas palavras, mas você deixou de captá-los porque não estava sintonizado com o canal. É muito freqüente que as pessoas orem e orem com toda a fé que há no mundo, e nada acontece. Naturalmente, não estavam em sintonia com o canal. Começamos a orar pelos outros primeiramente concentrando-nos e ouvindo o trovão calmo do Senhor dos exércitos. Afinar-nos com os sopros divinos é obra espiritual; sem isto, porém, nossa oração é vã repetição (Mateus 6.7). Ouvir ao Senhor é a primeira coisa, a segunda coisa e a terceira coisa necessária à oração bem-sucedida. Soren Kierkegaard certa vez observou: “Alguém orava pensando, a princípio, que a oração era falar; mas foi-se calando mais e mais até que, afinal, percebeu que a oração é ouvir.”

A meditação é o prelúdio necessário à intercessão. A obra de intercessão, às vezes denominada oração da fé, pressupõe que a prece de orientação está perpetuamente ascendendo ao Pai. Devemos ouvir, conhecer a vontade de Deus e a ela obedecer antes que a peçamos para a vida de outros. A oração de orientação constantemente precede e cerca a oração da fé.

Portanto, o ponto inicial para aprender a orar pelos outros é dar ouvidos à orientação. Em questões de problemas físicos, sempre tendemos a orar primeiro pelas situações mais difíceis: câncer terminal ou esclerose múltipla. Mas quando ouvimos, aprendemos a importância de começar por coisas menores como resfriados ou dores de ouvido. O êxito nos pequenos cantos da vida dá-nos autoridade nas questões maiores. Na quietude, aprenderemos não somente quem é Deus mas como seu poder opera.

Às vezes temos medo de não ter fé suficiente para orar por este filho ou por aquele casamento. Nossos temores deveriam ser sepultados, pois a Bíblia nos diz que os grandes milagres são possíveis pela fé do tamanho de um pequenino grão de mostarda. De modo geral, a coragem para orar a favor de uma pessoa é sinal de fé suficiente. Com freqüência o que nos falta não é fé, mas compaixão.

Parece que a verdadeira empatia entre o suplicante e o beneficiário de nossa súplica estabelece a diferença. A Bíblia diz que Jesus “compadeceu-se” das pessoas. Compaixão foi um aspecto evidente de toda cura registrada no Novo Testamento. Não oramos pelas pessoas como “coisas” mas como “pessoas” a quem amamos. Se tivermos compaixão e interesse dados por Deus, ao orarmos pelos outros nossa fé crescerá e se fortalecerá. Com efeito, se verdadeiramente amarmos as pessoas, desejaremos a elas muito mais do que podemos dar-lhes, e isso nos levará a orar.

O senso interior de compaixão é um dos mais nítidos indícios da parte do Senhor de que este é um projeto de oração para você. Nas horas de meditação pode vir ao coração um impulso, uma compulsão para interceder, uma certeza de acerto, um fluxo do Espírito. Este “sim” interior é a autorização divina para que você ore pela pessoa ou situação. Se a idéia vier acompanhada de um senso de abatimento, é provável então que você deve deixar o assunto de lado. Deus guiará outrem a orar pelo problema.

## **Os picos menos elevados da Oração**

Nunca deveríamos complicar demais a oração. Somos propensos a isso uma vez que entendemos que a oração é algo que devemos aprender. Também é fácil ceder a esta tentação porque quanto mais complicada fazemos a oração, tanto mais as pessoas dependem de nós para aprender como fazê-lo. Jesus, porém nos ensinou a dirigir-nos como crianças a um pai. Franqueza, honestidade e confiança marcam a comunicação do filho com o pai. Há certa intimidade entre pai e filho com espaço tanto para a seriedade como para a gargalhada. Meister Eckhart observou que “A alma produzirá a pessoa se Deus rir para ela e ela, em retribuição, rir para ele”.

Jesus ensinou-nos a orar pelo pão de cada dia; uma criança pede a refeição matinal na plena confiança de que esta será provida. Ela não precisa esconder algumas fatias do pão de hoje com receio de que amanhã não haverá nenhuma fatia disponível; no que a ela concerne, há um inesgotável abastecimento de pão. Uma criança não acha difícil ou complicado conversar com seu pai, nem ela se sente constrangida em trazer à atenção dele a mais simples necessidade.

As crianças ensinam-nos o valor da imaginação. Como acontece com a meditação, a imaginação é um instrumento poderoso na obra da oração. Podemos ser reticentes em orar com a imaginação, achando que ela está ligeiramente abaixo de nós. As crianças não têm tal reticência. Em Saint Joan (Santa Joana), de George Bernard Shaw, Joana d'Arc insistia em que ela ouvia vozes que vinham de Deus. Os cépticos disseram-lhe que ela ouvia vozes vindas de sua imaginação.

Inalterada, Joana respondeu: “Sim, é desse modo que Deus fala comigo.”

A imaginação abre a porta da fé. Se pudermos “ver” com os olhos de nossa mente um casamento refeito que antes estava em frangalhos ou uma pessoa que estava enferma e agora está bem, é curta a distância para crer que

assim será. As crianças entendem instantaneamente estas coisas e reagem bem a orar com a imaginação. Certa vez fui chamado a um lar para orar a favor de uma menininha de colo que estava gravemente enferma. Seu irmão, de quatro anos de idade, encontrava-se no quarto e eu lhe disse que precisava de seu auxílio para orar por sua irmãzinha. Ele ficou muito contente e eu também, pois eu sabia que as crianças muitas vezes oram com eficácia fora do comum. Ele subiu na cadeira que estava ao meu lado. “Vamos fazer um joguinho de faz-de-conta”, disse-lhe eu.

“Sabendo que Jesus está sempre conosco, vamos imaginar que ele está sentado na cadeira em nossa frente. Ele está esperando pacientemente que concentremos nossa atenção nele. Quando o virmos, começaremos a pensar mais a respeito do seu amor do que na enfermidade da Julinha. Ele sorri, levanta-se, e vem para nós. Então nós dois colocamos as mãos sobre a Julinha e quando o fizermos, Jesus colocará as suas mãos sobre as nossas. Vigiamos e imaginaremos que a luz que vem de Jesus está jorrando diretamente sobre sua irmãzinha e curando-a.

Façamos de conta que a luz de Cristo luta com os germes maus até que todos eles se vão embora. Certo?” Com seriedade o garotinho assentiu.

Juntos oramos nesta forma infantil e depois demos graças ao Senhor porque aquilo que “vimos” era como ia ser. Pois bem, não sei se isto criou na criança uma sugestão pós-hipnótica ou se foi um “faça-se” divino: o que eu sei é que na manhã seguinte Julinha estava perfeitamente bem.

Os alunos com problemas reagem prontamente à oração. Um amigo meu, que ensinava crianças com problemas emocionais, resolveu começar a orar por elas.

Naturalmente, ele não contou às crianças o que fazia. Quando uma das crianças se arrastava para debaixo de sua mesa e assumia uma posição fetal, o professor pegava a criança nos braços e orava silenciosamente para que a luz e a vida de Cristo curassem a mágoa e o ódio que o menino sentia contra si mesmo. Para não constranger a criança, meu amigo orava mentalmente enquanto se desincumbia de seus deveres de mestre. Passados alguns minutos a criança se descontraía e voltava para sua carteira. Às vezes meu amigo perguntava à criança se ela se lembrava de como se sentia ao vencer uma corrida. Se o menino dissesse que sim, ele o estimulava a retratar-se cruzando a linha de chegada com todos os seus amigos a cumprimentá-lo e a amá-lo. Desse modo a criança podia cooperar no projeto de oração bem como reforçar sua própria aceitação.

No fim do ano letivo, todas as crianças, exceto duas, puderam retornar a uma classe regular. Coincidência? Pode ser, mas como certa vez observou o arcebispo William Temple, as coincidências ocorriam muito mais freqüentemente quando ele orava.

Deus deseja que os casamentos sejam saudáveis, íntegros e permanentes. Talvez você conheça casamentos que estão em grande dificuldade e precisam de sua ajuda. Talvez o marido esteja tendo um caso amoroso com outra mulher.

Experimente orar a favor deste casamento uma vez por dia, durante trinta dias.

Visualize o marido encontrando-se com a outra mulher e sentindo-se aterrado e chocado até por ter tido a idéia de envolver-se com ela. Imagine a própria idéia de um caso ilícito tornar-se desagradável para ele. Visualize-o entrando pela porta e, vendo a esposa, sentir-se esmagado por um senso de amor por ela.

Retrate-os dando um passeio juntos e apaixonados como o eram anos antes.

“Veja”-os cada vez mais capazes de abrir-se um com o outro, e conversar, e demonstrar carinho. Em sua imaginação, levante uma grande parede entre o marido e a outra mulher. Construa um lar, empregando para isso o amor e a consideração pelo marido e pela esposa. Encha-o da paz de Cristo.

Seu pastor e os cultos de adoração precisam ser banhados em oração. Paulo orava por seu povo; ele pedia ao povo que orasse por ele. C. H. Spurgeon atribuía seu êxito às orações de sua igreja. Frank Laubach dizia a seus auditórios: “Sou muito sensível e sei quando estais orando por mim. Se um de vós me desampara, eu o percebo. Quando orais por mim, sinto um estranho poder. Quando cada pessoa em uma congregação ora intensamente enquanto o pastor prega, acontece um milagre.” Saturar os cultos de adoração com suas orações. Visualize o Senhor no alto e sublime, enchendo o santuário com a sua presença.

Pode-se orar por desvios sexuais com verdadeira certeza de que pode ocorrer uma real e duradoura mudança. O sexo é como um rio - é bom e uma bênção maravilhosa quando mantido dentro de seu próprio leito. Um rio que transborda é uma coisa perigosa, e também o são os impulsos sexuais pervertidos. Quais são as margens para o sexo criadas por Deus? Um homem

e uma mulher num casamento para a vida toda. É uma alegria, quando se ora a favor de indivíduos com problemas sexuais, visualizar um rio que transbordou de suas margens, e convidar o Senhor para trazê-lo de volta ao seu leito natural.

Seus próprios filhos podem e devem ser transformados mediante suas orações. Ore por eles durante o dia com a participação deles; ore por ele à noite enquanto dormem. Um bom método é entrar no quarto e colocar levemente as mãos sobre a criança adormecida. Imagine a luz de Cristo fluindo através de suas mãos e curando cada trauma emocional e cada mágoa que seu filho sofreu nesse dia.

Encha-o da paz e da alegria do Senhor. No sono a criança é muito receptiva à oração, visto que a mente consciente, que tende a levantar barreiras à suave influência de Deus, está descontraída.

Como sacerdote de Cristo, você pode executar um serviço maravilhoso pegando os filhos nos braços e abençoando-os. Na Bíblia, os pais traziam os filhos a Jesus não para que ele brincasse com eles ou mesmo lhes ensinasse, mas para que ele pudesse colocar as mãos sobre eles e abençoá-los (Marcos 10.13-16). Ele deu-lhe capacidade de fazer a mesma coisa. Bem-aventurada a criança abençoada por adultos que sabem abençoar!

“Orações relâmpago” são uma excelente idéia que Frank Laubach desenvolveu em seus muitos livros sobre a oração. Ele se propunha aprender a viver de modo que “ver alguém será orar! Ouvir alguém, como crianças conversando, um menino chorando, pode ser orar!” Orações de forte e direto lampejo dirigido às pessoas é uma grande emoção e pode trazer resultados interessantes. Tenho tentado isto, interiormente pedindo que a alegria do Senhor e uma consciência mais profunda de sua presença surjam dentro de cada pessoa com quem me encontro. Às vezes as pessoas parecem não reagir, mas outras vezes respondem e sorriem como se eu me dirigisse a elas. Em um ônibus ou num avião podemos imaginar Jesus andando pelos corredores, tocando as pessoas nos ombros e dizendo: “Eu te amo. Meu maior deleite seria perdoar-te e dar-te todas as boas coisas. Tu tens belas qualidades ainda em botão e eu gostaria de desabrochá-las desde que digas 'sim'. Eu gostaria de governar tua vida se tu mo permitires.” Frank Laubach sugere que se milhares de nós fizéssemos “orações relâmpago” pelas pessoas que encontramos e falássemos dos resultados, poderíamos aprender muita coisa acerca de como orar pelos outros. Poderíamos mudar toda a atmosfera de uma nação se milhares de nós constantemente atirássemos um manto de oração em torno de todos os que vivem em nosso círculo de ação. “Unidades de oração

combinada, como gotas de água, formam um oceano que desafia a resistência.”

Jamais devemos esperar até que sintamos disposição de orar antes de orarmos pelos outros. A oração é como qualquer outro mister; talvez não nos sintamos com disposição de trabalhar, mas uma vez que nos damos ao trabalho por um tempinho, começamos a gostar dele. Pode ser que não sintamos disposição para estudar piano, mas uma vez que tocamos o instrumento por algum tempo, sentimos vontade de tocá-lo. Da mesma forma, nossos músculos de oração precisam ser flexionados um pouco, e uma vez iniciada a corrente sanguínea da intercessão, descobriremos que estamos dispostos a orar.

Não temos de preocupar-nos com o fato de que esta atividade tomará muito de nosso tempo, porque “Ela não toma tempo algum, mas ocupa todo o nosso tempo”.

Não se trata de orar e depois trabalhar, mas oração simultânea com o trabalho.

Precedemos, envolvemos e acompanhamos todo o nosso trabalho com oração. Oração e ação tornam-se inseparáveis. Thomas Kelly conhecia esse modo de viver:

“Há um modo de ordenar nossa vida mental em mais de um nível de cada vez. Em um nível podemos estar pensando, discutindo, examinando, calculando, atendendo às exigências dos afazeres externos. Mas no íntimo, atrás dos bastidores, num nível mais profundo, podemos também estar em oração e adoração, em cântico e culto, e numa suave receptividade aos sopros divinos.”

Temos tanto que aprender, uma longa distância a percorrer. Certamente o anelo de nossos corações se resume no que disse o arcebispo Taít: “Desejo uma vida de oração mais excelente, mais profunda, mais verdadeira.”

#### **4. A DISCIPLINA DO JEJUM**

*"Algumas pessoas têm exaltado o jejum religioso elevando-o além das Escrituras e da razão; e outras o têm menosprezado por completo." - João Wesley*

Em uma cultura onde a paisagem está pontilhada de restaurantes de

todos os tipos, o jejum parece fora de lugar, fora de passo com os tempos. Com efeito, o jejum tem estado em geral descrédito, tanto dentro como fora da igreja, por muitos anos. Por exemplo, em minha pesquisa não consegui encontrar um único livro publicado sobre o jejum, de 1861 a 1954, um período de quase cem anos.

Mais recentemente desenvolveu-se um renovado interesse pelo jejum, muito embora ele seja freqüentemente dogmático e carente de equilíbrio bíblico.

Que é que explicaria este quase total menosprezo por um assunto mencionado com tanta freqüência nas Escrituras e tão arduamente praticado pelos cristãos através dos séculos? Duas coisas. Em primeiro lugar, o jejum, como resultado das excessivas práticas ascéticas da Idade Média, adquiriu uma péssima reputação. Com o declínio da realidade interior da fé cristã, desenvolveu-se uma crescente tendência para acentuar a única coisa que sobrou, a forma exterior. E sempre que existe uma forma destituída de poder espiritual, a lei assume o comando porque ela sempre traz consigo um senso de poder manipulador.

Daí que o jejum foi submetido aos mais rígidos regulamentos e praticado com extrema automortificação e flagelação. A cultura moderna reagiu fortemente contra esses excessos e tendeu a confundir jejum com mortificação.

O segundo motivo por que o jejum passou por tempos difíceis no século passado é a questão da propaganda. A publicidade com a qual somos alimentados hoje convenceu-nos de que se não tomarmos três boas refeições por dia, entremeadas com diversas refeições ligeiras, corremos o risco de morrer de fome. Isto, aliado à crença popular de que é uma virtude positiva satisfazer a todo apetite humano, fez que o jejum parecesse obsoleto. Quem quer que seriamente tente jejuar é bombardeado com objeções. “Entendo que o jejum é prejudicial à saúde.”

“Ele minará as suas forças e assim você não poderá trabalhar.” “Não destruirá ele o tecido saudável do corpo?” Tudo isto, naturalmente, é rematada tolice baseada no preconceito. Embora o corpo humano possa sobreviver apenas durante breve tempo sem ar ou sem água, ele pode passar muitos dias - em geral, cerca de quarenta - antes que comece a inanição. Sem que seja preciso concordar com as infladas alegações de alguns grupos, não é exagero dizer que, quando feito corretamente, o jejum pode ter efeitos físicos benéficos.

A Bíblia tem tanto que dizer a respeito do jejum, que faríamos bem em examinar uma vez mais esta antiga Disciplina. O rol dos personagens bíblicos que jejuavam torna-se um “Quem é quem” das Escrituras: Moisés, o legislador; Davi, o rei; Elias, o profeta; Ester, a rainha; Daniel, o vidente; Ana, a profetisa; Paulo, o apóstolo; Jesus Cristo, o Filho encarnado. Muitos dos grandes cristãos através da história da igreja jejuaram e deram seu testemunho sobre o valor do jejum; entre eles estavam Martinho Lutero, João Calvino, John Knox, João Wesley, Jonathan Edwards, David Brainerd, Charles Finney e o Pastor Hsi, da China.

O jejum, está claro, não é uma Disciplina exclusivamente cristã; todas as grandes religiões do mundo reconhecem seu mérito. Zoroastro praticava o jejum, como o fizeram Confúcio e os iogues da Índia. Platão, Sócrates e Aristóteles jejuavam. Mesmo Hipócrates, pai da medicina moderna, acreditava no jejum. Ora bem, o fato de que todos esses indivíduos, na Bíblia e fora dela, tinham o jejum em alta conta não o torna certo ou mesmo desejável; isto porém, deveria levar-nos a fazer uma pausa e nos dispormos a reavaliar as suposições populares de nosso tempo concernentes à Disciplina do jejum.

## **O Jejum na Bíblia**

Nas Escrituras o jejum refere-se à abstenção de alimento para finalidades espirituais. Ele se distingue da greve de fome, cujo propósito é adquirir poder político ou atrair a atenção para uma boa causa. Distingue-se, também, da dieta de saúde, que acentua a abstinência de alimento, mas para propósitos físicos e não espirituais. Devido à secularização da sociedade moderna, o “jejum” (se de algum modo praticado) é motivado ou por vaidade ou pelo desejo de poder. Isto não quer dizer que essas formas de “jejum” sejam necessariamente erradas, mas que seu objetivo difere do jejum descrito nas Escrituras. O jejum bíblico sempre se concentra em finalidades espirituais.

Na Bíblia, os meios normais de jejuar envolviam abstinência de qualquer alimento, sólido ou líquido, excetuando-se a água. No jejum de quarenta dias de Jesus, diz o evangelista que ele “nada comeu” e ao fim desses quarenta dias “teve fome”, e Satanás o tentou a comer, indicando que a abstenção era de alimento e não de água (Lucas 4.2ss). De uma perspectiva física, isto era o que geralmente estava envolvido num jejum.

Às vezes se descreve o que poderia ser considerado jejum parcial; isto é, há restrição e dieta mas não abstenção total. Embora pareça que o jejum normal fosse prática costumeira do profeta Daniel, houve uma ocasião em

que, durante três semanas, ele não comeu “manjar desejável, nem carne nem vinho entraram na minha boca, nem me untei com óleo algum” (Daniel 10.3). Não somos informados do motivo para este afastamento de sua prática normal de jejuar; talvez seus deveres governamentais o obstassem.

Há, também, diversos exemplos bíblicos do que se tem chamado acertadamente “jejum absoluto”, ou abstenção tanto de alimento como de água. Parece ser uma medida desesperada para atender a uma emergência extrema. Após saber que a execução aguardava a ela e ao seu povo, Ester instruiu a Mordecai: “Vai, ajunta a todos os judeus... e jejuai por mim, e não comais nem bebais por três dias, nem de noite nem de dia; eu e as minhas servas também jejuaremos” (Ester 4.16).

Paulo fez um jejum absoluto de três dias após seu encontro com o Cristo vivo (Atos 9.9). Considerando-se que o corpo humano não pode passar sem água muito mais do que três dias, tanto Moisés como Elias empenharam-se no que deve considerar-se jejuns absolutos sobrenaturais de quarenta dias (Deuteronômio 9.9; 1 Reis 19.8). É preciso sublinhar que o jejum absoluto é a exceção e nunca deveria ser praticado, a menos que a pessoa tenha uma ordem muita clara de Deus, e por não mais do que três dias.

Na maioria dos casos, o jejum é um assunto privado entre o indivíduo e Deus.

Há, contudo, momentos ocasionais de jejuns de um grupo ou públicos. O único jejum público anual exigido pela lei mosaica era realizado no dia da expiação (Levítico 23.27). Era o dia do calendário judaico em que o povo tinha o dever de estar triste e aflito como expiação por seus pecados. (Aos poucos foram-se adicionando outros dias de jejum, até que hoje há mais de vinte!) Os jejuns eram convocados, também, em tempos de emergência de grupo ou nacional: “Tocai a trombeta em Sião, promulgai um santo jejum, proclamai uma assembléia solene” (Joel 2.15). Quando o reino de Judá foi invadido, o rei Josafá convocou a nação para jejuar (2 Crônicas 20.1-4). Em resposta à pregação de Jonas, toda a cidade de Nínive jejuou, inclusive os animais - involuntariamente, sem dúvida. Antes do retorno a Jerusalém, Esdras fez os exilados jejuar e orar por segurança na estrada infestada de salteadores (Esdras 8.21-23).

O jejum em grupo pode ser uma coisa maravilhosa e poderosa, contanto que haja um povo preparado e unânime nessas questões. Igrejas ou outros grupos que enfrentam sérios problemas poderiam ser substancialmente beneficiados mediante oração e jejum de grupo unificado. Quando um

número suficiente de pessoas entende corretamente do que se trata, as convocações nacionais à oração e jejum podem, também, ter resultados benéficos. Em 1756 o rei da Inglaterra convocou um dia de solene oração e jejum por causa de uma ameaça de invasão por parte dos franceses. João Wesley registrou este fato em seu Diário, no dia 6 de fevereiro:

*"O dia de jejum foi um dia glorioso, tal como Londres raramente tem visto desde a Restauração. Cada igreja da cidade estava mais do que lotada, e uma solene gravidade estampava-se em cada rosto. Certamente Deus ouviu a oração, e haverá um alongamento de nossa tranqüilidade."*

Em uma nota ao pé da página ele escreveu: "A humildade transformou-se em regozijo nacional porque a ameaça de invasão dos franceses foi impedida."

Através da história também se desenvolveu o que poderia chamar-se de jejuns regulares. Na época de Zacarias foram criados quatro jejuns regulares (Zacarias 8.19). A jactância do fariseu da parábola de Jesus evidentemente descrevia uma prática daquele tempo: "jejuo duas vezes por semana" (Lucas 18.12). O Didaquê insistia em dois jejuns semanais, nas quartas e nas sextas-feiras. O jejum regular tornou-se obrigatório no Segundo Concílio de Orleans, no sexto século.

João Wesley procurou reviver o ensino do Didaquê e insistiu com os primitivos metodistas a que jejuassem nas quartas e nas sextas-feiras. Com efeito, ele tinha um sentimento tão forte quanto a este assunto, que se recusava a ordenar para o ministério metodista, quem não jejuasse nesses dias.

O jejum regular ou semanal teve efeito tão profundo na vida de alguns que eles andavam à procura de um mandamento bíblico sobre o assunto, de sorte que pudessem impô-lo a todos os cristãos. A busca foi em vão. Simplesmente não existem leis bíblicas que ordenem o jejum regular. Contudo, nossa liberdade no evangelho não significa licença, mas oportunidade. Visto que não há leis que nos obriguem, somos livres para jejuar em qualquer dia. Para o apóstolo Paulo a liberdade significa que ele estava engajado em "jejuns muitas vezes" (2 Coríntios 11.27). Devemos sempre ter em mente o conselho apostólico: "Não useis da liberdade para dar ocasião à carne" (Gálatas 5.13).

Há, hoje, uma "disciplina" que tem adquirido certa popularidade, semelhante, mas não idêntica, ao jejum. Chama-se "vigílias", proveniente do uso que Paulo faz do termo em conexão com seus sofrimentos por Cristo (2 Coríntios 6.5; 11.27). Refere-se à abstenção de dormir a fim de atender à

oração ou outros deveres espirituais. Não há indicação de que isso tenha qualquer ligação central com o jejum; doutra forma, estaríamos limitados a jejuns muito breves!

Embora as “vigílias” possam ter valor, e Deus às vezes nos chama a passar sem dormir por necessidades específicas, devemos cuidar para que não elevemos à categoria de obrigações principais coisas que têm apenas levíssimo precedente bíblico. Deveríamos ter sempre diante de nós a advertência de Paulo, porque, em qualquer discussão de Disciplinas, descobriríamos muitas coisas que “... com efeito, têm aparência de sabedoria, como culto de si mesmo, e falsa humildade, e rigor ascético; todavia, não têm valor algum contra a sensualidade” (Colossenses 2.23).

## **É o Jejum um Mandamento?**

Um problema que compreensivelmente preocupa muitas pessoas é saber se a Bíblia torna o jejum obrigatório ou não a todos os cristãos. Numerosas tentativas têm sido feitas para responder a esta questão, resultando numa variedade de conclusões. Uma das melhores respostas afirmativas foi elaborada em 1580, por Thomas Cartwright, em um livro que tem algo de clássico nesse campo, intitulado “The Holy Exercise of a True Fast” (O Sagrado Exercício do Jejum Verdadeiro).

Embora muitas passagens da Escritura tratem deste assunto, duas se destacam em importância. A primeira é o espantoso ensino de Jesus acerca do jejum, no Sermão do Monte. Dois fatores relacionam-se diretamente com o problema que temos em mão. O ensino de Jesus sobre o jejum estava diretamente no contexto de seu ensino sobre dar e orar. É como se houvesse uma quase inconsciente suposição de que dar, orar e jejuar eram todas partes da devoção cristã. Não temos maior razão para excluir do ensino o jejum do que o temos para excluir o dar e o orar. Em segundo lugar, Jesus declarou: “Quando jejuardes...” (Mateus 6.16). Ele parecia admirado que as pessoas jejuassem, e o que faltava era instrução sobre como fazê-lo adequadamente. Martinho Lutero disse: “Não foi intenção de Cristo rejeitar ou desprezar o jejum... sua intenção foi restaurar o jejum adequado.”

Dito isto, entretanto, devemos admitir que as palavras de Jesus não constituem uma ordem. Jesus estava dando instruções sobre o exercício apropriado de uma prática comum no seu tempo. Ele não pronunciou uma só palavra sobre se era uma prática certa ou se deveria ser continuada. Jesus, portanto, não disse “Se jejuardes”, nem disse “Deveis jejuar”.

A segunda afirmativa crucial de Jesus acerca do jejum veio em resposta a uma pergunta dos discípulos de João Batista. Perplexos pelo fato de que tanto eles como os fariseus jejuavam, mas os discípulos de Jesus não, perguntaram “Por quê?” Jesus respondeu: “Podem acaso estar tristes os convidados para o casamento, enquanto o noivo está com eles? Dias virão, contudo, em que lhes será tirado o noivo, e nesses dias hão de jejuar” (Mateus 9.15). Esta é, talvez, a mais importante declaração do Novo Testamento sobre se os cristãos devem jejuar hoje.

Com a vinda de Jesus havia raiado um novo dia. O reino de Deus tinha vindo entre eles em poder. O Noivo encontrava-se no meio deles; era tempo de festejar, não de jejuar. Viria, contudo, um tempo para seus discípulos jejuarem, embora não no legalismo da antiga ordem.

A mais natural interpretação dos dias em que os discípulos de Jesus jejuarão é a presente era da igreja, especialmente à luz de sua intrincada conexão com a afirmativa de Jesus sobre os novos odres do reino de Deus que vem logo em seguida (Mateus 9.16-18). Arthur Willis argumenta que Jesus está se referindo à era presente da igreja, e não apenas ao período de três dias entre sua morte e ressurreição. Ele conclui seu argumento com estas palavras:

*"Somos, portanto, compelidos a relacionar os dias de sua ausência com o período desta época, desde o tempo em que ele ascendeu ao Pai até que ele volte do céu.*

*Foi assim, evidentemente, que os apóstolos entenderam suas palavras, pois somente após suas ascensão ao Pai é que lemos de eles jejuarem (Atos 13.2,3).*

*Antes de o Noivo deixá-los, ele prometeu que voltaria de novo para recebê-los para si mesmo. A Igreja ainda aguarda o grito da meia-noite: 'Eis o noivo! Sai ao seu encontro' (Mateus 25.6). Esta época da Igreja é que é o período do Noivo ausente. A esta época da Igreja foi que nosso Mestre se referiu quando disse: 'e nesses dias hão de jejuar.' O tempo é agora!"*

Não há como escapar à força das palavras de Jesus nesta passagem. Ele deixou claro que esperava que seus discípulos jejuassem depois de sua partida. Embora as palavras não sejam proferidas na forma de uma ordem, isso é

apenas um tecnicismo semântico. É evidente desta passagem que Cristo tanto apoiou a Disciplina do jejum como previu que seus seguidores o praticariam.

Talvez seja melhor evitar o termo “ordem”, visto que em sentido estrito Jesus não ordenou o jejum. Mas é óbvio que ele atuou segundo o princípio de que os filhos do reino de Deus jejuariam. Para a pessoa que anseia por um andar mais íntimo com Deus, essas declarações de Jesus são palavras atraentes.

Onde estão hoje as pessoas que responderão ao chamado de Cristo? Tornamo-nos tão acostumados à “graça barata” que instintivamente nos esquivamos aos apelos mais exigentes à obediência? “Graça barata é graça sem discipulado, graça sem a cruz.” Por que a contribuição em dinheiro, por exemplo, tem sido indiscutivelmente conhecida como elemento da devoção cristã e o jejum tão discutido? Certamente temos tanta evidência bíblica, se não mais, com relação ao jejum, quanto a temos com vistas a dar. Talvez em nossa sociedade afluyente o jejum envolva um sacrifício muito maior do que dar dinheiro.

## **Objetivo do Jejum**

É sensato reconhecer que a primeira declaração que Jesus fez acerca do jejum tratou da questão de motivos (Mateus 6.16-18). Usar boas coisas para nossos próprios fins é sempre sinal de falsa religião. Quão fácil é tomar algo como o jejum e tentar usá-lo para conseguir que Deus faça o que desejemos. Às vezes se acentuam de tal modo as bênçãos e benefícios do jejum que seríamos tentados a crer que com um pequeno jejum poderíamos ter o mundo, inclusive Deus, comendo de nossas mãos.

O jejum deve sempre concentrar-se em Deus. Deve ser de iniciativa divina e ordenado por Deus. Como a profetisa Ana, precisamos cultivar em jejuns (Lucas 2.37). Todo e qualquer outro propósito deve estar a serviço de Deus. Como no caso daquele grupo apostólico de Antioquia, “servindo ao Senhor” e “jejuando” devem ser ditos de um só fôlego (Atos 13.2). C. H. Spurgeon escreveu: “Nossas temporadas de oração e jejum no Tabernáculo têm sido, na verdade, dias de elevação; nunca a porta do céu esteve mais aberta; nunca nossos corações estiveram mais próximos da Glória central.”

Deus interrogou o povo do tempo de Zacarias: “Quando jejuastes... acaso foi para mim que jejuastes, como efeito para mim?” (Zacarias 7.5). Se nosso jejum não é para Deus, então fracassamos. Benefícios físicos, êxito na oração, dotação de poder, discernimentos espirituais - estas coisas nunca devem tomar o lugar de Deus como centro de nosso jejum. João Wesley

declarou: “Primeiro, seja ele [o jejum] feito para o Senhor com nosso olhar fixado unicamente nele. Que nossa intenção aí seja esta, e esta somente, de glorificar a nosso Pai que está no céu...” Esse é o único modo de sermos salvos de amar mais a bênção do que Aquele que abençoa.

Uma vez que o propósito básico esteja firmemente fixo em nossos corações, estamos livres para entender que há, também, propósitos secundários em jejuar.

Mais do que qualquer outra Disciplina, o jejum revela as coisas que nos controlam. Este é um maravilhoso benefício para o verdadeiro discípulo que anseia ser transformado à imagem de Jesus Cristo. Cobrimos com alimento e com outras coisas boas aquilo que está dentro de nós, mas no jejum estas coisas vêm à tona. Se o orgulho nos controla, ele será revelado quase imediatamente. Davi disse: “em jejum está a minha alma” (Salmo 69.10). Ira, amargura, ciúme, discórdia, medo - se estiverem dentro de nós, aflorarão durante o jejum. A princípio racionalizaremos que a ira é devido à fome; depois descobriremos que estamos irados por causa do espírito de ira que há dentro de nós. Podemos regozijar-nos neste conhecimento porque sabemos que a cura está disponível mediante o poder de Cristo.

O jejum ajuda-nos a manter nosso equilíbrio na vida. Quão facilmente começamos a permitir que coisas não essenciais adquiram precedência em nossas vidas. Quão depressa desejamos ardentemente coisas das quais não necessitamos até que sejamos por elas escravizados. Paulo escreveu: “Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas” (1 Coríntios 6.12). Nossos anseios e desejos humanos são como um rio que tende a transbordar; o jejum ajuda a mantê-lo no seu devido leito. “Esmurro o meu corpo, e o reduzo à escravidão”, disse Paulo (1 Coríntios 9.27). Semelhantemente, escreveu Davi:

“Eu afligia a minha alma com jejum” (Salmo 35.13). Isso não é ascetismo: é disciplina, e a disciplina traz liberdade. No século quarto Astério disse que o jejum garantia que o estômago não fizesse o corpo ferver como uma chaleira em prejuízo da alma.

Inúmeras pessoas têm escrito sobre os muitos outros valores do jejum tais como aumento de eficácia na oração intercessora, orientação na tomada de decisões, maior concentração, livramento dos que se encontram em escravidão, bem-estar físico, revelações e assim por diante. Nesta, como em todas as questões, podemos esperar que Deus galardoe os que diligentemente o buscam.

## A Prática do Jejum

Homens e mulheres modernos ignoram, em grande parte, os aspectos práticos do jejum. Os que desejam jejuar precisam familiarizar-se com estas informações.

Como acontece com todas as Disciplinas, deve-se observar certa progressão; é prudente aprender a andar bem antes de tentarmos correr. Comece com um jejum parcial de vinte e quatro horas de duração; muitos têm achado que o melhor período é de almoço a almoço. Isto significa que você não tomaria duas refeições. Sucos de frutas frescas são excelentes. Tente este método uma vez por semana durante algumas semanas. No começo você ficará fascinado com os aspectos físicos, mas a coisa mais importante a observar é a atitude interior de adoração. Exteriormente você estará executando os seus deveres regulares do dia, mas interiormente você estará em oração e adoração, cântico e louvor. Numa forma nova, levará cada tarefa do dia a ser um ministério sagrado ao Senhor.

Conquanto seus deveres sejam seculares, para você eles são um sacramento.

Cultive uma “suave receptividade aos sopros divinos”. Quebre seu jejum com uma leve refeição de frutas e vegetais frescos e uma boa dose de regozijo íntimo.

Depois de duas ou três semanas, você estará preparado para tentar um jejum normal de vinte e quatro horas. Use somente água, mas em quantidades saudáveis.

Muitos acham que o melhor é água destilada. Se o gosto da água lhe desagrade, adicione uma colher de chá de suco de limão. Provavelmente você sentirá algumas dores de fome ou desconforto antes de terminar o tempo. Não se trata de fome verdadeira; seu estômago tem sido treinado durante anos de condicionamento a dar sinais de fome em determinadas horas. Em vários aspectos, seu estômago é como uma criança mimada, e as crianças mimadas não precisam de indulgência, precisam de disciplina. Martinho Lutero disse: “... a carne estava habituada a resmungar horripelantemente.” Você não deve ceder a este resmungo.

Ignore os sinais ou diga mesmo ao seu “filho mimado” que se acalme e em breve tempo as dores da fome terão passado. Se não, tome um copo de água e o estômago ficará satisfeito. Você tem que ser o senhor de seu estômago, e não seu escravo. Se os deveres de família o permitirem, devote à

meditação e oração o tempo que você normalmente tomaria em alimentar-se.

Desnecessário é dizer que você deveria seguir o conselho de Jesus em refrear-se de chamar a atenção para o que você está fazendo. Os únicos a saber que você jejua são os que devem sabê-lo. Se você chama a atenção para seu jejum, as pessoas ficarão impressionadas e, como disse Jesus, essa será sua recompensa.

Você, porém, jejua por galardões muito maiores e grandiosos. As palavras abaixo foram escritas por um indivíduo que, a título de experimento, dedicou-se a jejuar uma vez por semana durante dois anos:

*"1. Achei que foi uma grande realização passar um dia inteiro sem alimento.*

*Congratulei-me comigo mesmo pelo fato de achá-lo tão fácil.*

*2. Comecei a ver que o ponto acima referido dificilmente seria o alvo do jejum.*

*Nisto fui auxiliado por começar a sentir fome.*

*3. Comecei a relacionar o jejum de alimento com outras áreas de minha vida nas quais eu era mais exigente... Eu não me via obrigado a conseguir lugar no ônibus para estar contente, ou sentir-me refrescado no verão e aquecido quando fazia frio.*

*4. ... Refleti mais sobre o sofrimento de Cristo e sobre o sofrimento dos que estão com fome e têm filhinhos famintos. ...*

*5. Seis meses após principiar a disciplina do jejum, comecei a ver por que fora sugerido um período de dois anos. A experiência muda ao longo do caminho. A fome nos dias de jejum tornou-se aguda, e mais forte a tentação de comer. Pela primeira vez eu estava usando o dia a fim de encontrar a vontade de Deus para minha vida. Comecei a pensar sobre o significado de alguém render sua própria vida.*

*6. Agora sei que a oração e o jejum estão intimamente ligados, esta forma contudo ainda não está combinada em mim."*

Havendo realizado diversos jejuns com certo grau de êxito espiritual, passe para um jejum de trinta e seis horas: três refeições. Realizado isto, é

hora de buscar o Senhor para saber se ele deseja que você prossiga num jejum mais longo. Três a sete dias é um bom período de tempo e provavelmente causará um forte impacto sobre o curso de sua vida.

É bom conhecer o processo pelo qual seu corpo passa no curso de um jejum mais longo. Os primeiros três dias são geralmente os mais difíceis em termos de desconforto físico e dores de fome. O corpo está começando a livrar-se dos venenos tóxicos que se acumularam durante anos de deficientes hábitos alimentares, e o processo não é nada confortável. Essa é a razão de sentir a língua grossa e mau hálito. Não se preocupe com esses sintomas; antes, seja grato por melhor saúde e bem-estar como resultado. Você pode sentir dores de cabeça durante esse tempo, principalmente se você é um ávido bebedor de café ou de chá. Esses são sintomas suaves do jejum que passarão, muito embora sejam desagradáveis por algum tempo.

No quarto dia as dores da fome começam a ceder, embora você tenha sensações de fraqueza e tontura. A tontura é apenas temporária, causada por mudanças súbitas de posição. Movimente-se com vagar e você não terá dificuldade. A fraqueza pode chegar ao ponto em que a mais simples tarefa demande grande esforço. Descansar é o melhor remédio. Muitos acham que este é o mais difícil período do jejum.

No sexto ou sétimo dia você começará a sentir-se mais forte e mais alerta. As dores de fome continuarão a diminuir até que nono ou décimo dia são apenas uma insignificante irritação. O corpo terá eliminado o grosso dos venenos tóxicos e você se sentirá bem. Seu senso de concentração estará aguçado e você achará que poderia continuar jejuando indefinidamente. Em termos físicos, esta é parte mais agradável do jejum.

Em algum ponto a partir do vigésimo-primeiro dia até ao quadragésimo, ou mais tempo ainda, dependendo do indivíduo, as dores de fome voltarão. Esta é a primeira fase da inanição e indica que o corpo esgotou todas as suas reservas excedentes e está começando a sacar sobre o tecido vivo. A esta altura o jejum deve ser quebrado.

A soma de peso perdido durante um jejum varia grandemente com o indivíduo. No começo é normal a perda de quase um quilo de peso por dia, diminuindo para quase meio quilo diário à medida que o jejum prossegue. Durante o jejum você sentirá mais frio, simplesmente porque o metabolismo do corpo não produz a soma costumeira de calor. Cuidando-se de manter o calor, não há dificuldade alguma.

Deve ser óbvio a todos que algumas pessoas há que, por motivos

físicos, não devem jejuar. Os diabéticos, as mulheres grávidas e os que têm problemas cardíacos não devem jejuar. Se você tiver alguma dúvida sobre sua aptidão para jejuar, consulte um médico.

Antes de começar um jejum prolongado, alguns são tentados a comer uma boa dose de alimento com o intuito de formar “estoque”. Isto é muitíssimo imprudente; com efeito, refeições ligeiramente mais leves do que o normal são melhores para um dia ou dois anteriores ao jejum. Um bom conselho é que você se abstenha de tomar café ou chá três dias antes de começar um jejum longo. Se a última refeição a estar no estômago é de frutas e vegetais frescos, você não deve ter dificuldade com prisão de ventre.

Um jejum prolongado deve ser quebrado com suco de frutas ou de vegetais. A princípio, tomar pequenas quantidades. Lembre-se de que o estômago se contraiu consideravelmente e todo o sistema digestivo entrou numa espécie de hibernação.

No segundo dia você deve poder comer frutas, e depois leite ou iogurte. A seguir você pode comer saladas frescas e vegetais cozidos. Evite todo molho de salada, gordura ou amido. É preciso tomar o máximo cuidado para não comer em excesso. Uma boa coisa durante este período é considerar a dieta e hábitos alimentares futuros para ver se você precisa ser mais disciplinado e estar no controle de seu apetite.

Embora os aspectos físicos do jejum nos deixem curiosos, jamais devemos esquecer-nos de que a principal obra do jejum bíblico está no reino espiritual.

O que se passa espiritualmente é de muito maior conseqüência do que o que acontece no corpo. Você estará engajado em uma guerra espiritual que necessitará de todas as armas de Efésios 6. Um dos períodos mais críticos no campo espiritual está no final do jejum físico quando temos uma tendência natural para descontrair-nos. Não quero, porém, deixar a impressão de que todo jejum é uma tremenda luta espiritual; pessoalmente, não tenho sentido assim.

*Ele é, também, "... justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo" (Romanos 14.17).*

O jejum pode trazer avanços no reino espiritual que jamais poderiam ter acontecido de outra maneira. É um recurso da graça e bênção de Deus que não deve ser negligenciado por mais tempo. Wesley declarou:

*"... não é meramente pela luz da razão... que o povo de Deus tem sido, em todos os tempos, levado a usar o jejum como um recurso: ... mas eles têm sido... ensinados a esse respeito pelo próprio Deus, mediante claras e abertas revelações de sua Vontade... Ora, quaisquer que tenham sido as razões para reavivar os do passado, em seu zeloso e constante cumprimento deste dever, elas são de igual força ainda para reavivar-nos."*

Agora é o tempo para que todos quantos ouvem a voz de Cristo obedeam a ela.

## **5. A DISCIPLINA DO ESTUDO**

*"Quem estuda somente os homens, adquire o corpo do conhecimento sem a alma; e quem estuda somente os livros, a alma sem o corpo. Quem adiciona a observação àquilo que vê, e reflexão àquilo que lê, está no caminho certo do conhecimento, contanto que ao sondar os corações dos outros, não negligencie o seu próprio." - Caleb Colton*

O propósito das Disciplinas Espirituais é a total transformação da pessoa. Elas visam a substituir os velhos e destruidores hábitos de pensamento por novos hábitos vivificadores. Em parte alguma este propósito é visto mais claramente do que na Disciplina do estudo. O apóstolo Paulo diz que o modo de sermos transformados é mediante a renovação da mente (Romanos 12:2). A mente é renovada aplicando-se a ela as coisas que a transformarão. "Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento" (Filipenses 4:8). A Disciplina do estudo é o veículo básico que nos leva a ocupar o pensamento. Assim, devemos regozijar-nos pois não estamos por conta de nossos próprios inventos, mas recebemos este recurso da graça de Deus para a transformação de nossa disposição interior.

Muitos cristãos permanecem em sujeição a temores e ansiedades simplesmente porque não se beneficiam da Disciplina do estudo. Talvez sejam fiéis em sua frequência à igreja e desejosos de cumprir seus deveres religiosos, mas ainda não estão sendo transformados. Não estou aqui falando

dos que manifestam meras formas religiosas, mas dos que verdadeiramente buscam adorar e obedecer a Jesus Cristo como Senhor e Mestre. Talvez cantem com prazer, orem no Espírito, vivam tão obedientemente quanto sabem, até mesmo recebam visões e revelações divinas; não obstante, o tom de suas vidas permanece inalterado. Por quê? Porque nunca se dedicaram a uma das principais formas que Deus usa para mudar-nos: o estudo.

Jesus deixou inconfundivelmente claro que o conhecimento da verdade é que nos liberta. “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (João 8:32). Os bons sentimentos não nos libertarão. Experiências extáticas não nos libertarão.

Estar “inebriado com Jesus” não nos libertará. Sem o conhecimento da verdade, não seremos libertos.

O princípio é verdadeiro em qualquer área do esforço humano. É verdadeiro em Biologia e em Matemática. É verdadeiro no casamento e em outras relações humanas. Mas é especialmente verdadeiro com referência à vida espiritual.

Muitos estão embaraçados e confusos no andar espiritual por simples ignorância da verdade. Pior ainda, muitos têm sido levados à mais cruel escravidão por ensinamentos falsos. “Rodeais o mar e a terra para fazer um prosélito; e, uma vez feito, o tornais filho do inferno duas vezes mais do que vós” (Mateus 23:15).

Apliquemo-nos, pois, a aprender o que constitui a Disciplina Espiritual do estudo, a fim de identificar suas ciladas, praticá-la com alegria e experimentar o livramento que ela traz.

## **Que é Estudo?**

Estudo é um tipo específico de experiência em que, mediante cuidadosa observação de estruturas objetivas, levamos os processos de pensamento a moverem-se numa determinada direção. Por exemplo, tomemos o estudo de um livro.

Vemo-lo, sentimo-lo. À medida que o estudamos, nossos processos de pensamento assumem uma ordem que se conforma à do livro. Quando feito com concentração, percepção e repetição, formam-se hábitos arraigados de pensamento.

O Antigo Testamento instrui no sentido de as leis serem escritas nas portas e nos umbrais das casas, e atadas aos punhos, de sorte que “estejam

por frontal entre vossos olhos” (Deuteronômio 11:18). A finalidade dessa instrução era dirigir a mente de forma repetida e regular a certos modos de pensamento referentes a Deus e às relações humanas. Evidentemente, o Novo Testamento substituiu as leis escritas nos umbrais das casas por leis escritas no coração, e nos leva a Jesus, nosso Mestre interior e sempre presente.

Devemos esclarecer, uma vez mais, que os arraigados hábitos de pensamento que se formam, conformar-se-ão à ordem da coisa que está sendo estudada. O que estudamos determina que tipos de hábitos devem ser formados. Por isso é que Paulo insistia em que nos ocupássemos das coisas que são verdadeiras, respeitáveis, justas, amáveis e de boa fama.

O processo que ocorre no estudo deve distinguir-se da meditação. Esta é devocional; o estudo é analítico. A meditação saboreará a palavra; o estudo a explicará.

Embora a meditação e o estudo muitas vezes se superponham e funcionem concorrentemente, constituem duas experiências distintas. O estudo proporciona determinada estrutura objetiva dentro da qual a meditação pode funcionar com êxito.

No estudo há dois “livros” a serem estudados: verbal e não verbal. Livros e preleções constituem, portanto, apenas metade do campo de estudo, talvez menos.

O mundo da natureza e, muitíssimo importante, a observação cuidadosa dos acontecimentos e das ações são os campos básicos do estudo não verbal.

O objetivo principal do estudo é a percepção da realidade de uma determinada situação, encontro, livro, etc. Por exemplo, uma pessoa poderia estar envolvida no escândalo de Watergate sem perceber, mesmo de leve, a verdadeira natureza dessa trágica situação. Mas se uma pessoa observasse e refletisse cuidadosamente sobre o que estava ocorrendo, aprenderia um bocado de coisas.

## **Quatro Passos**

O estudo envolve quatro passos. O primeiro é a repetição. A repetição é uma forma de canalizar a mente de modo regular, numa direção específica, firmando assim hábitos de pensamento. A repetição desfruta, hoje, de certa má fama.

Contudo, é importante reconhecer que a pura repetição, mesmo sem entender o que está sendo repetido, em realidade, afeta a mente interior. Hábitos arraigados de pensamento podem ser formados apenas pela repetição, mudando assim o comportamento. Esse é o princípio lógico central da psicocibernética, que treina o indivíduo para repetir certas afirmações regularmente (por exemplo, amo a mim mesmo incondicionalmente). Nem mesmo é importante que a pessoa creia naquilo que está repetindo; basta que seja repetido. A mente interior é assim treinada, e afinal responderá modificando o comportamento para conformar-se à afirmação. Naturalmente, este princípio tem sido conhecido durante séculos, mas só em anos recentes recebeu confirmação científica.

É por isso que a programação de televisão tem tanta importância. Com inumeráveis crimes cometidos todas as noites no horário nobre da TV, a própria repetição treinará a mente interior em padrões de pensamento destruidor.

A concentração é o segundo passo no estudo. Se além de conduzir a mente repetidas vezes ao assunto em questão a pessoa concentrar-se no que está sendo estudado, a aprendizagem aumenta sobremaneira. A concentração centraliza a mente. Ela prende a atenção na coisa que está sendo estudada. A mente humana tem capacidade incrível de concentrar-se. Ela está a todo instante recebendo milhares de estímulos, cada um dos quais capaz de armazenar-se em seus bancos de memória enquanto se concentra nuns poucos apenas. Esta capacidade natural do cérebro aumenta quando, com unidade de propósito, concentramos nossa atenção num desejado objeto de estudo.

Quando não apenas de maneira repetida canalizamos a mente num determinado sentido, concentrando nossa atenção no assunto, mas entendemos o que estamos estudando, então atingimos um novo nível. A compreensão é, pois, o terceiro passo na Disciplina do estudo; ela leva à introspecção e ao discernimento; também provê a base para uma verdadeira percepção da realidade.

Há necessidade de mais um passo: a reflexão. Embora a compreensão defina o que estamos estudando, a reflexão determina o seu significado. Refletir sobre os acontecimentos de nosso tempo, ruminá-los, são atos que nos levam à realidade interior desses acontecimentos. A reflexão faz-nos ver as coisas da perspectiva de Deus. Na reflexão chegamos a entender, não somente a matéria de nosso estudo, mas a nós mesmos. Jesus falou muitas vezes dos ouvidos que não ouvem e dos olhos que não vêem. Quando

ponderamos o significado do que estudamos, chegamos a ouvir e ver as coisas de maneira nova.

Logo se torna óbvio que o estudo demanda humildade. Isto não acontece enquanto não estivermos dispostos a sujeitar-nos à matéria que estudamos. Devemos submeter-nos ao sistema. Devemos vir como aluno, não como professor. O estudo não só depende diretamente da humildade, mas é conducente a ela. Arrogância e espírito dócil excluem-se mutuamente.

Todos nós conhecemos indivíduos que seguiram algum curso de estudo ou alcançaram algum grau acadêmico, que alardeiam seus conhecimentos de modo ofensivo. Devemos sentir profunda tristeza por tais pessoas. Elas não entendem a Disciplina Espiritual do estudo. Confundiram o acúmulo de informações com conhecimento. Equiparam verbosagem com sabedoria. Que tragédia! O apóstolo João definiu vida eterna como o conhecimento de Deus. “E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (João 17:3). Mesmo um toque deste conhecimento experimental é suficiente para dar-nos um profundo senso de humildade.

Pois bem, havendo lançado a base, passemos a considerar a realização prática da Disciplina do estudo.

## **Estudo de Livros**

Quando consideramos o estudo é muito natural pensarmos em livros ou outros escritos. Embora constituam apenas metade do campo, conforme afirmei anteriormente, e a metade mais óbvia, eles são muito importantes.

Infelizmente, muitos parecem pensar que estudar um livro é tarefa simples. Não há dúvida de que a atitude petulante explica o motivo dos pobres hábitos de leitura de muitas pessoas. O estudo de um livro é matéria extremamente complexa, de modo especial para o novato. Como no tênis ou na datilografia, quando se aprende a matéria pela primeira vez, parece haver mil detalhes a serem dominados e a pessoa se pergunta como é possível a um pobre mortal conservar tudo em mente ao mesmo tempo. Contudo, uma vez que se adquire proficiência, a mecânica torna-se uma segunda natureza e a pessoa pode concentrar-se no jogo de tênis ou no material a ser datilografado.

A mesma coisa se verifica com o estudo de um livro. O estudo é uma arte exigentíssima que envolve um labirinto de pormenores. O principal obstáculo é convencer as pessoas de que elas devem aprender a estudar. A

maioria das pessoas supõe que pelo fato de saberem ler as palavras, sabem por isso mesmo estudar. Esta limitada compreensão da natureza do estudo explica por que tantas pessoas beneficiam-se tão pouco da leitura de livros.

Três regras intrínsecas e três extrínsecas comandam o estudo bem-sucedido de um livro.

As regras intrínsecas podem, no começo, necessitar de três leituras separadas, mas com o tempo elas podem ser feitas simultaneamente. A primeira leitura envolve entender o livro: o que é que o autor está dizendo? A segunda leitura envolve interpretar o livro: o que é que o autor quer dizer? A terceira leitura envolve avaliar o livro: está o autor certo ou errado? A tendência de muitos de nós é no sentido de fazer a terceira leitura e freqüentemente nunca fazer a primeira e a segunda. Fazemos uma análise crítica de um livro antes de entendermos o que ele diz. Julgamos um livro certo ou errado antes de interpretarmos seu significado. O sábio escritor de Eclesiastes disse que há tempo para cada coisa debaixo do céu, e o tempo para a análise crítica de um livro vem depois de cuidadoso entendimento e interpretação.

Todavia, as regras intrínsecas de estudo são, em si mesmas, insuficientes. Para ler com êxito, precisamos dos auxílios extrínsecos da experiência, de outros livros e da discussão ao vivo.

A experiência é o único meio de podermos interpretar o que lemos e de relacionar-nos com o que lemos. A experiência que foi entendida e foi alvo de nossa reflexão, informa e ilumina nosso estudo.

No que se refere a livros, podemos incluir dicionários, comentários e outra literatura interpretativa, porém mais significativos são os livros que precedem ou favorecem o problema que está sendo estudado. É freqüente que os livros tenham significado somente quando lidos em relação com outros livros. Por exemplo, as pessoas acharão quase impossível entender Romanos ou Hebreus sem base na literatura do Antigo Testamento. Os grandes livros que se dedicam aos problemas principais da vida interagem entre si. Não podem ser lidos isoladamente.

A discussão ao vivo refere-se à interação comum que ocorre entre os seres humanos à medida que perseguem um determinado curso de estudo. Interagimos com o autor, interagimos uns com os outros, e assim nascem novas idéias criativas.

O primeiro e mais importante livro que devemos estudar é a Bíblia. O

salmista perguntou: “De que maneira poderá o jovem guardar puro o seu caminho?” E ele respondeu à sua própria pergunta: “Observando-o segundo a tua palavra”, e acrescentou: “Guardo no coração as tuas palavras, para não pecar, contra ti” (Salmo 111:9, 11). Provavelmente a “palavra” a que o salmista se refere seja a Torá. Os cristãos, através dos séculos, têm confirmado esta verdade em seu estudo das Escrituras. “Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (2 Timóteo 3:16, 17). Observe que o propósito central não é pureza doutrinária (embora esta, sem dúvida, esteja envolvida) mas a transformação interior. Quando vamos à Escritura vamos para ser transformados, não para acumular informações.

Devemos entender, porém, que existe uma vasta diferença entre o estudo bíblico e a leitura devocional da Bíblia. No estudo bíblico dá-se alta prioridade à interpretação: o que significa. Na leitura devocional, dá-se alta prioridade à aplicação: o que significa para mim. No estudo, não buscamos êxtase espiritual; com efeito, o êxtase pode ser um obstáculo. Quando estudamos um livro da Bíblia, buscamos ser controlados pela intenção do autor. Resolvemos ouvir o que ele diz, e não o que gostaríamos que ele dissesse. Estamos dispostos a pagar o preço de um dia estéril após outro, até que o significado nos seja claro. Este processo revoluciona-nos a vida.

O apóstolo Pedro encontrou algumas coisas nas epístolas de “nosso amado irmão Paulo” que eram “difíceis de entender” (2 Pedro 3:15,16). Se Pedro pensou assim, nós também pensaremos. Necessitamos de trabalhar no assunto. A leitura devocional diária é, certamente, recomendável, porém ela não é estudo. Quem estiver buscando “uma palavrinha do Senhor para hoje” não está interessado na Disciplina do estudo.

A Escola Dominical para o adulto médio é por demais superficial e devocional para ajudar-nos a estudar a Bíblia, muito embora algumas igrejas creiam suficientemente no estudo a ponto de oferecer cursos sérios sobre a Bíblia.

Talvez você more nas proximidades de um seminário ou de uma universidade onde pode freqüentar cursos como ouvinte. Neste caso, você é feliz, especialmente se encontrar um professor que distribua vida bem como informações. Se, porém, esse não for o caso (e mesmo que o seja), você pode tomar algumas providências para começar o estudo da Bíblia.

Algumas de minhas mais proveitosas experiências de estudo vieram

mediante a estruturação de um retiro privado para mim mesmo. Em geral isto leva de dois a três dias. Sem dúvida você objetará que devido ao seu horário, não lhe é possível encontrar o tempo necessário.

Quero que você saiba que não é mais fácil para mim conseguir esse tempo do que para qualquer outra pessoa. Luto e esforço-me por conseguir cada retiro, programando-o em minha agenda com muitas semanas de antecedência. Tenho sugerido esta idéia a grupos, e tenho verificado que os profissionais com horários sobrecarregados, operários com horários rígidos, donas-de-casa com família grandes, e outros, podem, com efeito, encontrar tempo para um retiro de estudo privado. Descobri que o mais difícil problema não é encontrar tempo mas convencer-me de que é muito importante encontrar tempo.

A Bíblia diz que após a maravilhosa ressurreição de Dorcas, Pedro “ficou em Jope muitos dias em casa de um curtidor, chamado Simão” (Atos 9:43). Foi durante essa estada em Jope que o Espírito Santo levou Pedro a compreender (com auxílios visuais, é claro) seu racismo. Que teria acontecido se Pedro, em vez de permanecer aí, tivesse partido para vários lugares a fim de falar sobre a ressurreição de Dorcas? É possível que ele não tivesse compreendido aquela visão esmagadora recebida do Espírito Santo, “Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas; pelo contrário, em qualquer nação, aquele que o teme e faz o que é justo lhe é aceitável” (Atos 10:34, 35)? Ninguém sabe. Mas isto sei: Deus tem para nós vários lugares de “estada” onde ele possa ensinar-nos de um modo especial.

Para muitos, um fim de semana é uma boa oportunidade para tal experiência.

Outros podem arranjar algum tempo no meio da semana. Se apenas um dia for possível, com freqüência o domingo é excelente.

O melhor lugar é o que estiver longe de casa. Deixar a casa não só nos liberta do telefone e das responsabilidades domésticas, mas também dispõe nossa mente para uma atitude de estudo. Alguns locais como hotéis, chalés, cabanas, funcionam bem. Acampar é menos desejável visto que a gente se distrai com outras atividades.

Retiros de grupos quase nunca levam o estudo a sério, por isso você precisará, certamente, de organizar seu próprio retiro. Uma vez que você está sozinho, terá de disciplinar a si mesmo e a seu tempo com cuidado. Se você é novo no assunto, não vai querer exagerar e dessa forma esgotar-se. Com experiência, porém, você pode esperar realizar umas dez a doze horas de bom

estudo cada dia.

Que deve você estudar? Isso depende de sua necessidade. Não sei quais são suas necessidades; sei, porém, que uma das grandes necessidades dos cristãos hoje é simplesmente da leitura de grandes porções da Bíblia. Grande parte de nossa leitura bíblica é fragmentada e esporádica. Conheço estudantes que fizeram cursos de Bíblia e nunca leram, nem mesmo como um todo, o livro da Bíblia que estava sendo estudado. Considere pegar um grande livro da Bíblia, como Gênesis ou Jeremias, e lê-lo do começo ao fim. Observe a estrutura e o desenvolvimento do livro. Note áreas de dificuldades e volte a elas mais tarde. Anote os pensamentos e as impressões. Às vezes é bom combinar o estudo da Bíblia com o estudo de algum grande clássico devocional. Essas experiências de retiro podem transformar sua vida.

Outro método de estudar a Bíblia é tomar um livro menor, como Efésios ou 1 João, e lê-lo por inteiro, todos os dias, durante um mês. Mais do que qualquer outro esforço isolado, isto porá em sua mente a estrutura do livro. Leia-o sem tentar encaixá-lo em categorias estabelecidas. Espere ouvir coisas novas em novas formas. Mantenha um diário de suas descobertas. No desenrolar desses estudos, obviamente você desejará fazer uso dos melhores auxílios disponíveis.

Além de estudar a Bíblia, não se esqueça de estudar alguns dos clássicos experienciais da literatura cristã. Comece com as Confissões de Sto. Agostinho. A seguir, volte-se para a Imitação de Cristo, de Thomas de Kempis. Não negligencie *The Practice of the Presence of God* (Prática da Presença de Deus), do Irmão Lawrence. Para maior prazer, leia *The Little Flowers of St. Francis* (As Florezinhas de S. Francisco), pelo Irmão Ugolino. Talvez, a seguir, você desejasse algo um pouco mais pesado, como os Pensamentos, de Pascal. Desfrute de *Table Talks* (Conversas à Mesa), de Martinho Lutero, antes de entrar na Instituição da Religião Cristã, de Calvino. Considere a leitura do pioneiro na escrita de diário religioso, *The Journal of George Fox* (Diário de George Fox), ou talvez o mais conhecido Diário de João Wesley. Leia com atenção *A Serious Call to a Devout and Holy Life* (Apelo a uma Vida Devota e Santa), de William Law (as palavras dessa obra trazem um tom contemporâneo). De autores do século vinte, leia *A Testament of Devotion* (Testamento de Devoção), por Thomas Kelly; *The Cost of Discipleship* (O Custo do Discipulado), por Dietrich Bonhoeffer, e *A Essência do Cristianismo Autêntico*, de C. S. Lewis.

Cabe aqui uma palavra de advertência. Não se deixe vencer nem desanimar pela quantia dos livros que não tenha lido. É provável que você

não leu todos os que aqui arrolamos, mas, sem dúvida, leu outros que não mencionamos. Os que foram arrolados, foram-no com o intuito de dar ânimo ao leitor, demonstrando, também, a excelente quantidade de literatura que temos à nossa disposição para guiar-nos na caminhada espiritual. Muitos outros têm percorrido o mesmo caminho e têm deixado marcos. Lembre-se de que a chave da Disciplina do estudo não é ler muitos livros, mas ter experiência daquilo que lemos.

## **Estudo de “Livros não Verbais”**

Chegamos ao menos reconhecido mas talvez o mais importante campo de estudo: a observação da realidade nas coisas, nos acontecimentos e nas ações. O ponto mais fácil por onde começar é a natureza. Não é difícil ver que a ordem criada tem algo para ensinar-nos.

Isaías diz que “... os montes e os outeiros romperão em cânticos diante de vós, e todas as árvores do campo baterão palmas” (Isaías 55:12). A obra das mãos do Criador pode falar a nós e ensinar-nos, se estivermos dispostos a ouvir. Martin Buber conta a história do rabino que ia a uma lagoa todos os dias ao amanhecer a fim de aprender “o hino que as rãs entoam em louvor a Deus”.

Começamos o estudo da natureza prestando atenção. Vemos flores ou pássaros.

Observamo-los cuidadosa e reverentemente. André Gide descreve a ocasião em que, durante uma aula, observou uma mariposa que saía de sua crisálida. Ele se encheu de maravilha, espanto e alegria em face desta metamorfose, desta ressurreição. Todo entusiasmado ele mostrou-a ao professor que respondeu com uma nota de desaprovação: “Grande coisa! Não sabia você que a crisálida é o envoltório da borboleta? Toda borboleta que você vê surgiu de uma crisálida. É perfeitamente natural.” Desiludido, Gide escreveu: “Sim, de fato, eu conhecia História Natural também, talvez melhor do que ele... Mas, pelo fato de ser natural, não podia ele ver que era maravilhoso? Pobre criatura! A partir desse dia, senti pena dele e aversão a suas lições.” Quem não sentiria? O professor de Gide havia apenas acumulado informações; ele não havia estudado. Por isso, o primeiro passo no estudo da natureza é a observação reverente. Uma folha pode falar de ordem e variedade, de complexidade e de simetria. Evelyn Underhill escreveu:

*"Concentre-se, como os exercícios de recordar ensinaram-lhe a fazê-lo. Depois, com atenção e, não*

*mais disperso entre os pequenos acidentes e interesses de sua vida pessoal, mas equilibrado, ereto, pronto para o trabalho que você demandará desse mister, procure alcançar, por um distinto ato de amor uma das miríades de manifestações da vida que o circunda, as quais, de uma forma costumeira, dificilmente você nota, a menos que aconteça você necessitar delas.*

*Lance-se a ele; não atraia a imagem dele ara você. Atenção deliberada - mais ata, apaixonada - uma atenção que logo transcende a consciência de si mesmo, como separada da coisa vista e a esta assistindo; esta é a condição do êxito.*

*Quanto ao objeto de contemplação, pouco importa. Dos Alpes ao inseto, tudo é válido, contanto que sua atitude seja reta; pois todas as coisas neste mundo que você deseja alcançar estão ligadas umas às outras, e uma delas verdadeiramente apreendida será a porta para as restantes.”*

O passo seguinte é fazer-se amigo das flores, das árvores e das pequenas criaturas que rastejam pela terra. Como o Dr. Doolittle da fábula, converse com os animais. Está claro que não podemos, em realidade, conversar com eles... ou será que podemos? Há, por certo, uma comunicação que ultrapassa as palavras - os animais, até mesmo as plantas, parecem responder à nossa amizade e compaixão. Sei disto porque já fiz experiências neste sentido, e também o fizeram alguns cientistas de primeira, e temos verificado que é verdadeiro.

Talvez as histórias a respeito de S. Francisco de Assis domesticando o lobo de Gubbio e pregando aos pássaros não sejam improváveis. Disto podemos estar certos: se amarmos a criação, aprenderemos com ela. Em Os irmãos Karamazov, Dostoievski aconselhou:

“Ame toda a criação de Deus, o todo e cada grão de areia que nela há. Ame cada folha, cada raio de luz de Deus. Ame os animais, ame as plantas, ame tudo. Se você amar tudo, perceberá o mistério divino nas coisas. Percebido o mistério, você poderá compreendê-lo melhor cada dia.”

Há, naturalmente, além da natureza muitos outros “livros” que deveríamos estudar. Se você observar as relações que ocorrem entre os seres humanos, receberá uma educação de nível pós-graduação. Veja, por exemplo, quanto do que falamos visa a justificar nossas ações. Achamos quase

impossível agir e deixar que o ato fale por si mesmo. Não; devemos explicá-lo, justificá-lo, demonstrar sua justeza. Por que sentimos esta compulsão de explicar tudo direitinho? Por causa do orgulho e do medo. Nossa reputação está em jogo!

Esse traço é particularmente fácil de observar entre vendedores, escritores, pregadores, professores - todos quantos ganham a vida fazendo bom uso das palavras. Se porém, fizermos de nós mesmos um dos principais assuntos de estudo, aos poucos nos livraremos da arrogância. Seremos incapazes de orar como o fariseu: “Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens...” (Lucas 18:11).

Atente bem para os relacionamentos comuns que você encontra durante o dia: em casa, no trabalho, na escola. Note as coisas que controlam as pessoas.

Lembre-se: você não está tentando condenar ou julgar ninguém; você está apenas procurando aprender.

Conforme mencionei acima, nós mesmos deveríamos conhecer as coisas que nos controlam. Observe seus sentimentos interiores e variações de ânimo. Que é que controla seus ânimos? Que é que você pode aprender daí a respeito de si mesmo?

Ao fazer tudo isto, não estamos tentando tomar-nos psicólogos ou sociólogos amadores. Nem estamos obsecados por excessiva introspecção. Estudamos essas matérias com espírito de humildade e tendo necessidade de uma grande dose de graça. Desejamos apenas seguir a máxima de Sócrates: “Conhece-te a ti mesmo.” E mediante o bendito Espírito Santo esperamos que Jesus seja nosso Mestre vivo e sempre presente.

Fariamos bem em estudar instituições e culturas, bem como as forças que as modelam. Deveríamos, também, ponderar sobre os acontecimentos de nosso tempo - notando primeiro, com espírito de discernimento, o que nossa cultura pensa ser ou não ser um “grande acontecimento”. Examine os sistemas de valor de uma cultura - não o que as pessoas dizem ser, mas o que realmente são. E um dos mais nítidos meios de ver os valores de nossa cultura é observar os comerciais de televisão.

Faça perguntas. De que se constituem o ativo e o passivo de uma sociedade tecnológica? Por que achamos difícil, em nossa cultura, encontrar tempo para desenvolver relacionamentos? É o individualismo Ocidental valioso ou destruidor? Que elementos, em nossa cultura, estão alinhados com

o evangelho, e quais estão em desacordo? Uma das mais importantes funções dos profetas cristãos de nossos dias é perceber as conseqüências de várias invenções e de outras forças culturais e formular juízos de valor a respeito delas.

O estudo produz alegria. Como todo novato, acharemos difícil trabalhar no começo. Mas quanto maior nossa proficiência, tanto maior nossa alegria.

Alexander Pope disse: “Não há estudo que não seja capaz de deleitar-nos depois de uma pequena aplicação a ele.” O estudo é digno de nosso mais sério esforço.

## Segunda Parte: Disciplinas Exteriores

---

### 6. A DISCIPLINA DA SIMPLICIDADE

*"Quando vivemos verdadeiramente na simplicidade interior, toda a nossa aparência é mais franca, mais natural. A verdadeira simplicidade... faz-nos cômnicos de certa abertura, moderação, inocência, alegria e serenidade, o que é encantador quando o vemos de perto e continuamente, com olhos puros. Oh, quão amável é esta simplicidade! Quem ma dará? Por ela deixo tudo. Ela é a pérola do Evangelho." - François Fénelon*

Simplicidade é liberdade. Duplicidade é servidão. A simplicidade traz alegria e equilíbrio. A duplicidade traz ansiedade e temor. O pregador de Eclesiastes observou que “Deus faz o homem reto, e este procura complicações sem conta” (Eclesiastes 7:29, Bíblia de Jerusalém). Visto como muitos de nós experimentamos o livramento que Deus traz mediante a simplicidade, cantamos uma vez mais um antigo hino dos shakers:

*"É um dom ser simples,  
É um dom ser livre,  
É um dom descer aonde devemos estar,  
E quando nos virmos num caminho certo,  
Viveremos num vale de amor e deleite!*

*Ao adquirir a real simplicidade,  
Não nos envergonhamos de viver e amar,  
Voltar e voltar nosso deleite será,  
Até que voltando, voltando,  
Para o que é certo nos voltamos.”*

A Disciplina cristã da simplicidade é uma realidade interior que resulta num estilo de vida exterior. Tanto o aspecto interior como o exterior da simplicidade são fundamentais. Enganamo-nos a nós mesmos se cremos que podemos possuir a realidade interior sem que ela tenha um profundo efeito sobre nosso modo de viver. A tentativa de demonstrar um estilo de vida exterior de simplicidade sem a realidade interior conduz ao legalismo fatal.

A simplicidade começa no foco e na unidade interior. Significa viver a partir do que Thomas Kelly chamou de “Centro Divino”. Kierkegaard captou o núcleo da simplicidade cristã no intenso título de seu livro. Purify of Heart Is Will One Thing (Pureza de Coração é Desejar Uma Só Coisa).

O experimentar a realidade interior liberta-nos exteriormente. O linguajar torna-se veraz e honesto. A cobiça de “status” e posição passou, porque não mais necessitamos deles. Paramos com a extravagância pomposa, não porque não possamos dar-nos a esse luxo, mas por uma questão de princípio. Nossos bens se tornam disponíveis aos outros. Juntamo-nos à experiência que Richard E. Byrd registrou em seu diário, após meses de solidão no estéril Ártico: “Estou aprendendo... que um homem pode viver intensamente sem grande quantidade de coisas.”

Falta à cultura contemporânea tanto a realidade interior como o estilo de vida de simplicidade exterior.

Internamente o homem moderno está fraturado e fragmentado. Encontra-se perdido num labirinto de realizações competidoras. Num momento ele toma decisões com base na razão sábia, e no momento seguinte o faz por medo do que os outros venham a pensar dele. Ele não tem unidade ou foco em torno do qual a vida se oriente.

Pelo fato de faltar-nos um Centro divino, nossa necessidade de segurança tem-nos induzido a um apego insano às coisas. Devemos entender com clareza que o ardente desejo de abundância na sociedade contemporânea é de natureza psicótica. É psicótica porque perdeu por completo o contato com a realidade.

Ansiamos possuir coisas de que não necessitamos nem desfrutamos. “Compramos coisas que realmente não desejamos para impressionar pessoas das quais não gostamos.” Onde a obsolescência planejada desiste, a obsolescência psicológica assume o controle. Somos levados a sentir vergonha de usar roupas ou dirigir carros até que se gastem. Os veículos de propaganda têm-nos convencido de que andar fora de moda é não andar em dia com a realidade. Já é tempo de despertar-nos para o fato de que a conformidade com uma sociedade enferma significa que estamos enfermos. Enquanto não virmos o quanto nossa cultura se desequilibrou neste ponto não estaremos em condições de lidar com o espírito de riquezas materiais que há dentro de nós, nem desejaremos a simplicidade cristã.

A psicose permeia até mesmo nossa mitologia. O herói moderno é o jovem pobre que se torna rico em vez do ideal franciscano ou budista do jovem rico que voluntariamente se torna pobre. (Ainda achamos difícil imaginar que isso também pudesse acontecer a um jovem!). Cobiça a que chamamos ambição. Tesouro oculto a que chamamos prudência. Ganância a que denominamos diligência.

Além do mais, é importante entender que a moderna contracultura mal chega a ser uma melhoria. É uma mudança superficial no estilo de vida que não trata seriamente dos problemas básicos de uma sociedade de consumo. Visto que sempre faltou à contracultura um centro positivo, inevitavelmente ela se degenerou em trivialidade. Art Gish disse:

“Grande parte da contracultura é um reflexo dos piores aspectos da velha sociedade enferma. A revolução não é narcótico livre, sexo livre, abortos a pedido. Isso é ofegar moribundo de uma velha cultura e não conduzirá a uma nova vida. O erotismo pseudolibertário, os elementos de sadomasoquismo, e os anúncios que apelam para o sexo em grande parte da imprensa clandestina é parte da perversão da antiga ordem e expressão de morte. Muitos que se acham na clandestinidade estão vivendo os mesmos valores do establishment, apenas em forma invertida.”

Corajosamente necessitamos de articular novos e mais humanos modos de viver.

Deveríamos fazer objeção à moderna psicose que define as pessoas pelo quanto podem produzir ou pelo que elas ganham. Deveríamos experimentar novas e ousadas alternativas para o presente sistema mortífero. A Disciplina Espiritual da simplicidade não é um sonho perdido mas uma visão recorrente através da história. Ela pode ser recapturada hoje. Deve sê-lo.

## A Bíblia e a Simplicidade

Antes de tentar forjar uma opinião cristã da simplicidade é necessário destruir a noção prevaiente de que a Bíblia é ambígua com relação aos problemas econômicos. Com muita frequência se pensa que nossa reação à riqueza é um problema individual. Diz-se que o ensino da Bíblia nesta área é estritamente matéria de interpretação pessoal. Procuramos crer que Jesus não se referiu a questões econômicas práticas.

Nenhuma leitura séria das Escrituras pode sustentar tal opinião. As injunções bíblicas contra a exploração do pobre e o acúmulo de riqueza são claras e diretas. A Bíblia desafia quase todos os valores econômicos da sociedade contemporânea. Por exemplo, o Antigo Testamento contesta a noção popular de um direito absoluto à propriedade privada. A terra pertencia a Deus e portanto não podia ser possuída perpetuamente, e no ano do jubileu toda a terra voltava ao seu possuidor original. Em realidade, o propósito do ano do jubileu era prover uma redistribuição regular da riqueza, uma vez que a própria riqueza era considerada como pertencente a Deus e não ao homem. Tal ponto de vista radical da economia estampa-se na face de quase toda crença e prática modernas. Se Israel tivesse observado fielmente o jubileu, teria desferido um golpe mortal no perene problema de os ricos se tornarem mais ricos e os pobres se tornarem mais pobres.

A todo instante a Bíblia trata decisivamente do espírito interior de escravidão gerado por um apego idólatra à riqueza. “Se as vossas riquezas prosperam, não ponhais nelas o coração” (Salmo 62:10). O décimo mandamento é contra a cobiça, contra o desejo interior de “ter”, que conduz ao roubo e à opressão. O sábio filósofo entendia que “Quem confia nas suas riquezas cairá” (Provérbios 11:28).

Jesus declarou guerra ao materialismo do seu tempo. O tremo aramaico para riqueza era “mamom”, e Jesus condenou-a como um deus rival: “Nenhum servo pode servir a dois senhores; porque, ou há de aborrecer um ou amar o outro, ou se há de chegar a um e desprezar o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom” (Lucas 16:13, Ed. Rev. Corrigida). Ele falou com frequência e sem ambigüidade dos problemas econômicos. “Bem-aventurados vós os pobres, porque vosso é o reino de Deus” e “Ai de vós, os ricos! porque tendes a vossa consolação” (Lucas 6:20, 24). Retratou graficamente a dificuldade do rico entrar no reino de Deus como a de um camelo passar pelo fundo de uma agulha. Para Deus, naturalmente, todas as coisas são possíveis, mas Jesus entendeu claramente a dificuldade. Viu as garras que a riqueza pode

colocar sobre uma pessoa. Ele sabia que “onde está o teu tesouro, aí estará também teu coração”, que é precisamente a razão de ele ordenar a seus seguidores. “Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra” (Mateus 6:21, 19). Jesus não estava dizendo que o coração deveria ou não deveria estar onde está o tesouro. Ele estava afirmando o simples fato de que onde quer que você encontre o tesouro, aí encontrará o coração.

Jesus exortou o jovem rico a não ter apenas uma atitude interior de desapego a suas posses, mas literalmente livrar-se delas, se desejasse o reino de Deus (Mateus 19:16-22). Disse Jesus: “Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avaréza; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui” (Lucas 12:15). Aconselhou às pessoas que vinham buscar a Deus: “Vendei os vossos bens e dai esmola; fazei para vós outros bolsas que não desgastem, tesouro inextinguível nos céus...” (Lucas 12:16-21). Jesus disse que se realmente desejamos o reino de Deus devemos, como um negociante que procura boas pérolas, tendo achado uma de grande valor, estar dispostos a vender tudo para consegui-la (Mateus 13:45, 46). Ele chamou todos os que quisessem segui-lo para uma vida alegre, despreocupada e isenta de cuidados materiais: “Dá a todo o que te pede; e se alguém levar o que é teu, não entres em demanda” (Lucas 6:30).

Jesus referiu-se à questão de economia mais do que a qualquer outro problema social. Se numa sociedade comparativamente simples nosso Senhor dá ênfase tão grande sobre os perigos espirituais da riqueza, quanto mais deveríamos nós que vivemos numa cultura altamente rica levar a sério a questão econômica.

As epístolas referem o mesmo interesse. Paulo disse: “Ora, os que querem ficar ricos caem em tentação e cilada, e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição” (1 Timóteo 6:9). O bispo não deve ser “avarento” (1 Timóteo 3:3). O diácono não deve ser “cobiçoso de sórdida ganância” (1 Timóteo 3:8). O escritor de Hebreus aconselhou: “Seja a vossa vida sem avaréza. Contentai-vos com as coisas que tendes; porque ele tem dito: De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei” (Hebreus 13:5). Tiago lançou a culpa por mortes e guerras sobre a cobiça de bens materiais: “Cobiçais e nada tendes; matais e invejais e nada podeis obter; viveis a lutar e a fazer guerras” (Tiago 4:1-2). Paulo chamou a avaréza de idolatria e ordenou à igreja de Corinto que exercesse severa disciplina contra qualquer pessoa culpada de ganância (Efésios 5:5; 1 Coríntios 5:11). Ele colocou a ganância ao lado do adultério e do roubo e declarou que os que vivem nessas coisas não herdarão o reino de

Deus. Paulo aconselhou os ricos a não confiarem em sua riqueza, mas em Deus, e repartir generosamente com os outros (1 Timóteo 6:17-19).

Havendo dito isto, devo apressar-me em acrescentar que Deus deseja que tenhamos suficiente provisão material. Há miséria hoje por uma simples falta de provisão, assim como há miséria quando as pessoas tentam viver de provisão. A pobreza deliberada é um mal e deve ser abandonada. Nem a Bíblia perdoa ou escusa o ascetismo. A Escritura declara de forma consistente e vigorosa que a criação é boa e deve ser desfrutada. O ascetismo estabelece uma divisão antibíblica entre um mundo espiritual bom e um mundo material mau e assim encontra salvação prestando tão pouca atenção quanto possível ao reino físico da existência.

Ascetismo e simplicidade são mutuamente incompatíveis. As similaridades superficiais e ocasionais na prática nunca devem obscurecer a diferença radical entre os dois. O ascetismo renuncia às posses. A simplicidade coloca as posses na devida perspectiva. O ascetismo não encontra lugar para uma “terra que mana leite e mel”. A simplicidade pode regozijar-se nesta graciosa provisão da mão de Deus. O ascetismo só encontra contentamento quando humilhado. A simplicidade conhece o contentamento tanto na humilhação como na abundância (Filipenses 4:12).

A simplicidade é a única coisa que pode adequadamente reorientar nossas vidas de sorte que as posses sejam autenticamente desfrutadas sem destruir-nos. Sem a simplicidade, ou capitularemos ao espírito de “Mamom” da presente era má, ou cairemos num ascetismo legalista e anticristão. Ambas as situações levam à idolatria. Ambas são espiritualmente fatais.

A Escritura é farta em descrições da abundante provisão material que Deus dá ao seu povo. “Porque o Senhor teu Deus te faz entrar numa boa terra... e nada te faltará nela” (Deuteronômio 8:7-9). Também é farta em advertências sobre o perigo de provisões que não são mantidas na devida perspectiva. “Não digas, pois, no teu coração: A minha força e o poder do meu braço me adquiriram estas riquezas” (Deuteronômio 8:17).

A Disciplina Espiritual da simplicidade provê a necessária perspectiva que nos liberta para receber a provisão de Deus como um Dom que, por não ser nosso, não devemos guardar, mas que pode ser gratuitamente partilhado com outros. Uma vez que reconhecemos que a Bíblia denuncia os materialistas e os ascetas com igual vigor, estamos preparados para voltar nossa atenção à estrutura de um entendimento cristão da simplicidade.

## Um Ponto de Apoio

Arquimedes declarou: “Dai-me um ponto de apoio e eu moverei a terra.” Esse ponto focal é importante em qualquer Disciplina, mas é tremendamente importante em se tratando da simplicidade. De todas as Disciplinas, a simplicidade é a mais visível e, portanto, a mais aberta à corrupção. A maioria dos cristãos nunca lutou de verdade com o problema da simplicidade, convenientemente ignorando muitas palavras de Jesus sobre o assunto. A razão é simples: esta Disciplina desafia diretamente nossos interesses pessoais num abastado estilo de vida. Mas os que levam a sério o ensino bíblico sobre a simplicidade defrontam-se com severas tentações em direção ao legalismo. No ardente esforço de dar expressão concreta ao ensino econômico de Jesus é fácil confundir nossa expressão do ensino com o próprio ensino. Usamos este atavio ou compramos aquele tipo de casa e sacramentamos nossas escolhas como simplicidade de vida.

Por causa deste perigo é muito importante achar e claramente articular um ponto focal arquimediano para a simplicidade.

Temos esse ponto focal nas palavras de Jesus:

*"Por isso vos digo: Não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo mais do que as vestes? Observai as aves do céu: não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo vosso pai celeste as sustenta. Porventura, não valeis vós muito mais do que as aves?"*

*Qual de vós, por ansioso que esteja, pode acrescentar um côvado ao curso da sua vida? E por que andais ansiosos quanto ao vestuário? Considerai como crescem os lírios do campo: eles não trabalham nem fiam. Eu, contudo, vos afirmo que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles. Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós outros, homens de pequena fé? Portanto não vos inquieteis, dizendo: Que comeremos? Que beberemos? ou: Com que nos vestiremos? porque os gentios é que procuram todas estas coisas; pois vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas; buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas*

*estas coisas vos serão acrescentadas” (Mateus 6:25-33).*

O ponto central da Disciplina da simplicidade é buscar primeiro o reino de Deus e a sua justiça - e então, tudo o que for necessário virá em sua devida ordem.

É impossível exagerar a importância do discernimento de Jesus neste ponto.

Tudo depende de manter em primeiro lugar o que realmente é “primeiro”. Nada deve vir antes do reino de Deus, nem mesmo o desejo de um estilo de vida simples. A simplicidade torna-se idolatria quando precede a busca do reino.

Soren Kierkegaard escreveu:

*“Buscai em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça.’ Que significa isto, que tenho eu de fazer, ou que tipo de esforço é este que pode ser chamado de buscar ou perseguir o reino de Deus? Deverei tentar obter um emprego compatível com os meus talentos e minhas forças para que assim exerça influência? Não, debes buscar primeiro o reino de Deus. Devo, então, sair a proclamar este ensino ao mundo? Não, debes buscar primeiro o reino de Deus. Mas então, em certo sentido, nada é o que devo fazer. Sim, certamente em certo sentido, nada, torna-se nada diante de Deus, aprender a manter-se silente; neste silêncio está o começo, que é buscar primeiro o reino de Deus.”*

Focalizar o reino produz realidade interior, e sem essa realidade degenerar-nos-emos em trivialidades legalistas. Nada mais pode ser central. O desejo de sair da corrida maluca não pode ser central; a preocupação com a ecologia não pode ser central. A única coisa que pode ser central na Disciplina Espiritual da simplicidade é buscar primeiro o reino de Deus e a justiça, tanto pessoal como social, desse reino. Por mais dignos que sejam todos os demais interesses, no momento em que eles se tornam o foco de nossos esforços, tornam-se idolatria. O concentrar-nos neles inevitavelmente nos induzirá a declarar que nossa atividade especial é a simplicidade cristã. E, de fato, quando o reino de Deus é verdadeiramente colocado em primeiro lugar, as preocupações ecológicas, os pobres, a distribuição equitativa da riqueza e

muitas outras coisas recebem a devida atenção. A pessoa que não busca o reino de Deus em primeiro lugar, absolutamente não o busca, a despeito de quão digna seja a idolatria que o substitui.

Como Jesus deixou muito claro em nosso texto central, estar livre de ansiedade é uma das provas interiores de que estamos buscando o reino de Deus em primeiro lugar. A realidade interior da simplicidade envolve uma vida de alegre despreocupação com os bens materiais. Nem o ganancioso nem o avarento conhecem essa liberdade. Ela não tem nada que ver com a abundância ou com a falta de posses. É uma atitude interior de confiança. O simples fato de uma pessoa viver sem a posse de bens materiais não é garantia alguma de que esteja vivendo em simplicidade. Paulo ensinou que o amor do dinheiro é a raiz de todos os males, e muitas vezes os que menos o têm amam-no ao máximo. É possível a uma pessoa estar desenvolvendo um estilo de vida exterior de simplicidade e viver cheia de ansiedade. Inversamente, a riqueza não liberta da ansiedade.

Porque riqueza e abundância vêm hipocritamente vestidas com pele de ovelha fingindo ser segurança contar ansiedades, e elas se tornam então objeto de ansiedade... elas protegem a pessoa contra as ansiedades exatamente com o lobo que é posto a cuidar de ovelhas as protege... contra o lobo...

A liberdade de ansiedade caracteriza-se por três atitudes interiores. Se recebemos o que temos como um Dom, se o que temos recebe o cuidado de Deus e se o que temos está disponível aos outros, então seremos livres de ansiedade. Esta é a realidade interior da simplicidade. Contudo, se aquilo que temos nós cremos que o conseguimos, se aquilo que temos nós cremos que devemos retê-lo e se o que temos não está disponível aos outros, então vivermos em ansiedade. Tais pessoas jamais conheceram a simplicidade, a despeito das contorções exteriores a que possam submeter-se a fim de viver “a vida simples”.

Receber o que temos como um dom de Deus é a primeira atitude interior da simplicidade. Trabalhamos, porém sabemos que não é nosso trabalho que dá o que temos. Vivemos pela graça, mesmo quando se trata do “pão nosso de cada dia”.

Dependemos de Deus para obter os mais simples elementos da vida: ar, água, sol.

O que temos não é resultado de nosso labor, mas do gracioso cuidado de Deus.

Quando somos tentados a pensar que aquilo que possuímos resulta de nossos esforços pessoais, basta uma pequena seca ou um pequeno acidente para mostrar-nos uma vez mais quão radicalmente dependemos em tudo.

Saber que é negócio de Deus, e não nosso, cuidar do que temos é a segunda atitude interior da simplicidade. Deus pode proteger o que possuímos. Podemos confiar nele. Significa isso que nunca deveríamos tirar a chave do carro ou fechar a porta? Claro que não. Mas sabemos que a fechadura da porta não é o que protege a casa. É apenas bom senso tomar precauções normais, mas se cremos que é a precaução que nos protege e a nossos bens, estaremos crivados de ansiedade.

Simplemente não existe preocupação “à prova de roubo”. Obviamente, estas considerações não se restringem a posses, mas incluem coisas tais como nossa reputação ou nosso emprego. Simplicidade significa a liberdade de confiar em Deus para obter estas (e todas as demais) coisas.

Ter nossos bens disponíveis aos outros indica a terceira atitude interior da simplicidade. Martinho Lutero disse: “Se nossos bens não estão disponíveis à comunidade, são bens roubados.” O motivo por que achamos estas palavras tão difíceis é o nosso temor do futuro. Agarramo-nos às nossas posses em vez de reparti-las, porque nos preocupamos com o dia de amanhã. Se, porém, cremos que Deus é quem Jesus disse ser, então não precisamos temer. Quando vimos a Deus como o Criador Todo-poderoso e nosso amoroso Pai, podemos repartir, porque sabemos que ele cuidará de nós. Se alguém estiver em necessidade, somos livres para socorrê-lo. Aqui, também, o corriqueiro bom senso definirá a base da nossa participação e nos livrará da loucura.

Quando buscamos em primeiro lugar o reino de Deus, estas três atitudes caracterizam nossas vidas. Tomadas juntamente, elas definem o que Jesus queria dizer por, “não andeis ansiosos”. Elas contêm a realidade interior da simplicidade cristã. E podemos estar certos de que quando vivemos nesta realidade central, “todas estas coisas” necessárias à vida abundante serão igualmente nossas.

## **A Expressão Exterior da Simplicidade**

Descrever a simplicidade apenas como uma realidade interior é dizer algo falso.

A realidade interior não é realidade enquanto não houver expressão

exterior. A atitude libertadora da simplicidade afetará nosso modo de viver. Conforme adverti anteriormente, dar aplicação específica à simplicidade é correr o risco de deteriorar-se em regras legalistas. É, contudo, um risco que devemos aceitar, pois a recusa em discutir pontos específicos baniria a Disciplina para o campo teórico. Afinal de contas, os escritores da Bíblia constantemente aceitaram esse risco.

Desejo arrolar dez princípios controladores para a expressão exterior da simplicidade. Não devem ser considerados como leis mas como uma tentativa de consubstanciar o significado da simplicidade na vida do século vinte.

Em primeiro lugar, compre as coisas por sua utilidade e não por seu “status”.

Os automóveis devem ser comprados por sua utilidade, não por seu prestígio.

Considere andar de bicicleta. Na construção ou compra de casas, pense na habilidade em vez de pensar na impressão que ela causará aos outros. Não tenha casa maior do que o razoável. Afinal de contas, quem necessita de sete quartos para duas pessoas?

Considere suas roupas. Muitas pessoas não têm necessidade de mais roupas.

Comprem mais, não porque precisem, mas porque desejam andar na moda. Enforce a moda. Compre somente aquilo de que você precisa. Use suas roupas até que se gastem. Pare com o esforço de impressionar as pessoas com suas roupas e impressione-as com sua vida. Se for prático no seu caso, aprenda a alegria de fazer roupas. E, pelo amor de Deus (e digo isto muito literalmente), use roupas práticas em vez de roupas ornamentais. João Wesley declarou: “Quanto a aparelho, compro o mais duradouro e, em geral, o mais simples que posso. Não compro móveis, senão o que for necessário e barato.”

Segundo, rejeite qualquer coisa que o esteja viciando. Aprenda a distinguir entre a verdadeira necessidade psicológica, como ambientes alegres e o vício.

Elimine ou reduza o uso de bebidas que viciem e não são nutritivas: álcool, café, chá, Coca-Cola, etc. Se você está viciado em televisão, venda o aparelho ou se desfça dele de qualquer jeito. Qualquer dos meios de comunicação que você acha não poder viver sem eles: rádios, estéreos, revistas, filmes, jornais, livros - trate de livrar-se deles. O chocolate tornou-se

um vício grave para muitas pessoas. Se o dinheiro lançou garra sobre seu coração, dê uma parte e sinta a liberdade interior. Simplicidade é liberdade, não escravidão.

Recuse ser escravo de qualquer coisa, exceto de Deus.

Terceiro, crie o hábito de dar coisas. Se você acha que se está apegando a alguma posse, considere dá-la a alguém que necessite. Ainda me lembro do Natal em que resolvi que melhor do que comprar ou mesmo fazer um objeto para uma determinada pessoa, eu lhe daria algo que significava muito para mim. Meu motivo era egoísta: desejava conhecer o livramento oriundo deste simples ato de pobreza voluntária. Esse algo era uma bicicleta de dez marchas. Enquanto eu me dirigia para a casa do amigo para entregar o presente, lembro-me de cantar com novo significado o coro de um hino que diz: “De graça, de graça recebestes; de graça, de graça dai.” Ontem meu filho de seis anos ouviu falar de um coleguinha que precisava de uma lancheira, e perguntou-me se ele podia dar-lhe a sua. Aleluia!

Desacumule. Quantidades de coisas que não são necessárias complicam a vida.

Elas precisam ser classificadas e guardadas e espanadas e reclassificadas e guardadas de novo ad nauseam. Muitos de nós poderíamos livrar-nos da metade das coisas que possuímos sem nenhum sacrifício grave. Faríamos bem em atender o conselho de Thoreau: “Simplifique, simplifique.”

Quarto, recuse ser dominado pela propaganda dos fabricantes de bugigangas modernas. Esses inventos para poupar tempo quase nunca poupam tempo. Cuidado com as palavras: “Paga por si mesmo em seis meses.” A maioria desses inventos são feitos para desarranjar-se, desgastar-se e assim complicar nossa vida em vez de ajudar. Este problema é uma praga da indústria de brinquedos. Nossas crianças não precisam ser entretidas por bonecas que choram, que comem, que urinam, suam e cospem. Uma velha boneca de trapo pode dar mais alegria e durar muito mais. Muitas vezes as crianças encontram maior alegria em brincar com panelas e bules velhos do que com o último aparelho espacial. Procure brinquedos educativos e duráveis. Faça você mesmo alguns.

Em geral essas engenhocas são um dreno desnecessário dos recursos energéticos do mundo. Os Estados Unidos têm menos de 6% da população mundial, mas consomem cerca de 33% da energia do mundo. Nos Estados Unidos, só os condicionadores de ar usam a mesma soma de energia que usa a China com seus 830 milhões de habitantes. A responsabilidade ambiental

seria suficiente para livrar-nos da maioria desses aparelhos produzidos hoje.

Os anunciantes tentam convencer-nos de que pelo fato de o mais novo modelo disto ou daquilo ter um novo característico (ninharia?), devemos vender o antigo e comprar o novo. As máquinas de costura têm novos pontos, os gravadores de fita têm novos botões, as enciclopédias têm novos índices. Tal dogma de comunicação precisa ser cuidadosamente examinado. Muitas vezes os “novos” característicos são apenas um meio de induzir-nos a comprar o de que não necessitamos. Provavelmente aquele refrigerador nos servirá muito bem pelo resto de nossa vida mesmo sem o dispositivo automático de fazer gelo e sem as cores do arco-íris.

Quinto, aprenda a desfrutar das coisas sem possuí-las. Possuir coisas é uma obsessão de nossa cultura. Se as possuímos, achamos que podemos controlá-las; e se podemos controlá-las, sentimos que nos darão maior prazer. Essa idéia é uma ilusão. Muitas coisas na vida podem ser desfrutadas sem que as possuamos ou controlemos. Partilhe das coisas. Aproveite a praia sem achar que você tem que comprar um pedaço dela. Aproveite as bibliotecas e os parques públicos.

Sexto, desenvolva um apreço mais profundo pela criação. Aproxime-se da terra.

Ande sempre que puder. Ouça os pássaros - eles são mensageiros de Deus. Goze da textura da grama e das folhas. Maravilhe-se com as ricas cores que há por toda parte. Simplicidade significa descobrir uma vez mais que “Ao Senhor pertence a terra e tudo o que nela se contém” (Salmo 24:1).

Sétimo, olhe com cepticismo saudável todos os planos de “compre agora, pague depois”. Eles são uma armadilha e servem para aumentar sua escravidão. Tanto o Antigo como o Novo Testamento condenam a usura e o fazem por bons motivos. (Na Bíblia, o termo “usura” não é empregado no sentido moderno de juro exorbitante; refere-se a qualquer tipo de juro.) A cobrança de juro era considerada como exploração antifraternal do infortúnio de outrem, daí uma negação da comunidade cristã. Jesus denunciou a usura como sinal da velha vida e admoestou seus discípulos a emprestar “sem esperar nenhuma paga” (Lucas 6:35).

Essas palavras da Escritura não deveriam ser interpretadas como um tipo de lei universal imposta a todas as culturas em todos os tempos. Mas também não devem ser consideradas como totalmente inaplicáveis à sociedade moderna. Atrás dessas injunções bíblicas estão séculos de sabedoria acumulada (e talvez algumas experiências amargas!). Certamente a prudência,

bem como a simplicidade, exigiriam que usemos de extrema cautela antes de incorrerem em dívida.

Oitavo, obedeça às instruções de Jesus sobre a linguagem clara, honesta. “Seja, porém, a tua palavra: Sim, sim; não, não. O que disto passar, vem do maligno” (Mateus 5:37). Se você consente em executar uma tarefa, execute-a. Evite a bajulação e as meias verdades. Faça da honestidade e da integridade os característicos distintivos de seu falar. Rejeite o jargão e a especulação abstrata cujo propósito é obscurecer e impressionar, em vez de esclarecer e informar.

A linguagem clara é difícil porque raramente vivemos a partir do Centro divino, raramente respondemos só aos impulsos celestiais. Muitas vezes o medo do que os outros possam pensar ou uma centena de outros motivos determinam nosso “sim” ou “não” em vez da obediência aos estímulos divinos. Se surge uma oportunidade mais atraente, ou uma situação que nos coloca numa luz melhor, logo invertemos nossa decisão. Se, porém, nosso falar procede da obediência ao Centro divino, não veremos motivo para tornar nosso “sim” em “não” e nosso “não” em “sim”.

Estaremos vivendo em simplicidade de linguagem pois nossas palavras têm somente uma Fonte. Soren Kierkegaard escreveu: “Se és absolutamente obediente a Deus, então não existe ambigüidade em ti e... tu és mera simplicidade perante Deus.

... Uma coisa há que a astúcia de Satanás e todos os laços da tentação não podem apanhar de surpresa: a simplicidade.”

Nono, recuse tudo quanto gere a opressão de outros. Talvez ninguém tenha corporificado mais plenamente este princípio do que John Woolman, o alfaiate quacre do século dezoito. Seu famoso Diário está cheio de ternas referências a seu desejo de viver sem oprimir a outros.

*"Aqui fui levado a uma contínua e laboriosa investigação para saber se eu, como indivíduo, evitava todas as coisas que tendiam a fomentar guerras ou eram com elas relacionadas, fosse neste país ou na África; meu coração estava profundamente interessado em que no futuro eu pudesse, em todas as coisas, manter-me constante à pura verdade, e viver e andar na lisura e simplicidade de um sincero seguidor de Cristo. ... E aqui a luxúria e a cobiça, com as numerosas opressões e outros males que as acompanham, pareciam-me muito aflitivas e senti, naquilo que é imutável, que as sementes de grande*

*calamidade e desolação são semeadas e crescem depressa neste continente."*

Este é um dos mais difíceis e sensíveis problemas com que se defrontam os cristãos do século vinte. Em um mundo de recursos limitados, leva nossa cobiça de riqueza à pobreza de outros? Deveríamos comprar produtos fabricados por pessoas que são forçadas a trabalhar em estúpidas linhas de montagem?

Desfrutaremos de relações hierárquicas na companhia ou na fábrica que mantêm outras pessoas sob nossas ordens? Oprimimos nossos filhos ou cônjuge porque certas tarefas estão sob nosso comando?

Muitas vezes nossa opressão vem matizada com racismo e sexo. A cor da pele ainda afeta a posição de uma pessoa na empresa. O sexo de um candidato a emprego ainda afeta o salário. Possa Deus dar-nos profetas hoje que, à semelhança de John Woolman, nos chamem "do desejo de riqueza" de sorte que possamos "quebrar o jugo da opressão".

Décimo, evite qualquer coisa que o distraia de sua meta principal. George Fox advertiu:

"Mas há para vós o perigo e a tentação de atrair vossas mentes para o vosso negócio, e este criarlhes empecilho; de sorte que mal podeis fazer qualquer coisa para o serviço de Deus, pois haverá o clamor, meu negócio, meu negócio; e vossas mentes entrarão nas coisas, em vez de discuti-las. ... E então, se o Senhor Deus cruzar convosco, e vos detiver no mar e na terra, e tirar vossos bens e costumes, para que vossas mentes sobrecarregadas se afligirão, pois estão fora do poder de Deus."

Que Deus nos dê sempre coragem, sabedoria e força para manter como prioridade, número um de nossas vidas o "buscar em primeiro lugar o seu reino e a as justiça", entendendo tudo o que isso implica. Fazer isto é viver em simplicidade.

## **7. A DISCIPLINA DA SOLITUDE**

*"Aquieta-te em solitude e encontrarás o Senhor em ti mesmo." - Teresa de Ávila*

Jesus chama-nos da solidão para a solitude. O medo de ficarem

sozinhas petrifica as pessoas. Uma criança que muda para uma nova vizinhança diz, em soluços, à sua mãe: “Ninguém brinca comigo.” Uma caloura na faculdade suspira pelos dias de ginásio quando era o centro de atenção: “Agora, sou uma figura apagada.” Um executivo abatido em seu escritório, poderoso, não obstante, sozinho. Uma senhora idosa reside em um lar de velhos aguardando a hora de ir para o “Lar”.

Nosso medo de ficar sozinhos impulsiona-nos para o barulho e para as multidões.

Conservamos uma constante torrente de palavras mesmo que sejam ocas. Compramos rádios que prendemos ao nosso pulso ou ajustamos aos nossos ouvidos de sorte que, se não houver ninguém por perto, pelo menos não estamos condenados ao silêncio. T. S. Eliot analisou muito bem nossa cultura quando disse: “Onde deve ser encontrado o mundo em que ressoará a palavra? Aqui não, pois não há silêncio suficiente.”

Mas a solidão ou o barulho não são nossas únicas alternativas. Podemos cultivar uma solidude em silêncio interiores que nos livram da solidão e do medo. Solidão é vazio interior. Solitude é realização interior. Solitude não é, antes de tudo, um lugar, mas um estado da mente e do coração.

Há uma solidude do coração que pode ser mantida em todas as ocasiões. As multidões, ou a sua ausência, têm pouco que ver com este estado atento interior. É perfeitamente possível ser um eremita e viver no deserto e nunca experimentar a solidude. Mas se possuímos solidude interior nunca teremos medo de ficar sozinhos, pois sabemos que não estamos sós. Nem tememos estar com outros, pois eles não nos controlam. Em meio ao ruído e confusão encontramos calma num profundo silêncio interior.

A solidude interior há de manifestar-se exteriormente. Haverá a liberdade de estar sozinhos, não para nos afastarmos das pessoas, mas para poder ouvi-las melhor. Jesus viveu em “solidude do coração” interior. Também freqüentemente experimentou solidude exterior.

Ele começou seu ministério passando quarenta dias sozinho no deserto (Mateus 4:1-11).

Antes de escolher os doze, ele passou a noite inteira sozinho no monte deserto (Lucas 6:12).

Quando recebeu a notícia da morte de João Batista, Jesus “retirou-se dali num barco, para um lugar deserto, à parte” (Mateus 14:13).

Após a alimentação miraculosa dos cinco mil, Jesus mandou que os discípulos partissem; então ele despediu as multidões e “subiu ao monte a fim de orar sozinho...” (Mateus 14:23).

Após uma longa noite de trabalho, “Tendo-se levantado alta madrugada, saiu, foi para um lugar deserto, e ali orava” (Marcos 1:35).

Quando os doze retornaram de uma missão de pregação e curas, Jesus os instruiu: “Vinde repousar um pouco, à parte...” (Marcos 6:31).

Depois da cura de um leproso, Jesus “se retirava para lugares solitários, e orava” (Lucas 5:16).

Com três discípulos ele buscou o silêncio de um monte solitário como palco para a transfiguração (Mateus 17:1-9).

Enquanto se preparava para sua mais sublime e mais santa obra, Jesus buscou a solitude do jardim do Getsêmani (Mateus 26:36-46).

Pode-se prosseguir, mas talvez isto seja suficiente para mostrar que a busca de um lugar solitário era uma prática regular de Jesus. Igualmente deve ser conosco.

Em Life Together (Vida Juntos), Dietrich Bonhoeffer deu a um de seus capítulos o título de “O Dia Juntos”, e com percepção intitulou o capítulo seguinte “O Dia Sozinho”. Ambos são fundamentais para o êxito espiritual. Escreveu ele:

*"Aquele que não pode estar sozinho, tome cuidado com a comunidade. ... Aquele que não está em comunidade, cuidado com o estar sozinho. ... Cada uma dessas situações tem, de si mesma, profundas ciladas e perigos. Quem desejar a comunhão sem solitude mergulha no vazio de palavras e sentimentos, e quem busca a solitude sem comunhão perece no abismo da vaidade, da auto-enfatuação e do desespero."*

Portanto, se desejarmos estar com os outros de modo significativo, devemos buscar o silêncio recriador da solitude. Se desejamos estar sozinhos em segurança, devemos buscar a companhia e a responsabilidade dos outros. Se desejamos viver em obediência, devemos cultivar a ambos.

## Solitude e Silêncio

Sem silêncio não há solitude. Muito embora o silêncio às vezes envolva a ausência de linguagem, ele sempre envolve o ato de ouvir. O simples refrear-se de conversar, sem um coração atento à voz de Deus, não é silêncio.

Devemos entender a ligação que há entre solitude interior e silêncio interior.

Os dois são inseparáveis. Todos os mestres da vida interior falam dos dois de um só fôlego. Por exemplo, a Imitação de Cristo, que tem sido a obra-prima incontestável da literatura devocional durante cinco séculos, tem uma seção intitulada “Do amor da solidão e do silêncio”. Dietrich Bonhoeffer faz dos dois um todo inseparável em Vida Juntos, como o faz Thomas Merton em Thoughts in Solitude (Pensamentos em Solitude). Com efeito, lutamos por algum tempo tentando resolver se daríamos a este capítulo o título de Disciplina da solitude ou Disciplina do silêncio, tão estreitamente ligados são os dois em toda a importante literatura devocional. Devemos, pois, necessariamente entender e experimentar o poder transformador do silêncio se desejamos conhecer a solitude.

Diz um antigo provérbio: “O homem que abre a boca, fecha os olhos!” A finalidade do silêncio e da solitude é poder ver e ouvir. O controle, e não a ausência de ruído, é a chave do silêncio. Tiago compreendeu claramente que a pessoa capaz de controlar a língua é perfeita (Tiago 3:1-12). Sob a Disciplina do silêncio e da solitude aprendemos quando falar e quando refrear-nos de falar. A pessoa que considera as Disciplinas como leis, sempre transformará o silêncio em algo absurdo: “Não falarei durante os próximos quarenta dias!” Esta é sempre uma grave tentação para o verdadeiro discípulo que deseja viver em silêncio e solitude. Thomas de Kempis escreveu: “É mais fácil estar totalmente em silêncio do que falar com moderação.” O sábio pregador de Eclesiastes disse que há “tempo de estar calado, e tempo de falar” (Eclesiastes 3:7). O controle é a chave.

As analogias que Tiago faz do leme e dos freios, sugerem que a língua tanto guia como controla. Ela guia nosso curso de muitas formas. Se contamos uma mentira, somos levados a contar mais mentiras para encobrir a primeira. Logo somos forçados a comportar-nos de modo a darmos crédito à mentira. Não admira que Tiago tenha dito: “a língua é fogo” (Tiago 3:6).

A pessoa disciplinada é a que pode fazer o que precisa ser feito quando precisa ser feito. O que caracteriza uma equipe de basquetebol num

campeonato é ser ela capaz de marcar pontos quando necessários. Muitos de nós podemos encestar a bola, mas não o fazemos quando necessário. Do mesmo modo, uma pessoa que está sob Disciplina do silêncio é a que pode dizer o que necessita ser dito no momento em que precisa ser dito. “Como maçãs de ouro em salvas de prata, assim é a palavra dita a seu tempo” (Provérbios 25:11). Se ficamos calados quando deveríamos falar, não estamos vivendo na Disciplina do silêncio. Se falamos quando deveríamos estar calados, novamente erramos o alvo.

## **O Sacrifício de Tolos**

Lemos em Eclesiastes: “Chegar-se para ouvir é melhor do que oferecer sacrifícios de tolos” (Eclesiastes 5:1). O sacrifício de tolos é conversa religiosa de iniciativa humana. O pregador continua: “Não te precipites com a tua boca, nem o teu coração apresse a pronunciar palavra alguma diante de Deus; porque Deus está nos céus, e tu na terra; portanto sejam poucas as tuas palavras” (Eclesiastes 5:2).

Quando Jesus tomou a Pedro, Tiago e João e os levou ao monte e foi transfigurado diante deles, Moisés e Elias apareceram e entabularam conversa com Jesus. O texto grego prossegue: “E respondendo, Pedro disse-lhes... se queres farei aqui três tendas...” (Mateus 7:14). Isto é tão expressivo. Não havia alguém falando com Pedro. Ele estava oferecendo o sacrifício de tolos.

O Diário de John Woolman contém um comovente e terno relato da aprendizagem do controle da língua. Suas palavras são tão expressivas que é melhor citá-las aqui:

“Eu ia a reuniões num terrível estado mental, e me esforçava por estar interiormente familiarizado com a linguagem do verdadeiro Pastor. Um dia, encontrando-me sob forte operação do espírito, levantei-me e disse algumas palavras numa reunião; mas não me mantendo junto à abertura Divina, falei mais do que era exigido de mim. Percebendo logo meu erro, fiquei com a mente aflita algumas semanas, sem nenhuma luz ou consolo, ao ponto mesmo de não encontrar satisfação em nada. Lembrava-me de Deus, e ficava perturbado, e no auge de minha tristeza ele teve piedade de mim e enviou o Consolador. Então senti o perdão de minha ofensa; minha mente ficou calma e tranqüila, e senti-me verdadeiramente grato ao meu gracioso Redentor por suas misericórdias. Cerca de seis meses após este incidente, sentindo aberta a fonte de amor Divino, e interesse por falar, proferi umas poucas palavras em uma reunião, nas quais encontrei paz. Sendo assim humilhado e disciplinado

sob a cruz, minha compreensão tornou-se mais fortalecida para distinguir o espírito puro que interiormente se move sobre o coração, que me ensinou a esperar em silêncio, às vezes durante muitas semanas, até que senti aquele fluxo que prepara a criatura para posicionar-se como uma trombeta, através da qual o Senhor fala ao seu rebanho.”

Que descrição do processo de aprendizado pelo qual se passa na Disciplina do silêncio! De particular significado foi o aumento de sua capacidade, proveniente desta experiência, de “distinguir o espírito puro que interiormente se move sobre o coração”.

Um motivo de quase não agüentarmos permanecer em silêncio é que ele nos faz sentir tão desamparados. Estamos demais acostumados a depender das palavras para manobrar e controlar os outros. Se estivermos em silêncio, quem assumirá o controle? Deus fará isto; mas nunca deixaremos que ele assuma o controle enquanto não confiarmos nele. O silêncio está intimamente relacionado com a confiança.

A língua é nossa mais poderosa arma de manipulação. Uma frenética torrente de palavras flui de nós porque estamos num constante processo de ajustar nossa imagem pública. Tememos muito o que pensamos que as outras pessoas vêem em nós, de modo que falamos a fim de corrigir o entendimento delas. Se fiz alguma coisa errada e descubro que você sabe disso, serei muito tentado a ajudá-lo a entender minha ação! O silêncio é uma das mais profundas Disciplinas do Espírito simplesmente porque ela põe um paradeiro nisso.

Um dos frutos do silêncio é a liberdade de deixar que nossa justificação fique inteiramente com Deus. Não temos necessidade de corrigir os outros. Há uma história de um monge medieval que estava sendo injustamente acusado de certos erros. Certo dia ele olhava pela janela e viu lá fora um cachorro a morder e rasgar um tapete que havia sido pendurado para secar. Enquanto ele observava, o Senhor falou-lhe, dizendo: “É isso que estou fazendo com a sua reputação. Mas se você confiar em mim, não terá necessidade de preocupar-se com as opiniões dos outros.” Talvez, mais do que qualquer outra coisa, o silêncio leva-nos a crer que Deus pode justificar e endireitar tudo.

George Fox falava com freqüência do “espírito de escravidão” (Romanos 8:14), e de como o mundo jaz nesse espírito. Freqüentemente ele identificava o espírito de escravidão com o espírito de subserviência a outros seres humanos. Em seu Diário ele falava de “ajudar as pessoas a escapar dos

homens”, afastá-las do espírito de escravidão à lei mediante outros seres humanos. O silêncio é o principal meio de conduzir-nos a esse livramento.

A língua é um termômetro: ela diz qual é nossa temperatura espiritual. Ela é, também, um termostato; controla nossa temperatura espiritual. O controle da língua pode significar tudo. Temos nós sido libertados de modo que podemos controlar nossa língua? Bonhoeffer escreveu: “O silêncio verdadeiro, a verdadeira tranqüilidade, o controle real da língua manifesta-se somente como a sóbria conseqüência da chama espiritual.” Relata-se que Dominic fez uma visita a Francisco de Assis e durante todo o encontro nenhum deles proferiu uma única palavra. Somente quando tivermos aprendido a estar verdadeiramente calados é que estaremos capacitados para proferir a palavra necessária no momento oportuno.

Catherine de Haecck Doherty escreveu: “Tudo em mim é silente... estou imersa no silêncio de Deus.” É na solidude que chegamos a experimentar o “silêncio de Deus” e assim receber o silêncio interior que é o anseio de nosso coração.

## **A Noite Escura da Alma**

Levar a sério a Disciplina da solidude significará que em algum ponto ou pontos no curso da peregrinação entraremos no que S. João da Cruz vividamente descreveu como “a noite escura da alma”. A “noite escura” para a qual ele nos chama não é algo mau ou destrutivo. Pelo contrário, é uma experiência a ser recebida com agrado do mesmo modo que uma pessoa enferma receberia com agrado uma cirurgia que promete saúde e bem-estar. A finalidade da escuridão não é castigar-nos ou afligir-nos. É libertar-nos.

Que significa entrar na noite escura da alma? Pode ser um senso de aridez, de depressão, até mesmo o de sentir-se perdido. Ela nos despoja da dependência excessiva à vida emocional. A noção, tantas vezes ouvida hoje, de que tais experiências podem ser evitadas e que devíamos viver em paz e conforto, alegria e celebração só revela o fato de que muito da experiência contemporânea não passa de sentimentalismo superficial. A noite escura é um dos meios de Deus levar-nos à tranqüilidade, à calma, de modo que ele possa operar a transformação interior da alma.

Como se expressa essa noite escura na vida diária? Quando se busca seriamente a solidude, geralmente há um fluxo de êxito inicial e então um desânimo inevitável - e com ele um desejo de abandonar por completo a busca. Os sentimentos vão-se embora e fica o senso de que não alcançamos

Deus. S. João da Cruz descreveu-o deste modo:

*"... a escuridão da alma mencionada aqui... põe os apetites sensórios e espirituais a dormir, amortece-os e os priva da capacidade de encontrar prazer em qualquer coisa. Ata a imaginação e impede-a de fazer qualquer bom trabalho discursivo. Ela faz cessar a memória, faz o intelecto tornar-se obscuro e incapaz de entender qualquer coisa, e daí leva a vontade também a tornar-se árida e contrita, e todas as faculdades vazias e inúteis. E acima de tudo isso, paira uma densa e cansativa nuvem que aflige a alma e a conserva afastada de Deus."*

Em seu poema "Canciones del Alma", S. João da Cruz usou duas vezes a frase:

"Estando minha casa agora totalmente calada." Nessa expressiva linha ele indicava a importância de silenciar todos os sentidos físicos, emocionais, psicológicos, e mesmo espirituais. Toda distração do corpo, mente e espírito deve ser posta numa espécie de animação suspensa antes que possa ocorrer esta profunda obra de Deus na alma. O anestésico deve fazer efeito antes que se realize a cirurgia. Virá o silêncio, a paz, a tranqüilidade interiores. Durante esse tempo de escuridão, a leitura da Bíblia, os sermões, o debate intelectual - tudo falhará em comover ou emocionar.

Quando o amoroso Deus nos atrai para uma escura noite da alma, muitas vezes somos tentados a culpar todo o mundo e todas as coisas por nosso entorpecimento interior e procuramos livrar-nos dela. O pregador é maçante. O cântico de hinos é tão fraco. Talvez comecemos a andar por aí à procura de outra igreja ou de uma experiência que nos dê "arrepios espirituais". Esse é um grave engano.

Reconheça a noite escura pelo que ela é. Seja agradecido porque Deus o está amorosamente desviando de toda distração, de modo que você possa vê-lo. Em vez de ridicularizar e brigar, acalme-se e espere.

Não estou aqui a falar de entorpecimento espiritual que vem como resultado de pecado ou desobediência. Falo da pessoa que busca a Deus com afã, e não abriga pecado conhecido em seu coração. "Quem há entre vós que tema ao Senhor, e ouça a voz do seu Servo que andou em trevas sem nenhuma luz, e ainda assim confiou em o nome do Senhor e se firmou sobre o seu Deus?" (Isaías 50:10)

O ponto da passagem bíblica é que é perfeitamente possível temer, obedecer, confiar e firmar-se no Senhor e ainda “andar em trevas sem nenhuma luz”. A pessoa vive em obediência mas entrou numa noite escura da alma.

S. João da Cruz disse que durante esta experiência há uma graciosa proteção contra vícios e um maravilhoso progresso nas coisas do reino de Deus.

Se uma pessoa na hora dessas trevas observar bem de perto, verá com clareza quão pouco os apetites e as faculdades se distraem com coisas inúteis e prejudiciais; e como ela está segura de evitar vanglória, orgulho e presunção, alegria vazia e falsa, e muitos outros males. Pelo andar em escuridão a alma não somente evita extraviar-se mas avança rapidamente, porque assim ela adquire virtudes.

Que deveríamos fazer durante essa época de aflição interior? Primeiro, não leve em consideração o conselho de amigos bem-intencionados de livrar-se da situação. Eles não entendem o que está acontecendo. Nossa época é tão ignorante destas coisas que não lhe recomendo conversar sobre esses assuntos. Acima de tudo, não tente explicar nem justificar por que você parece estar “aborrecido”.

Deus é seu justificador; entregue seu caso a ele. Se você pode, realmente, retirar-se para um “lugar deserto” durante algum tempo, faça-o. Se não, cumpra suas tarefas diárias. Mas, esteja no “deserto” ou em casa, mantenha no coração um profundo, interior e atencioso silêncio - e haja silêncio até que a obra da solitude se complete.

Talvez S. João da Cruz tenha estado a conduzir-nos a águas mais profundas do que cuidássemos ir. Por certo ele não está falando de um reino que muitos de nós vemos apenas “como em espelho, obscuramente”. Não obstante, não temos necessidade de censurar-nos por nossa timidez de escalar esses picos nevados da alma. Esses assuntos são mais bem tratados com cautela. Mas talvez ele tenha provocado dentro de nós uma atração por experiências mais elevadas, mais profundas, não importa quão leve o puxão. É como abrir levemente a porta de nossa vida a este reino. Isto é tudo o que Deus pede, e tudo de que ele necessita.

Para concluir nossa viagem na noite escura da alma, ponderemos estas palavras poderosas de nosso mentor espiritual:

*"Oh, então, alma espiritual, quando vires teus apetites obscurecidos, tuas inclinações secas e contritas, tuas faculdades incapacitadas para qualquer exercício interior, não te aflijas; pensa nisto como uma graça, visto que Deus te está liberando de ti mesma e tirando de ti a tua própria atividade.*

*Conquanto tuas ações possam ter alcançado bom êxito, não trabalhaste tão completa, perfeita, e seguramente - devendo à impureza e inabilidade de tais ações - como fazes agora que Deus te toma pela mão e te guia na escuridão, como se fosses cega, ao longo de um caminho e para um lugar que não conheces. Nunca terias tido êxito em alcançar este lugar, não importa quão bons sejam teus olhos e teus pés."*

## **Passos para a Solitude**

As Disciplinas Espirituais são coisas que fazemos. Nunca devemos perder de vista esse fato. Podemos falar piedosamente acerca da "solitude do coração", mas se isto, de certo modo, não abrir caminho para nossa experiência, então erramos o alvo das Disciplinas. Estamos lidando com ações, e não apenas com estados mentais. Não é suficiente dizer: "Bem, muito certamente estou na posse da solitude e silêncio interiores; não há nada que eu necessite fazer." Todos quantos chegaram aos silêncios vivos fizeram determinadas coisas, ordenaram suas vidas de uma forma especial, de modo que recebessem a "paz de Deus, que excede todo o entendimento". Se desejamos ter êxito, devemos ir além do teórico para as situações da vida.

Quais são alguns passos para a solitude? A primeira coisa que podemos fazer é tirar vantagem das "pequenas solitudes" que enchem nosso dia. Consideremos a solitude daqueles primeiros momentos matutinos na cama, antes que a família desperte. Pense na solitude de uma xícara de café pela manhã, antes de começar o trabalho do dia. Existe a solitude de pára-choque de um carro junto ao pára-choque de outro durante a correria do tráfego na hora de mais movimento.

Pode haver poucos momentos de descanso e refrigério quando dobramos uma esquina e vemos uma flor ou uma árvore. Em vez da oração audível antes de uma refeição, considere convidar a todos para reunir-se em uns poucos momentos de silêncio.

De quando em quando, dirigindo um carro lotado de crianças e adultos conversadores, eu exclamava: “Vamos brincar de fazer silêncio e ver se ficamos absolutamente calados até chegarmos ao aeroporto” (cerca de cinco minutos adiante). Funcionava. Encontre nova alegria e significado no pequeno trecho que vai do metrô ou do ponto de ônibus até à sua casa. Saia um pouquinho antes de ir deitar-se, e prove da noite silenciosa.

Muitas vezes perdemos esses pequeninos lapsos de tempo. Que penal! Eles podem e deveriam ser redimidos. São momentos para silêncio interior, para reorientar nossas vidas como o ponteiro de uma bússola. São pequenos momentos que nos ajudam a estar genuinamente presentes onde estamos.

Que mais podemos fazer? Podemos encontrar ou criar um “lugar tranquilo” para silêncio e solidude. Constantemente estão sendo construídas novas casas. Por que não insistir em que um pequeno santuário interior seja incluído nas plantas, um pequeno lugar onde um membro da família possa estar a sós e em silêncio? Que é que nos impede? Construimos esmeradas salas de estar, e achamos que vale a pena a despesa. Se você já possui uma casa, considere murar uma pequena seção da garagem ou pátio. Se mora num apartamento, seja criativo e ache outros meios de permitir-se a solidude. Sei de uma família que tem uma cadeira especial; sempre que uma pessoa se assenta nela, é como estar dizendo:

“Por favor, não me amole; quero estar a sós.”

Encontre lugares fora de sua casa: um local num parque, o santuário de uma igreja (dessas que mantêm abertas suas portas), mesmo um depósito em algum lugar. Um centro de retiro perto de nós construiu uma bonita cabana para uma pessoa, especificamente para meditação particular e solidude. Chama-se “Lugar Tranquilo”. As igrejas investem somas enormes de dinheiro em edifícios. Que tal construir um lugar onde alguém possa ir para estar a sós durante alguns dias? Catherine de Haecck Doherty foi a pioneira no desenvolvimento de Poustinias (palavra russa que significa “deserto”) na América do Norte. São lugares destinados especificamente para solidude e silêncio.

No capítulo sobre estudo, consideramos a importância de observar a nós mesmos para ver com que freqüência nossa conversa é uma tentativa frenética de explicar e justificar nossas ações. Tendo observado isto em você mesmo, experimente praticar ações sem nenhuma palavra de explicação. Note seu senso de temor de que as pessoas entendam mal você por que você fez o que fez. Tente deixar que Deus seja seu justificador.

Discipline-se, de modo que as suas palavras sejam poucas mas digam muito.

Torne-se conhecido como uma pessoa que, quando fala, sempre tem algo a dizer.

Mantenha clara sua linguagem. Faça o que diz que fará. “Melhor é que não votes do que votes e não cumpras” (Eclesiastes 5:5). Quando a língua se encontra sob a nossa autoridade, as palavras de Bonhoeffer se tornam verdadeiras com relação a nós: “Muita coisa desnecessária fica por dizer. Mas a coisa essencial e útil pode ser dita em poucas palavras.”

Dê outro passo. Tente viver um dia inteiro sem proferir palavra alguma. Faça-o, não como uma lei, mas como um experimento. Note seus sentimentos de desamparo e excessiva dependência das palavras para comunicar-se. Procure encontrar novos meios de relacionar-se com outros, que não dependam de palavras. Aproveite, saboreie o dia. Aprenda com ele.

Quatro vezes por ano retire-se durante três a quatro horas com a finalidade de reorientar os alvos de sua vida. Isto pode ser facilmente feito em uma noite.

Fique até tarde no escritório, faça-o em casa, ou procure um canto sossegado em uma biblioteca pública. Reavalie suas metas e objetivos. Que é que você deseja ver realizado daqui a um ano? Daqui a dez anos? Nossa tendência é superestimar em alto grau o que podemos realizar em dez. Estabeleça metas realistas, mas esteja disposto a sonhar, esforçar-se. No sossego dessas breves horas, ouça o trovão do silêncio de Deus. Mantenha um registro diário do que lhe acontece.

A reorientação e fixação de metas não precisam ser frias e calculadas, como alguns imaginam, feitas com uma mentalidade de análise de mercado. Pode ser que, ao entrar num silêncio atento, você receba a deliciosa impressão de que este ano deseja aprender a tecer ou trabalhar com cerâmica. Essa lhe parece uma meta muito terrestre, antiespiritual? Deus está intencionalmente interessado em tais questões. Está você? Talvez você deseje aprender (experimentar) mais acerca dos dons espirituais de milagres, de cura e de língua. Ou você pode fazer, como um amigo que sei que está gastando longos períodos de tempo experimentando o Dom de socorros, aprendendo a ser servo. Talvez no próximo ano você gostaria de ler todas as obras de C. S. Lewis ou de D. Elton Trueblood. A escolha desses alvos soa-lhe como jogo de manipulação de um vendedor? Claro que não. Não se trata de meramente estabelecer uma direção para sua vida. Você está indo para algum lugar, por

isso é muito melhor ter uma direção fixada pela comunhão com o Centro divino.

Na Disciplina do estudo examinamos a idéia de retiros de estudo de dois ou três dias. Tais experiências quando combinadas com uma imersão interior no silêncio de Deus, são enaltecidas. À semelhança de Jesus, devemos afastar-nos das pessoas de modo que possamos estar verdadeiramente presentes quando estivermos com elas. Faça um retiro uma vez por ano, sem outro propósito em mente que não a solitude.

O fruto da solitude é aumento de sensibilidade e compaixão por outros. Surge uma nova liberdade para estar com as pessoas. Há uma nova atenção para com suas mágoas. Thomas Merton observou:

“É na profunda solitude que encontro afabilidade com a qual posso verdadeiramente amar a meus irmãos. Quanto mais solitário estou, tanto mais afeição sinto por eles. É pura afeição e cheia de reverência pela solitude dos outros. Solitude e silêncio ensinam-me a amar meus irmãos pelo que eles são, e não pelo que dizem.”

Não sente você um toque, um anseio de aprofundar-se no silêncio e solitude de Deus? Não deseja uma exposição mais profunda, mais completa à Presença de Deus?

A Disciplina da solitude é que abrirá a porta. Você está convidado a vir e “ouvir a voz de Deus em seu silêncio todo-abrangente, maravilhoso, terrível, suave e amoroso”.

## 8. A Disciplina da Submissão

*"O cristão é o mais livre de todos os senhores, e não está sujeito a ninguém; o cristão é o mais submisso de todos os servos, e está sujeito a todo mundo." - Martinho Lutero*

De todas as Disciplinas Espirituais, nenhuma tem sofrido mais do que a Disciplina da submissão. De certo modo, a espécie humana tem uma habilidade extraordinária para tomar o melhor ensino e transformá-lo nos piores fins. Nada pode escravizar tanto as pessoas como na religião tem feito mais para manipular e destruir as pessoas do que um ensino deficiente sobre a submissão. Portanto, devemos entrar nesta Disciplina com grande cuidado e discernimento a fim de garantir que somos ministros da vida e não da morte.

Toda Disciplina tem sua liberdade correspondente. Se me preparei na arte da retórica, estou livre para proferir um comovente discurso quando a ocasião o exigir. Demóstenes ficou livre para ser orador somente porque suportou a disciplina de falar mais alto do que o rugido do oceano, com pedrinhas na boca.

O propósito das Disciplinas é a liberdade. Nosso objetivo é a liberdade, não a Disciplina. No momento em que fazemos da Disciplina nosso foco central, tornamo-la em lei e perdemos a correspondente liberdade.

As Disciplinas não têm, em si mesmas, nenhum valor. Elas só têm valor como meio de colocar-nos diante de Deus de sorte que ele possa dar-nos a libertação que buscamos. A libertação é o alvo; as Disciplinas são meramente os meios. Elas não são a resposta; apenas nos conduzem à Resposta. Devemos entender com clareza esta limitação das Disciplinas se quisermos evitar a escravidão. Não só devemos entendê-la, mas precisamos sublinhá-la para nós mesmos repetidas vezes, tão grave é nossa tentação de concentrar-nos nas Disciplinas.

Concentremo-nos sempre e Cristo e consideremos as Disciplinas Espirituais como um meio de aproximar-nos mais do coração do Mestre.

## **Liberdade na Submissão**

Eu disse que toda Disciplina tem sua liberdade correspondente. Que liberdade corresponde à submissão? É a liberdade de render a terrível carga de sempre necessitar de fazer as coisas ao nosso próprio modo. A obsessão de exigir que as coisas marchem de acordo com a nossa vontade é uma das maiores escravidões da sociedade humana hodierna. As pessoas passam semanas, meses, até mesmo anos em perpétua agonia porque alguma coisinha não lhes saiu como desejavam. Elas queixam-se e se revoltam. Ficam furiosas e agem como se sua própria vida dependesse disso. Podem até adquirir úlceras por causa da situação.

Na Disciplina da submissão ficamos livres para deixar de lado a questão, para esquecê-la. Francamente, a maioria das coisas na vida não são tão importantes como pensamos. Nossa vida não se acaba se isto ou aquilo não acontece.

Se você observar essas coisas, há de ver, por exemplo, que todas as lutas e divisões na igreja ocorrem porque as pessoas não têm a liberdade de submeter-se umas às outras. Insistimos em que está em jogo um problema

crítico; estamos lutando por um princípio sagrado. Talvez seja verdade. Geralmente não o é. Com frequência não significaria não conseguir as coisas do nosso jeito. Só na submissão é que nos capacitamos a levar esse espírito a um lugar onde ele não mais nos controle. Só a submissão pode livrar-nos suficientemente para capacitar-nos a distinguir os problemas autênticos e a obstinada vontade-própria.

Se ao menos pudéssemos ver que a maioria das coisas na vida não são problemas importantes, então poderíamos dar-lhes pouca importância. Descobrimos que não são grande coisa. Por isso dizemos com frequência; “Bem, não me importo”, quando o que realmente queremos dizer (e o que transmitimos aos outros) é que nos importamos um bocado. É precisamente aqui que a Disciplina do silêncio se ajusta tão bem a todas as demais Disciplinas. Em geral, o melhor modo de lidar com a maioria das questões de submissão é ficar calado. Há necessidade de um espírito de graça todo-abrangente que ultrapasse qualquer tipo de linguagem ou ação. Quando assim procedemos, libertamos os outros e a nós também.

O ensino bíblico sobre a submissão concentra-se, antes de tudo, no espírito com que vemos as outras pessoas. A Escritura não tenta expor uma série de relacionamentos hierárquicos, mas comunicar-nos uma atitude interior de mútua subordinação. Pedro, por exemplo, apelou para os escravos de seu tempo a que vivessem em submissão a seus senhores (1 Pedro 2:18). O conselho parece desnecessário até percebermos que é perfeitamente possível obedecer a um senhor sem viver num espírito de submissão a ele. Exteriormente podemos fazer o que as pessoas pedem e internamente estar em rebeldia contra elas. A preocupação por um espírito de apreço a outras pessoas permeia todo o Novo Testamento. O antigo pacto estipulava que não devemos matar. Jesus, porém, acentuou que o verdadeiro problema era o espírito interior de homicídio com o qual consideramos as pessoas. O mesmo se verifica com o problema da submissão; o verdadeiro problema é o espírito de consideração e deferência que temos quando estamos com outras pessoas.

Na submissão estamos, afinal, livres para valorizar outras pessoas. Seus sonhos e planos tornam-se importantes para nós. Entramos numa nova, maravilhosa e gloriosa liberdade - a liberdade de abrir mão de nossos próprios direitos para o bem do próximo. Pela primeira vez podemos amar as pessoas incondicionalmente.

Abrimos mão do direito que temos de que elas retribuam nosso amor. Já não sentimos que temos de ser tratados de determinado modo. Podemos regozijar-nos com os sucessos delas. Sentimos verdadeiro pesar por seus

fracassos. Pouco importa que nossos planos se frustrem, se os delas têm êxito. Descobrimos que é muito melhor servir ao próximo do que fazer como bem entendemos.

Você conhece o livramento que há em abrir mão de seus direitos? Significa que você está livre da ira fervente e da amargura que sente quando a atitude de alguém não é a que você esperava. Significa que, afinal, você pode quebrar a perversa lei de comércio: “Você coça minhas costas, eu coço as suas; você faz sangrar meu nariz, eu faço sangrar o seu.” Significa liberdade de obedecer à ordem de Jesus: “Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem” (Mateus 5:44). Significa que, pela primeira vez, entendemos como é possível render o direito de retaliar: “A qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra” (Mateus 5:39).

## **Pedra de Toque**

Como talvez você tenha notado, entrei no assunto da submissão pela porta dos fundos. Comecei explicando que ela faz por nós antes de definir o que ela é. Assim fiz com uma finalidade. Muitos de nós temos sido expostos a uma forma tão mutilada de submissão bíblica que ou temos aceito a deformidade ou temos rejeitado totalmente a Disciplina. A primeira atitude leva-nos a odiar-nos a nós mesmos; a Segunda conduz à arrogância. Antes de nos agarrarmos às pontas do dilema, consideremos uma terceira alternativa.

A pedra de toque para o entendimento bíblico da submissão é Marcos 8:34:

*"Então, convocando a multidão e juntamente os seus discípulos, disse-lhes: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me."*

Quase instintivamente recusamos em face dessas palavras. Sentimo-nos muito mais à vontade com palavras como “auto-realização” do que com a idéia de “negação de si mesmo”. (Em realidade, o ensino de Jesus sobre a negação de si mesmo é a única coisa que geralmente traz auto-realização.) A negação de si mesmo faz aparecer em nossa mente toda espécie de imagens de aviltamento e de ódio de si mesmo. Imaginamos que, com absoluta certeza, significa a rejeição de nossa individualidade e provavelmente nos conduzirá a várias formas de automortificação.

Pelo contrário, Jesus nos chamou a negar-nos a nós mesmos sem querer que nos odiemos a nós mesmos. A autonegação é simplesmente uma

forma de vir a entender que não temos de fazer nossa própria vontade. Nossa felicidade não depende de conseguir o que desejamos.

Autonegação não significa a perda de nossa identidade, como pensam alguns. Sem identidade não poderíamos nem mesmo sujeitar-nos uns aos outros. Perdeu Jesus a identidade quando voltou o rosto para o Gólgota? Perdeu Pedro a identidade quando respondeu à ordem de Jesus de carregar sua cruz: “Segue-me” (João 21:19)? Perdeu Paulo a identidade quando se entregou Àquele que havia dito:

*"Pois eu lhe mostrarei quanto lhe importa sofrer pelo meu nome" (Atos 9:16)?*

Claro que não. Sabemos que o contrário é verdadeiro. Eles encontraram identidade no ato de negar-se a si mesmos.

Autonegação não é a mesma coisa que desdenhar-se. O desdenhar a si mesmo alega que não temos valor, e mesmo que tivéssemos, deveríamos rejeitá-lo. A autonegação declara que somos de valor infinito e ainda nos mostra como percebê-lo. O autodesdém nega a bondade da criação; a autonegação afirma que ela foi realmente boa. Jesus fez da capacidade de amar-nos a nós mesmos o requisito indispensável para alcançarmos os outros (Mateus 22:39). O amor-próprio e a autonegação não estão em conflito. Jesus deixou perfeitamente claro, mais de uma vez, que a autonegação é o único meio seguro de amar-nos a nós mesmos. “Quem acha a sua vida, perdê-la-á” (Mateus 10:39).

Repito, devemos sublinhar para nós mesmos que a autonegação significa a liberdade de submeter-nos a outros. Significa manter os interesses alheios acima do nosso próprio. Desta maneira, a autonegação libera-nos da autopiedade.

Quando vivemos fora da autonegação, exigimos que as coisas andem segundo nosso entender. Quando não andam, voltamo-nos para a autopiedade. “Pobre de mim!” Exteriormente podemos submeter-nos, mas o fazemos num espírito de martírio. O espírito de autopiedade, de martírio, é sinal seguro de que a Disciplina da submissão malogrou. É por isso que a autonegação é a base da Disciplina; ela salva-nos da autopiedade.

Homens e mulheres dos nossos tempos acham extremamente difícil ler os grandes mestres devocionais porque fazem uso tão pródigo da linguagem da autonegação. É-nos difícil abrir-nos às palavras de Thomas de Kempis: “Não formar opinião de nós mesmos, e sempre pensar em termos elevados com relação aos outros, é grande sabedoria e perfeição.” É difícil dar ouvidos

às palavras de Jesus: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me” (Marcos 8:34). Tudo isto porque temos falhado em entender o ensino de Jesus de que o caminho da auto-realização passa pela autonegação. Salvar a vida é perdê-la; perdê-la por amor a Cristo é salvá-la (Marcos 8:35). George Matheson introduziu a hinologia da igreja este maravilhoso paradoxo meditando a autonegação:

*"Faze-me um cativo, Senhor,  
E livre então serei;  
Obriga-me a entregar a espada,  
E serei conquistador.  
Nos alarmes da vida me afundo  
Quando estou só;  
Aprisiona-me em teus braços,  
E forte minha mão será."*

Talvez o ar tenha sido suficientemente aclarado de modo que possamos considerar a autonegação como a libertação que ela realmente é. Devemos convencer-nos disto, porque, como ficou dito, a autonegação é a pedra de toque da Disciplina da submissão.

### **Subordinação Renovadora Conforme Ensinada por Jesus**

O mais radical ensino social de Jesus foi a inversão total que ele fez da noção contemporânea de grandeza. A liderança está em tornar-se servo de todos. O poder se descobre na submissão. O símbolo supremo desta radical condição de servo é a cruz. “[Jesus] a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte, e morte de cruz” (Filipenses 2:8). Mas observe isto: Cristo não somente morreu uma morte de cruz, ele viveu uma vida de cruz. O caminho da cruz, o caminho do servo sofredor, foi essencial ao seu ministério. Jesus viveu a vida de cruz em submissão ao próximo. Ele foi o servo de todos. Ele rejeitou de planos os títulos culturais de posição e poder quando disse: “Vós, porém, não queirais ser chamados Rabi. ... Nem vos chameis mestres” (Mateus 23:8-10, Ed. Rev. Cor.). Jesus rompeu os costumes de seu tempo quando sobreviveu à vida de cruz tomando a sério as mulheres e dispondo-se a encontrar-se com as crianças. Ele viveu a vida de cruz quando tomou uma toalha e lavou os pés dos discípulos.

Este Jesus que poderia facilmente ter pedido uma legião de anjos pra

ajudá-lo, preferiu escolher a morte de cruz do Calvário. A vida de Jesus foi a vida de cruz de submissão e serviço. A morte de Jesus foi a morte de cruz da conquista pelo sofrimento.

É impossível exagerar o caráter renovador da vida e ensino de Jesus neste ponto. Este caráter renovador acabou com todas as reivindicações para posição privilegiada e status. Pôs em vigor toda uma nova ordem de liderança. A vida de cruz de Jesus solapou todas as ordens sociais baseadas no poder e no auto-interesse.

Conforme observei anteriormente, Jesus chamou seus seguidores para viverem a vida de cruz. “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me” (Marcos 8:34). Ele disse claramente a seus discípulos: “Se alguém quer ser o primeiro, será o último e servo de todos” (Marcos 9:35).

Quando Jesus imortalizou o princípio da vida de cruz lavando os pés dos discípulos, ele acrescentou: “Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também” (João 13:15).

A vida de cruz é a vida de submissão voluntária. A vida de cruz é a vida de servo livremente aceita.

## **Subordinação Conforme Ensinada nas Epístolas**

O exemplo de Jesus e o chamado para seguir o caminho da cruz em todas as relações humanas formam a base do ensino das epístolas sobre a submissão. O apóstolo Paulo baseia o imperativo da igreja de considerar “cada um os outros superiores a si mesmo” na submissão e na autonegação do Senhor por nossa salvação. “A si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo” (Filipenses 2:4-7). O apóstolo Pedro, instruindo sobre a submissão, apelou diretamente para o exemplo de Jesus como motivo dela. “Porquanto para isto mesmo foste chamados, pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos... pois ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje, quando maltratado não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente” (1 Pedro 2:21-23). Como prefácio ao *Haustafel Efésio* (termo cunhado por Martinho Lutero que significa literalmente “mesa de casa”, daí uma tábua de regra para a família cristã), lemos: “Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo” (Efésio 5:21). O chamado para que os cristãos vivam a vida de cruz fundamenta-se na vida de cruz do próprio Cristo.

A Disciplina da submissão tem sido terrivelmente mal interpretada e difamada por aqueles que falham em ver este contexto mais amplo. Submissão é um tema ético que percorre todo o Novo Testamento. É uma postura obrigatória a todos os cristãos: homens e mulheres, pais e filhos, senhores e servos. Ordena-se que vivamos uma vida de submissão porque Jesus viveu uma vida de submissão, e não porque estamos num determinado lugar ou posição na vida. A autonegação é uma postura que se ajusta aos que seguem o Senhor crucificado. Por todo o Haustafel, o único motivo que impele à submissão é o exemplo de Jesus.

Esta singular base lógica para a submissão é estonteante quando a comparamos com outros escritos do primeiro século. Neles havia um constante apelo à submissão porque foi assim que os deuses criaram as coisas; era uma estação na vida do homem. Nenhum escritor do Novo Testamento apela para a submissão nessa base. O ensino é revolucionário. Eles ignoraram por completo todos os costumes contemporâneos de sobre-ordenar e subordinar e chamaram a todos a considerar “cada um os outros superiores a si mesmo” (Filipenses 2:3).

As epístolas chamam à subordinação primeiramente os que, em virtude da própria cultura, já são subordinados.

“Esposas, sede submissas aos próprios maridos. .... Filhos, em tudo obedeci a vossos pais. ... Servos, obedeci em tudo aos vossos senhores...” (Colossenses 3:18-22 e passagens paralelas). O aspecto renovador deste ensino é que as pessoas, às quais a cultura do primeiro século não permitia escolha nenhuma, são consideradas como agentes morais livres.

Paulo deu responsabilidade moral pessoal aos que não tinham nenhum status legal ou moral em sua cultura. Ele faz com que as pessoas proibidas de tomar decisões, tomem decisões.

É surpreendente que Paulo os tenha chamado à subordinação, uma vez que já eram subordinados em virtude de seu lugar na cultura do primeiro século. A única razão significativa para tal ordem era o fato de que, por força da mensagem do evangelho, eles já se viam livres de um status subordinado na sociedade. O evangelho havia constatado todas as cidadanias de segunda classe como eram conhecidas. Paulo insistiu na subordinação voluntária, não por causa da posição deles na vida, mas porque “convém no Senhor” (Colossenses 3:18).

Esta forma de endereçar o ensino moral aos subordinados culturais é, também, um contraste radical com a literatura da época. Os estóicos, por

exemplo, dirigiam-se somente à pessoa que se encontrava em elevada posição na ordem social, incentivando-a a fazer um bom trabalho nessa posição que ela já antevia como sua. Mas Paulo falou primeiro às pessoas que sua cultura recomendava não dirigir-se a elas, e chamou-as para a vida de cruz de Jesus.

A seguir, as epístolas se voltam para o parceiro culturalmente dominante no relacionamento e também o chamam para a vida de cruz de Jesus. O imperativo da subordinação é recíproco. “Maridos, amai a vossas esposas. ... Pais, não irriteis os vossos filhos. ... Senhores, tratai aos servos com justiça e com equidade...” (Colossenses 3:19-4:1 e textos paralelos). Com toda a certeza se objetará que a ordem para o parceiro dominante não emprega a linguagem da submissão. O que deixamos de ver é o quanto de submissão essas ordens exigiam do parceiro dominante em seu ambiente cultural. Para um marido, pai e senhor do primeiro século obedecer à injunção de Paulo significaria uma dramática diferença em seu comportamento. A esposa, o filho, o servo do primeiro século não teriam necessidade de efetuar a mínima mudança para obedecer à ordem de Paulo. Quanto mais não seja, o ferrão do ensino atinge é o parceiro dominante.

Precisamos ver, também, que esses imperativos aos maridos, pais e senhores constituem outra forma de autonegação. São apenas outro conjunto de palavras para transmitir a mesma verdade, a saber, que podemos livrar-nos da necessidade de fazer as coisas segundo nosso entender. Se um marido ama a esposa, ele considerará suas necessidades. Ele estará disposto a considerá-la superior a si mesmo. Ele pode cuidar das necessidades de seus filhos e considerá-los superiores a si próprio (Filipenses 2:3).

Na carta aos Efésios, Paulo exorta os servos a viverem num espírito alegre, voluntário, dispostos a servir a seus senhores terrenos. Então exortou os senhores: “De igual modo procedei para com eles” (Efésios 6:9). Tal idéia era incrível aos ouvintes do primeiro século. Os servos eram tidos como propriedade de seus donos, não como seres humanos. Mas Paulo, com autoridade divina, aconselhou os senhores a suprirem as necessidades de seus servos.

Talvez a mais perfeita ilustração de subordinação renovadora seja a pequenina carta a Filemom. Onésimo, escravo fugitivo de Filemom, fez-se cristão. Ele estava regressando voluntariamente para Filemom como parte do que para ele significava ser discípulo de Cristo. Paulo instou com Filemom a que recebesse Onésimo “não já como escravo; antes, muito acima de escravo, como irmão caríssimo” (Filemom 16). John Yoder observa: “Isto significa que Paulo está instruindo a Filemom. Filemom devia subordinar-se a

Onésimo pondo-o em liberdade. Ambos deviam ser mutuamente subordinados 'no temor de Cristo' (Efésios 5:21).

As epístolas não consagraram a estrutura social hierárquica existente. Fazendo universal a ordem à subordinação, elas a relativizaram e a minaram. Elas exigiam que os cristãos vivessem como cidadãos de uma nova ordem - e o aspecto mais fundamental desta nova ordem é a subordinação universal.

## **Limites da Submissão**

Os limites da Disciplina da submissão estão nos pontos em que ela se torna destrutiva. Ela se torna, pois, numa lei do amor conforme ensinada por Jesus e é uma afronta à verdadeira submissão bíblica (Mateus 5, 6, 7 e especialmente 22:37-39).

Pedro chamou os cristãos à submissão radical ao estado quando escreveu:

“Sujeitai-vos a toda instituição humana por causa do Senhor; quer seja ao rei, como soberano; quer às autoridades...” (1 Pedro 2:13, 14). Não obstante, quando o governo apropriadamente autorizado de seu tempo ordenou à igreja nascente que parasse de proclamar a Cristo, foi Pedro quem respondeu: “Julgai se é justo diante de Deus ouvirmos antes a vós outros do que a Deus; pois nós não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos” (Atos 4:19, 20). Em ocasião semelhante, Pedro declarou simplesmente: “Antes importa obedecer a Deus do que aos homens” (Atos 5:29).

Entendendo a vida de cruz de Jesus, Paulo disse: “Todo homem esteja sujeito às autoridades superiores” (Romanos 13:1). Porém, quando Paulo viu que o Estado estava deixando de cumprir sua função ordenada por Deus de prover justiça para todos, ele admoestou-o com energia e insistiu em que o erro fosse corrigido (Atos 16:37).

Estavam esses homens em oposição ao seu próprio princípio de autonegação e submissão? Não. Eles simplesmente entenderam que a submissão chega ao extremo de sua peia quando se torna destrutiva. Em verdade, eles exemplificaram a subordinação renovadora recusando-se com mansidão a obedecer a uma ordem destrutiva e dispondo-se a sofrer conseqüências. O pensador alemão Johannes Hamel disse que a subordinação inclui “a possibilidade de uma resistência orientada pelo espírito, de um repúdio apropriado e uma recusa pronta a aceitar o sofrimento neste ou

naquele ponto particular”.

Às vezes é fácil de ver os limites da submissão. Pede-se a uma mãe que bata em seu filho irracionalmente. Pede-se a uma criança que ajude numa prática ilegal.

Pede-se a um cidadão que viole os ditames da Escritura e da consciência por amor ao Estado. Em cada caso, o discípulo recusa, não com arrogância, mas num espírito manso e submisso.

Muitas vezes é extremamente difícil de definir os limites da submissão. Que dizer do parceiro matrimonial que se sente suprimido e impedido de realização pessoal por causa da carreira profissional do cônjuge? É esta uma forma legítima de autonegação ou é destrutiva? Que dizer do professor que é injusto ao dar nota a um aluno? Deve o aluno submeter-se ou deve resistir? Que dizer do empregador que promove seus empregados na base de favoritismo e de interesses pessoais? Que faz o empregado prejudicado, especialmente se a promoção é necessária para o bem de sua família?

Essas são questões extremamente complicadas pelo simples fato de que as relações humanas são complicadas. São questões que não se sujeitam a respostas simplistas. Não existe uma lei de submissão que cubra todas as situações.

Devemos ser cépticos no tocante às leis que pretendem aplicar-se a qualquer circunstância. A ética casuística sempre falha.

Não é fugir ao problema dizer que ao definir os limites da submissão somos lançados em uma profunda dependência do Espírito Santo. Afinal de contas, se tivéssemos um código de leis para cobrir todas as circunstâncias da vida, não necessitaríamos de dependência. O Espírito é um discernidor preciso dos pensamentos e dos intentos do coração, tanto dos outros como dos nossos. Ele será para nós um Mestre e Profeta presente e nos instruirá quanto ao que fazer em cada situação.

## **Atos de Submissão**

A submissão e o serviço funcionam concomitantemente. Daí que grande parte do fluxo prático da submissão virá no próximo capítulo. Há, contudo, sete atos de submissão que serão comentados brevemente.

O primeiro ato de submissão é ao Deus Trino e Uno. No começo do dia esperamos diante do Pai, do Filho e do Espírito Santo, calmos e submissos. As primeiras palavras de nosso dia formam a oração de Thomas

de Kempis: “Como quiseres; o que quiseres; quando quiseres.” Submetemos o corpo, mente e espírito para propósitos divinos. Semelhantemente, o dia é vivido em atos de submissão entremeados de constantes demonstrações de submissão interior. Visto como as primeiras palavras matutinas são de submissão, assim também as últimas palavras da noite. Entregamos o corpo, mente e espírito nas mãos de Deus para que faça conosco conforme lhe apraz durante a longa escuridão.

O segundo ato de submissão é à Bíblia. Como nos submetemos à Palavra de Deus viva (Jesus), assim nos submetemos à Palavra de Deus escrita (a Bíblia).

Rendemo-nos primeiro para ouvir a Palavra; em segundo lugar para receber a Palavra, e em terceiro lugar para obedecer à Palavra. Buscamos o Espírito, que inspirou as Escrituras, para interpretá-las e aplicá-las à nossa condição. A palavra da Escritura, vivificada pelo Espírito Santo, vive conosco durante dia.

O terceiro ato de submissão é à nossa família. O lema para a família deveria ser: “Não tenha cada um em vista o que é dos outros” (Filipenses 2:4). Livre e graciosamente os membros da família fazem concessão uns aos outros. O ato básico de submissão é o compromisso de ouvir os demais membros da família. Seu corolário é uma disposição de partilhar, que, por si própria, é obra da submissão.

O quarto ato de submissão é a nossos vizinhos e aos que encontramos no curso de nosso viver diário. A vida de simples bondade é vivida diante deles. Se estiverem em necessidade, nós os ajudamos. Executamos pequenos atos de bondade e de urbanidade comum: repartimos nosso alimento, cuidamos de seus filhos quando os pais se ausentam, cortamo-lhes a grama, arranjamos tempo para visitá-los, compartilhamos nossas ferramentas. Nenhuma tarefa é pequena demais, insignificante demais, pois cada uma delas é uma oportunidade de viver em submissão.

O quinto ato de submissão é à comunidade crente, o corpo de Cristo. Se há serviços a completar e tarefas a realizar, examinamo-las de perto para ver se são convites de Deus para a vida de cruz. Não podemos fazer tudo mas podemos fazer algumas coisas. Às vezes são assuntos de natureza organizacional, mas com muita freqüência são oportunidades espontâneas para pequenas tarefas de serventia. Pode, às vezes, tratar-se de chamados para servir a igreja universal e se o ministério for confirmado em nossos corações, podemos submeter-nos a ele com segurança e reverência.

O sexto ato de submissão é aos alquebrados e desprezados. Em toda cultura há “viúvas e órfãos”; isto é, os desamparados, os indefesos (Tiago 1:27). Nossa primeira responsabilidade é estar entre eles. Como Francisco de Assis, no século treze, e Kágawa no século vinte, devemos descobrir meios de verdadeiramente identificar-nos com os oprimidos, os rejeitados. Aí devemos viver a vida de cruz.

O sétimo ato de submissão é ao mundo. Vivemos numa comunidade internacional interdependente. Não podemos viver em isolamento. Nossa responsabilidade ambiental, ou sua ausência, afeta não somente as pessoas ao redor do mundo mas também as gerações que estão por nascer. As nações que padecem fome afetam-nos. Nosso ato de submissão é uma determinação de viver como membro responsável de um mundo cada vez mais irresponsável.

## **Nota Final**

Em nosso dia tem surgido um problema especial acerca da submissão no tocante à autoridade. O fenômeno que passo a descrever é algo que tenho observado repetidamente. Quando as pessoas começam a mudar-se para o reino espiritual, vêem que Jesus está ensinado um conceito de autoridade que se opõe inteiramente ao pensamento dos sistemas deste mundo. Elas chegam a compreender que a autoridade não reside em posições ou graus, ou títulos, ou bens, ou qualquer símbolo exterior. O caminho de Cristo segue totalmente em outra direção: o caminho da autoridade espiritual. A autoridade espiritual é ordenada e sustentada por Deus. As instituições humanas podem ou não reconhecer esta autoridade; igualmente, não faz diferença alguma. A autoridade espiritual é marcada tanto por compaixão como por poder. Os que andam no Espírito podem identificá-la imediatamente. Sabem, sem dúvida, que a submissão é devida à palavra que foi dada em autoridade espiritual.

Mas, e aqui está a dificuldade, que dizer às pessoas que estão em “posição de autoridade” mas não possuem autoridade espiritual? Uma vez que Jesus deixou claro que a posição não dá autoridade, deveria esta pessoa ser obedecida? Não é preferível desconsiderar toda autoridade humanamente ordenada e buscar a autoridade espiritual e só a ela submeter-nos? Esses são tipos de questões levantadas por pessoas que sinceramente desejam andar no caminho do Espírito.

As perguntas são legítimas e merecem uma resposta cuidadosa.

A resposta não é simples, mas também não é impossível. A

subordinação renovadora nos mandaria viver em submissão à autoridade humana enquanto esta não se torna destrutiva. Tanto Pedro com Paulo exigiram obediência ao estado pagão porque entenderam o grande bem resultante desta instituição humana.

Tenho verificado que as “autoridades” humanas muitas vezes têm uma grande dose de sabedoria que negligenciamos com perigo para nós.

A isto eu acrescentaria outro motivo por que, no meu entender, devemos submeter-nos às pessoas investidas de autoridade, que não conhecem a autoridade espiritual. Devemos submeter-nos por delicadeza comum e por compaixão pela pessoa que se encontra nessa situação difícil. Tenho profunda empatia pelos indivíduos que se encontram nessa posição, pois eu mesmo já estive aí mais de uma vez. É um pântano frustrante, quase desesperador, estar numa posição de autoridade e saber que nossas raízes não têm profundidade suficiente na vida divina para comandar com autoridade espiritual. Conheço a sensação frenética que faz uma pessoa empertigar-se e esbaforir-se, e imaginar truques inteligentes para induzir as pessoas à obediência. Alguns podem achar fácil rir-se dessas pessoas e desconsiderar sua “autoridade”. Eu não. Choro por elas porque conheço a dor e o sofrimento interiores que devem ser enfrentados para viver-se em tal contradição.

Além do mais, podemos orar por tais pessoas para que sejam cheias de novo poder e autoridade. Podemos, também, tornar-nos seus amigos e ajudá-las no que estiver ao nosso alcance. Se vivermos a vida de cruz perante elas, muito em breve podemos descobrir que estão crescendo em poder espiritual, e nós também.

## **9. A Disciplina do Serviço**

*"Aprenda esta lição: se você tem de fazer o trabalho de um profeta, você precisa não de um cetro mas de uma enxada." - Bernardo de Clairaux*

Como a cruz é o símbolo da submissão, assim a toalha é o símbolo do serviço.

Quando Jesus reuniu seus discípulos para a última Ceia, eles debatiam sobre quem era o maior. Este problema não lhes era novo. “Levantou-se entre eles uma discussão sobre qual deles seria o maior” (Lucas 9:46). Sempre que houver problema acerca de quem é o maior, haverá problema acerca de

quem é o menor.

Esse é o ponto crucial da questão para nós, não é mesmo? Muitos de nós sabemos que nunca seremos os maiores; assim também, não sejamos os menores.

Reunidos na festa da Páscoa, os discípulos sabiam perfeitamente que alguém tinha de lavar os pés dos outros. O problema era que só os menores é que lavavam os pés dos outros. De modo que ficaram com os pés empoeirados. Era um ponto tão melindroso que eles nem mesmo iriam falar sobre o assunto. Ninguém desejava ser considerado o menor. Então Jesus tomou uma toalha e uma bacia, redefinindo, assim a grandeza.

Havendo dado o exemplo de servo perante eles, ele os chamou para o caminho do serviço. “Ora, se eu, sendo o Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também” (João 13:14,15). De certo modo, preferiríamos ouvir o chamado de Jesus para negar pai e mãe, casas e terra por amor do evangelho, a ouvir sua ordem para lavar pés. A autonegação radical dá uma sensação de aventura. Se abandonarmos tudo, teremos até mesmo a possibilidade de um glorioso martírio. Mas no serviço somos levados para o mundano, para o ordinário, para o trivial.

Na Disciplina do serviço há também grande liberdade. O serviço capacita-nos para dizer “não!” aos artifícios de promoção e autoridade do mundo. Ele acaba com nossa necessidade (e desejo) de uma “ordem de importância”. Esta expressão é muito significativa, muito reveladora. Como nos assemelhamos a galináceos! No galinheiro não há paz até que fique claro quem é o mais importante, o menos importante, e quem fica entre o poleiro de cima e o de baixo. Um grupo de pessoas não é capaz de estar junto por muito tempo até que fique claramente estabelecida a “ordem de importância”. Podemos vê-lo facilmente em situações tais como onde as pessoas se assentam, como caminham em relação uns com os outros, quem sempre cede quando duas pessoas falam ao mesmo tempo, quem fica atrás quando determinado trabalho precisa ser feito e quem se prontifica a fazê-lo. (Dependendo do trabalho, pode ser um símbolo de senhorio ou um símbolo de servidão.) Essas coisas estão estampadas no rosto da sociedade humana.

O ponto não é que devemos abolir a liderança ou a autoridade. Qualquer sociólogo demonstraria de imediato a impossibilidade de tal tarefa. Mesmo entre Jesus e os discípulos vêem-se facilmente a liderança e a autoridade. O importante é que Jesus redefiniu completamente a liderança e a

autoridade.

Jesus nunca ensinou que todos tinham igual autoridade. Na verdade, ele tinha muito que dizer sobre autoridade espiritual autêntica e deixou claro que muitos não a possuíam. Mas a autoridade da qual Jesus falou não é aquela em que o indivíduo atribui importância a si mesmo. Devemos entender com clareza a natureza radical do que Jesus ensinou sobre este assunto. Ele não estava simplesmente invertendo a “ordem de importância”, como muitos supõem. Ele a estava abolindo. A autoridade da qual ele falou não era uma autoridade para manipular e controlar. Era uma autoridade de função, não de status.

Jesus declarou: “Sabeis que os governadores dos povos os dominam e que os maiores exercem autoridade sobre eles. Não é assim entre vós.” Ele rejeitou total e completamente os sistemas de ordem de importância de seu tempo. Como, pois, devia ser entre eles? “Quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva... tal como o Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir” (Mateus 20:25-28). Portanto, a autoridade espiritual a que Jesus se referia não era uma autoridade que se encontrava numa posição, num título, mas numa toalha.

## **Serviço Farisaico X Serviço Verdadeiro**

Se o verdadeiro serviço deve ser entendido e praticado, é preciso distingui-lo claramente do “serviço farisaico”.

O serviço farisaico é prestado pelo esforço humano. Ele gasta somas imensas de energia calculando e planejando como prestar o serviço. Gráficos e mapas sociológicos podem ser projetados de modo que podemos “ajudar essas pessoas”. O verdadeiro serviço provém de um relacionamento com o Outro divino em nosso íntimo. Servimos por instigações cochichadas, por insistências divinas.

Despende-se energia, mas não é a energia frenética da carne. Thomas Kelly escreve: “Descubro que ele [Deus] nunca nos guia a uma mixórdia intolerável de intranqüilidade ofegante.”

O serviço farisaico impressiona-se com a “aparência”. Ele está interessado em registrar lucros impressionantes no “placar” eclesiástico. Gosta de servir, especialmente quando o serviço é titânico. O serviço verdadeiro acha quase impossível distinguir entre serviço pequeno e serviço grande. Onde se observa a diferença o verdadeiro servo parece ser

frequentemente atraído para o serviço pequeno, não por falsa modéstia, mas porque ele o vê genuinamente como serviço importante. Ele recebe com agrado, indiscriminadamente, todas as oportunidades de servir.

O serviço farisaico demanda recompensas exteriores. Ele precisa saber que as pessoas vêem e apreciam o esforço. Ele busca o aplauso dos homens - com a devida modéstia religiosa, é claro. O verdadeiro serviço descansa contente no anonimato. Ele não teme as luzes e o frêmito da atenção, mas também não os busca. Uma vez que ele vive a partir de um novo Centro de Referência, o aceno divino de aprovação é quanto basta.

O serviço farisaico está muitíssimo preocupado com os resultados. Ele espera ansiosamente para ver se a pessoa servida retribui na mesma moeda. Amargura-se quando os resultados ficam aquém das expectativas. O verdadeiro serviço está livre da necessidade de calcular resultados. Ele deleita-se apenas no serviço.

Pode servir os inimigos com a mesma liberdade com que serve os amigos.

O serviço farisaico escolhe minuciosamente a quem servir. Às vezes os nobres e poderosos são servidos porque isso trará certa vantagem. Às vezes os humildes e indefesos são servidos porque isso garantirá uma imagem humilde. O verdadeiro serviço não discrimina em seu ministério. Ele ouviu a ordem de Jesus de ser “servo de todos” (Marcos 9:35). Francisco de Assis escreveu: “Sendo servo de todos, estou obrigado a servir a todos e administrar as palavras suavizadoras de meu senhor.”

O serviço farisaico é afetado por estados de ânimo e caprichos. Ele só pode servir quando há um “sentimento” de servir (“movido pelo Espírito”, conforme dizemos). Saúde ruim ou sono insuficiente controlarão o desejo de servir. O verdadeiro serviço ministra simples e fielmente porque há uma necessidade. Ele sabe que o “sentimento de servir” pode, muitas vezes, constituir-se em obstáculo ao verdadeiro serviço. Ele recusa permitir que o sentimento controle o serviço, mas permite que o serviço discipline os sentimentos.

O serviço farisaico é temporário. Funciona somente enquanto se executam os atos específicos do serviço. Havendo servido, pode descansar sossegado. O verdadeiro serviço é um estilo de vida. Ele atua a partir de padrões arraigados de vida.

Brota espontaneamente para satisfazer a necessidade humana.

O serviço farisaico não tem sensibilidade. Ele insiste em satisfazer a necessidade mesmo que o resultado seja destrutivo. Ele exige a oportunidade de ajudar. O serviço verdadeiro pode deixar de prestar o serviço tão livremente quando executá-lo. Pode ouvir com ternura e paciência antes de atuar. Pode servir enquanto espera em silêncio. “Servem, também, aqueles que apenas ficam firmes e esperam.”

O serviço farisaico fratura a comunidade. Na análise final (uma vez removidas todas as armadilhas religiosas) ele se concentra na glorificação do indivíduo.

Portanto, ele coloca os outros a nosso débito e se torna uma das mais sutis e destrutivas formas de manipulação conhecidas. O resultado é a ruptura da comunidade.

O verdadeiro serviço, por outro lado, edifica a comunidade. Silenciosa e despreziosamente ele vai aqui e ali cuidando das necessidades alheias; não obriga ninguém a retribuir o serviço. Ele atrai, une, cura, edifica. O resultado é uma comunidade unida.

## **Serviço e Humildade**

Mais do que qualquer outro meio, a graça da humildade é produzida em nossas vidas pela Disciplina do serviço. A humildade, como todos sabemos, é uma daquelas virtudes que nunca são ganhas por buscá-las. Quanto mais a buscamos, mais distante ela fica. Pensar que a temos é prova segura de que não a possuímos. Portanto, muitos de nós supomos que nada podemos fazer para ganhar esta honrada virtude cristã, e assim nos acomodamos.

Mas existe algo que podemos fazer. Não é preciso atravessarmos a vida esperando que algum dia a humildade caia sobre nós. De todas as Disciplinas Espirituais clássicas, o serviço é a mais conducente ao crescimento da humildade. Ocorre uma profunda mudança em nosso espírito quando iniciamos um curso de ação, conscientemente escolhido, que acentua o bem dos outros e em sua maior parte é um trabalho oculto.

Nada como o serviço para disciplinar os desejos desordenados da carne, e nada como servir no anonimato para transformar os desejos da carne. A carne choraminga contra o serviço, porém, contra o serviço feito no anonimato, ela apronta uma gritaria. Ela se esperneia por obter honra e reconhecimento. Ela imagina meios sutis, religiosamente aceitáveis a fim de chamar a atenção para o serviço prestado. Se ousadamente nos recusarmos a

ceder à luxúria da carne, nós a crucificamos. Toda vez que crucificamos a carne crucificamos nosso orgulho e arrogância.

O apóstolo João escreveu: “Porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo” (1 João 2:26). Deixamos de entender a força desta passagem por causa de nossa tendência de relegá-la totalmente ao pecado sexual. A “concupiscência da carne” refere-se ao fracasso de pôr sob nosso controle - disciplinar - as paixões humanas naturais. C. H. Dodd disse que a “concupiscência dos olhos” refere-se à tendência de ser cativado pela exibição exterior. Ele define a “soberba da vida” como “egoísmo pretensioso”. Em cada caso se observa a mesma coisa: ênfase com poderes e capacidades humanos naturais sem nenhuma dependência de Deus. Isso é a carne em operação, e a carne é o inimigo mortal da humildade.

É necessário exercer a mais estrita disciplina diária para conter essas paixões. A carne deve aprender a dolorosa lição de que ela não tem direitos próprios. É a obra do serviço anônimo que realizará esta auto-humilhação.

William Law causou um duradouro impacto sobre a Inglaterra do século dezoito com seu livro, *A Serious Call to Devout and Holy Life* (Um Chamado Sério para uma Vida Devota e Santa. Nele, Law insistia em que cada dia seja considerado como um dia de humildade. Como faremos de cada dia um dia de humildade?

Aprendendo a servir aos outros. Law entendia que a Disciplina do serviço é que traz humildade à vida. Se quisermos humildade, ele nos aconselha a

*“... condescender em todas as fraquezas e enfermidades do próximo, ocultar suas fragilidades, amar o que ele tem de excelente, incentivar suas virtudes, aliviar suas necessidades, regozijar-se em suas prosperidades, compadecer-se de suas tristezas, receber sua amizade, ignorar suas indelicadezas, perdoar-lhe a malícia, ser servo de servos, e condescender em executar o mais inferior dos ofícios para os mais íntimos da humanidade.”*

Então, o resultado da disciplina diária da carne será o surgimento da graça da humildade. Ela nos virá sem que o percebamos. Embora não sintamos sua presença, estaremos cômicos de um novo zelo e alegria de viver.

Maravilhar-nos-emos em face do novo senso de confiança que marcará nossas atividades. Embora as demandas da vida sejam tão grandes como sempre, viveremos em um novo senso de paz sem pressa. As pessoas a quem outrora invejávamos, agora as vemos com compaixão, porque vemos não somente sua posição mas também seu sofrimento. As pessoas que teríamos ignorado, agora as vemos e consideramos como indivíduos agradáveis. Sentimos um novo espírito de identificação com os párias, a “escória” da terra (1 Coríntios 4:13).

Mais até do que a transformação que ocorre dentro de nós, estamos cômnicos de um amor e de uma alegria mais profundos em Deus. Nossos dias estão pontilhados de expressões espontâneas de louvor e adoração. O jubiloso serviço anônimo prestado ao próximo é uma oração de ações de graça posta em prática. Parece que somos dirigidos por um novo Centro de Controle - e de fato o somos.

### **Sim... Mas**

Uma hesitação natural e compreensível acompanha qualquer discussão séria do serviço. A hesitação é boa desde que seja sábia para calcular o custo antes de entrar em cheio em qualquer Disciplina. Experimentamos um temor que surge mais ou menos assim: “Se eu fizer isso, as pessoas vão tirar vantagem de mim; elas me pisarão.”

É aqui que devemos ver a diferença entre escolher servir e escolher ser servo.

Quando escolhermos servir, ainda estamos no comando. Decidimos a quem e quando servir. Se estamos no comando, preocupar-nos-emos muito sobre alguém pisar-nos, isto é, dominar-nos.

Mas quando escolhemos ser servos, damos de mão ao direito de estar no comando.

Há nisso uma grande liberdade. Se voluntariamente escolhemos deixar que tirem vantagem de nós, então não podemos ser manipulados. Quando escolhemos ser servos, sujeitamos ou rendemos o direito de decidir a quem e quando servir.

Tornamo-nos disponíveis e vulneráveis.

Considere a perspectiva de um escravo. O escravo vê a vida toda da perspectiva da escravidão. Ele não vê a si mesmo como possuindo os mesmos direitos de homens e mulheres livres. Por favor, entenda-me: quando

esta escravidão é involuntária, ela é cruel e desumanizante. Quando a escravidão é livremente escolhida, porém, tudo se muda. A servidão voluntária é uma grande alegria.

A idéia da escravidão pode ser-nos difícil, mas não constituía problema para o apóstolo Paulo. Frequentemente ele se jactava de sua escravidão a Cristo, fazendo uso pródigo do conceito do primeiro século de “escravo de amor” (isto é, o escravo que, por amor, escolheu livremente permanecer nessa condição).

Fazemos o melhor do nosso esforço por suavizar a linguagem de Paulo, traduzindo a palavra “escravo” por “servo”. Mas, seja qual for a palavra que resolvamos empregar, estejamos certos de entender que Paulo queria dizer que de livre vontade ele abria mão de seus direitos.

Portanto, justifica-se o receito de que se aproveitem de nós e nos pisem. Isso é exatamente o que pode acontecer. Mas quem pode magoar àquele que livremente escolheu ser pisado? Thomas de Kempis instrui-nos a estar “sujeitos... para que todos os homens possam passar sobre vós e pisar-vos como pisam a lama da rua”.

Há em *The Little Flowers of St. Francis* (As Florezinhas de S. Francisco) uma deliciosa história sobre como Francisco de Assis ensinou ao Irmão Léo o significado da alegria perfeita. Enquanto os dois caminhavam juntos sob a chuva e o frio intenso, Francisco lembrava a Léo todas as coisas que o mundo acreditava trazer alegria - inclusive o mundo religioso -, acrescentando cada vez: “A alegria perfeita não está nisso.” Finalmente, em exasperação, o Irmão Léo pediu: “Rogo-te, em nome de Deus, que me digas onde está a perfeita alegria.” Então Francisco passou a enumerar as mais humilhantes coisas que ele podia imaginar, acrescentando cada vez: “Oh, Irmão Léo, escreva que a perfeita alegria está aí.” Para explicar e concluir a questão, ele lhe disse: “Acima de todas as graças e dons do Espírito Santo que Cristo dá a seus amigos, está a de conquistar a si mesmo e de boa vontade suportar os sofrimentos, os insultos, as humilhações e as privações pelo amor de Cristo.”

Achamos difícil aceitar essas palavras hoje. (É preciso entender que eu, também, luto até para ouvir os mestres devocionais sobre este ponto.) Receamos que tal atitude conduza irrevogavelmente ao caminho do ascetismo excessivo e à automortificação. Na igreja, só agora estamos emergindo de uma “teologia de verme” que desvalorizou terrivelmente a capacidade e o potencial humanos. O serviço reconduz a essa situação? Não, por certo que não. Sem dúvida, é um perigo contra o qual devemos sempre guardar-nos.

Mas também devemos tomar cuidado com o inimigo em direção oposta. Como disse Bonhoeffer: “Se não houver elemento de ascetismo em nossa vida, se dermos rédea solta aos desejos da carne... acharemos difícil treinarnos para o serviço de Cristo.”

## **Serviço no Mercado**

Serviço não é um rol de coisas que fazemos, embora nele descubramos coisas a fazer. Não é um código de ética, mas um modo de vida. Executar atos específicos de serviço não é o mesmo que viver na Disciplina do serviço. Assim como no jogo de basquete há mais do que o livro de regras, o serviço significa mais do que atos específicos de servir. Uma coisa é atuar como servo; outra coisa muito diferente é ser servo. Como em todas as Disciplinas, é possível dominar a mecânica do serviço sem experimentar a Disciplina.

Todavia, não é suficiente acentuar a natureza interior do serviço. Para que o serviço seja serviço é preciso que ele tome forma e conformação no mundo em que vivemos. Portanto, devemos buscar perceber qual a semelhança do serviço no mercado de nossa vida diária.

De início há o serviço anônimo. Mesmo os líderes públicos podem cultivar tarefas de serviço que permanecem geralmente incógnitas. Se todo o serviço que prestamos é feito perante outros, seremos em realidade pessoas superficiais.

Ouçamos a orientação espiritual de Jeremias Taylor: “Tenha em grande apreço o ficar escondido, e pouco estimado: alegre-se com a falta de louvor; nunca se perturbe quando for desconsiderado ou depreciado...” O anonimato é uma censura à carne e pode desferir um golpe fatal ao orgulho.

A princípio pareceria que o serviço anônimo é só por causa do indivíduo que o recebe. Não é esse o caso. Os ministérios anônimos, ocultos, afetam até mesmo as pessoas que nada sabem deles. Há um amor e compaixão mais profundos entre as pessoas, muito embora não saibam explicar o sentimento. Se um serviço oculto é feito a favor delas, elas são inspiradas a uma devoção mais profunda, pois sabem que a fonte do serviço é muito mais profunda do que podem ver. É um ministério no qual todas as pessoas podem engajar-se com frequência. Ele propaga ondulações de alegria e celebração em qualquer comunidade.

Há o serviço de pequenas coisas. À semelhança de Dorcas, encontramos meios de fazer “túnicas e vestidos” para as viúvas (Atos 9:39). A

história a seguir é verídica. Enquanto me achava nas frenéticas agonias finais do preparo de minha tese de doutorado, recebi um telefonema de um amigo. Sua esposa havia saído com o carro e ele queria saber se eu poderia levá-lo a alguns lugares. Apanhado de surpresa, consenti, interiormente maldizendo a minha sorte. Ao sair, agarrei o livro de Bonhoeffer, *Life Together* (Vida Juntos), pensando que eu pudesse ter oportunidade de lê-lo. A cada lugar que chegávamos eu me impacientava interiormente pela perda de tempo precioso. Finalmente, num supermercado, a última parada, disse a meu amigo que eu esperaria no carro. Apanhei meu livro, abri-o onde estava o marcador e li estas palavras:

*"O segundo serviço que se deveria prestar a outrem numa comunidade cristã é o de ajuda ativa. Isto significa, inicialmente, simples assistência em questões insignificantes, exteriores. Há uma multidão dessas coisas aonde quer que as pessoas vivam em comunidade. Ninguém é bom demais que não possa prestar serviço mais humilde. Quem se preocupa com a perda de tempo causada por esses pequenos e exteriores atos de ajuda, geralmente está tirando importância de sua própria carreira com muita solenidade."*

Francisco de Sales diz que as grandes virtudes e as pequenas fidelidades são como açúcar e sal. O açúcar pode ter um sabor mais delicioso, porém seu uso é menos freqüente. O sal é encontrado por toda parte. As grandes virtudes são uma ocorrência rara; o ministério das pequenas coisas é um serviço diário. Tarefas grandes demandam grande sacrifício por um momento; as coisas pequenas demandam sacrifício constante.

*"As ocasiões sem importância... retornam a cada momento.*

*.... Se desejamos ser fiéis a coisas pequenas, a natureza nunca tem tempo para respirar, e devemos morrer para todas as nossas inclinações. Deveríamos preferir, cem vezes, fazer alguns grandes sacrifícios para Deus, conquanto violentos e dolorosos, sob a condição de termos liberdade de seguir nossos gostos e hábitos em cada pequeno detalhe."*

No reino do espírito cedo descobrimos que os verdadeiros problemas

se encontram nos insignificantes escaninhos da vida. Nossa enfação com a “importância” cegou-nos para este fato. O serviço das coisas pequenas nos colocará em desacordo com nossa indolência e problemas centrais. Fénelon disse: “Não é elevação de espírito sentir desprezo pelas coisas pequenas. É, pelo contrário, devido a pontos de vista estreitos demais que consideramos como pequeno o que tem conseqüências de tão longo alcance.”

Há o serviço de proteger a reputação alheia. Ou, como disse Bernardo de Clairvaux, o serviço de “Caridade”. Quão necessário é este se desejamos ser salvos de calúnia e mexericos. O apóstolo Paulo ensinou-nos a não difamar a ninguém (Tito 3:2). Podemos revestir nossa calúnia com toda a solenidade religiosa que desejarmos, mas ela permanecerá como veneno mortífero. Há uma disciplina em refrear a língua que pode operar maravilhas em nosso íntimo.

Nem deveríamos tomar parte na conversa difamadora de outros. Temos uma norma na equipe pastoral de nossa igreja que o povo tem prezado. Recusamo-nos a permitir que qualquer membro da congregação fale descaridosamente de um pastor para outro. Gentilmente, mas com firmeza, pedimos-lhes que se dirijam diretamente ao pastor criticado. Por fim as pessoas entendem que não lhes permitimos falar-nos sobre o pastor Fulano de tal. Esta norma, sustentada por toda a nossa equipe, tem obtido resultados benéficos.

Bernardo advertiu-nos de que a língua malévola “desfere um golpe mortal na caridade de todos quantos a ouvem e, até onde possível, destrói raiz e galho, não somente nos ouvintes imediatos mas também em todos os outros a quem a calúnia, voando de lábio em lábio, é repetida depois”. Proteger a reputação dos outros é um serviço profundo e duradouro.

Há o serviço de ser servido. Quando Jesus começou a lavar os pés dos que ele amava, Pedro recusou. Nunca ele permitiria que seu Mestre se humilhasse a executar um serviço tão servil em seu favor. Parece uma declaração de humildade; realmente, era um ato de orgulho velado. O serviço de Jesus era uma afronta ao conceito de autoridade de Pedro. Se Pedro fosse o senhor, ele nunca lhes teria lavado os pés!

É um ato de submissão e serviço permitir que os outros nos sirvam. Esse ato reconhece que eles têm “autoridade do reino” sobre nós. Graciosamente recebemos o serviço prestado, jamais sentindo que devemos retribuí-lo. Os indivíduos que, por orgulho, se recusam a ser servidos, falham em submeter-se à liderança divinamente indicada no reino de Deus.

Há o serviço de cortesia comum. Tais atos de compaixão têm encontrado dificuldades em nossa época. Nós, porém, que somos a luz, nunca devemos desprezar os rituais de relacionamento que há em cada cultura. É um dos poucos meios restantes na sociedade moderna de reconhecer o valor uns dos outros.

Conforme Paulo aconselhou a Tito, devemos ser “cordatos, dando provas de toda cortesia, para com todos os homens” (Tito 3:2).

Os missionários entendem o valor da cortesia. Eles não se atreveriam a cometer o disparate de entrar em alguma aldeia exigindo ser ouvidos sem primeiro conhecer os rituais adequados de apresentação e familiaridade. No entanto, achamos que podemos violar esses rituais em nossa própria cultura e ainda ser recebidos e ouvidos. E nos perguntamos por que ninguém quer ouvir.

“Mas esses rituais são tão inexpressivos, tão hipócritas”, queixamo-nos. Isso é um mito. Eles são extremamente significativos e não são hipócritas de maneira alguma. Uma vez que vencemos nossa arrogância egocêntrica pelo fato de que as pessoas realmente não desejam saber como estamos quando dizem “Como vai você?”, podemos ver que é apenas um modo de reconhecer nossa presença. Podemos acenar com a mão e reconhecer a presença delas também sem sentir a necessidade de fazer uma prognose de nossa última dor de cabeça. Palavras como “muito obrigado” e “sim, por favor”, cartas de apreço e respostas RSVP (responda, por favor) são todas serviços de cortesia. Os atos específicos variam de cultura para cultura, mas o propósito é sempre o mesmo: reconhecer outros e afirmar seu valor. O serviço de cortesia é extremamente necessário em nossa sociedade cada vez mais computadorizada e despersonalizada.

Há o serviço da hospitalidade. Pedro insta conosco que sejamos “mutuamente hospitaleiros sem murmuração” (1 Pedro 4:9). Paulo diz o mesmo e até faz dele uma das exigências para o ofício de bispo (Romanos 12:13, 1 Timóteo 3:2, Tito 1:8). Existe hoje uma desesperada necessidade de lares que possam abrir-se uns aos outros. A antiga idéia da hospedaria tornou-se obsoleta pela proliferação de hotéis e restaurantes, mas podemos questionar seriamente se a mudança representa progresso. Tenho andado pelas missões espanholas da Califórnia e fico maravilhado em face da graciosa e suficiente provisão feita para os visitantes. Talvez os modernos hotéis brilhantes e despersonalizados é que sejam obsoletos.

Conheço um casal que tem procurado fazer do ministério da

hospitalidade uma prioridade em suas vidas. Em qualquer mês do ano eles podem ter certeza de setenta pessoas em seu lar. É um serviço para o qual eles crêem que Deus os chamou. Talvez a maioria de nós não possa fazer tanto assim, mas podemos fazer alguma coisa. Podemos começar em algum ponto.

Às vezes nos limitamos porque tornamos a hospitalidade complicada demais.

Lembro-me de uma ocasião em que a hospedeira corria apressada de um lado para outro cuidando disto e daquilo, desejando sinceramente fazer com que todos se sentissem à vontade. Um amigo meu surpreendeu-nos a todos (e pôs todo o mundo à vontade), dizendo: “Helen, não quero café, não quero chá, não quero bolachas, não quero guardanapo, só quero conversar. Venha assentar-se e conversar conosco!” Apenas uma oportunidade de estar juntos e trocar experiências - isto é a essência da hospitalidade.

Há o serviço de ouvir. “O primeiro serviço que se presta a outros na comunidade consiste em ouvi-los. Assim como amar a Deus começa com ouvir a sua Palavra, assim o começo do amor aos irmãos está no aprender a ouvi-los.” Necessitamos com urgência da ajuda que pode resultar do ouvir uns aos outros. Não precisamos ser psicanalistas experientes para ser ouvintes preparados. As exigências mais importantes são compaixão e paciência.

Não temos de ter as respostas corretas para ouvir bem. Com efeito, freqüentemente as respostas corretas constituem um obstáculo para se ouvir, pois estamos mais ansiosos por dar a resposta do que para ouvir. Uma impaciente meia-atenção é uma afronta à pessoa que fala.

Ouvir aos outros acalma e disciplina a mente para ouvir a Deus. Cria uma obra interior no coração que transforma as afeições da vida, e até mesmo nossas prioridades. Quando nos tornamos obtusos à voz de Deus, seria bom ouvir os outros em silêncio e ver se não é Deus que nos fala. “Aquele que pensa que seu tempo é valioso demais para gastá-lo em silêncio, finalmente não terá tempo algum para Deus e para o próximo, mas só para si mesmo e para suas loucuras.”

Há o serviço de levar as cargas uns dos outros. “Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo” (Gálatas 6:2). A “lei de Cristo” é a lei do amor, a “lei régia” como lhe chamou Tiago (Tiago 2:8). O amor se cumpre com o máximo de perfeição quando levamos as mágoas e sofrimentos uns dos outros, quando choramos com os que choram.

Se houver interesse de nossa parte, aprenderemos a levar suas tristezas. Digo “aprenderemos” porque esta é, também, uma disciplina a ser aprendida. Muitos de nós supomos com demasiada facilidade que tudo o que temos de fazer é decidir levar as cargas alheias. Então tentamos fazer isso por algum tempo e logo se vai embora a alegria da vida e nos achamos carregados das tristezas alheias.

Não é preciso ser assim. Podemos aprender a suportar as cargas alheias sem que elas nos destruam. Jesus, que levou as cargas do mundo inteiro, podia dizer:

“O meu jugo é suave e o meu fardo é leve” (Mateus 11:30). Podemos aprender a erguer as tristezas e dores dos outros até aos braços ternos de Jesus de sorte que nosso fardo seja mais leve? Claro que podemos. Mas isso demanda alguma prática, por isso, em vez de apressar-nos a levar as cargas do mundo inteiro, comecemos mais humildemente. Comecemos em algum cantinho, nalgum lugar, e aprendamos. Jesus será nosso Mestre.

Finalmente, há o serviço de partilhar a palavra da Vida uns com os outros. As Poustínias, estabelecidas por Catherine Doherty, tinham uma norma: os que adentravam os desertos do silêncio e da solitude faziam-no pelos outros.

Quaisquer palavras que recebessem de Deus, deviam trazê-la e comunicá-la aos outros. Este é um serviço gracioso a ser prestado, pois ninguém pode ouvir tudo quanto Deus deseja dizer. Dependemos uns dos outros para receber o pleno conselho de Deus. O menor dos membros pode trazer-nos um recado - não nos atrevamos a desprezar o seu serviço.

É, naturalmente, uma coisa terrível proclamar essas palavras uns aos outros.

Freqüentemente há mistura: “De uma só boca procede bênção e maldição” (Tiago 3:10). Tais realidades nos humilham e nos arrojam em profunda dependência de Deus. Não devemos, porém, recuar-nos deste serviço, pois o mundo atual necessita dele desesperadamente.

O serviço motivado pelo dever respira morte. O serviço que flui de nosso íntimo é vida, alegria e paz. O Cristo ressurreto convida-nos para o ministério da toalha. Talvez seria bom você começar experimentando fazer uma oração que muitos de nós temos feito. Comece o dia orando: “Senhor Jesus, eu gostaria tanto que me trouxesse alguém, hoje, a quem eu possa servir.”

# Terceira Parte: Disciplinas Associadas

---

## 10. A DISCIPLINA DA CONFISSÃO

*"A confissão de obras más é o primeiro começo de obras boas." - Agostinho de Hipona*

No coração de Deus está o desejo de perdoar e amar. Por isto ele pôs em ação todo o processo redentor que culminou na cruz e foi confirmado na ressurreição.

A idéia comum do que Jesus realizou na cruz corre mais ou menos assim: as pessoas eram tão más e tão mesquinhas e Deus estava tão irado com elas que ele não lhes perdoaria, a menos que alguém importante sofresse o castigo por todas elas.

Nada poderia estar mais distante da verdade. O amor, e não a ira, levou Jesus à cruz. O Gólgota resultou do grande desejo divino de perdoar, e não da relutância de Deus. Jesus viu que mediante seu sofrimento vicário ele poderia realmente assumir todo o mal da humanidade e assim curá-la, perdoadando-lhe.

Foi por isso que Jesus recusou o costumeiro tira-dores quando este lhe foi oferecido. Ele desejava estar completamente alerta para esta importantíssima obra de redenção. Numa forma profunda e misteriosa ele estava se preparando para entrar no inconsciente coletivo da raça humana. Uma vez que Jesus vive no Eterno Agora, esta obra não era apenas para os que estavam ao seu redor, mas ele estava aceitando toda a violência, todo o medo, todo o pecado de todo o passado, de todo o presente e de todo o futuro. Esta era sua mais sublime e mais santa obra, a obra que torna possível a confissão e o perdão de pecados.

Alguns parecem pensar que quando Jesus exclamou: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" foi esse um momento de fraqueza (Marcos 15:34).

Absolutamente, não. Este foi o momento de maior triunfo. Jesus, que havia andado em constante comunhão com o Pai, havia-se identificado tão completamente com a humanidade que ele era a verdadeira corporificação do pecado (2 Coríntios 5:21). Jesus teve êxito em assumir todos os poderes das trevas do presente século mau e em ter derrotado cada um deles pela luz de

sua presença. Ele havia alcançado uma identificação tão completa com o pecado da raça que chegou a sentir o abandono de Deus. Somente desse modo ele poderia redimir o pecado.

Foi, na verdade, seu momento de maior triunfo.

Completada esta maior de todas as suas obras, Jesus pôde, então, tomar alento.

“Está consumado”, disse ele. Isto é, a obra da redenção estava completa. Ele podia sentir os últimos resíduos da miséria da humanidade fluírem dele para os cuidados do Pai. As últimas pontadas de mal, de hostilidade, de ira e de medo foram-lhe retiradas e ele pôde voltar-se de novo para a luz da presença de Deus. “Está consumado.” A tarefa está completa. Logo depois ele estava livre para render o espírito ao Pai.

*"Para vergonha de nossos pecados ele ruborizou-se;  
Fechou os olhos para mostrar-nos Deus;  
Que todo o mundo se prostre e saiba  
Que ninguém, senão Deus, pode mostrar tal amor."  
- Bernardo de Clairvaux*

Este processo redentor é um grande mistério oculto no coração de Deus. Mas sei que é verdadeiro. Sei disto não só porque a Bíblia diz que é verdadeiro, mas porque tenho visto seus efeitos na vida de muitos, inclusive na minha. É a base pela qual podemos saber que a confissão e o perdão são realidades que nos transformam. Sem a cruz a Disciplina da confissão seria apenas psicologicamente terapêutica. Porém ela é muito mais. Realiza uma mudança objetiva em nosso relacionamento com Deus e uma mudança subjetiva em nós. É um meio de curar e transformar a disposição interior.

“Mas eu pensava que Cristo na Cruz e a obra redentora tinham algo que ver com a salvação”, pode você dizer. E têm. Mas a salvação, de acordo com a Bíblia, refere-se a muito mais do que a questão de quem vai para o céu ou quem se tornará cristão. Aos convertidos, Paulo disse: “Desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor” (Filipenses 2:12). Num sermão intitulado “O Arrependimento dos Crentes”, João Wesley falou da necessidade de os cristãos receberem como herança mais da graça perdoadora de Deus. A Disciplina da confissão pode ajudar o crente a crescer “à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo” (Efésios 4:13).

“Mas não é a confissão uma graça em vez de uma Disciplina?” Ela é ambas. A menos que Deus conceda a graça, não há confissão autêntica. Mas é também uma Disciplina, porque há coisas que devemos fazer. É um curso de ação conscientemente escolhido que nos conduz à sombra do Todo-poderoso.

“Como é que a confissão está incluída nas Disciplinas Associadas? Eu pensava que fosse um assunto privado entre o indivíduo e Deus.” Aqui também a resposta não é “ou/ou”, mas “e/também”. Somos gratos pelo ensino da Reforma, de que há “um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem” (1 Timóteo 2:5).

Também somos gratos pelo ensino bíblico, cujo apreço se renova em nossos dias, de “confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros, e orai uns pelos outros...” (Tiago 5:16). Ambos se encontram na Bíblia, e um não exclui o outro.

Achamos a confissão uma Disciplina tão difícil em parte porque vivemos a comunidade dos crentes com uma comunhão de santos antes de vê-la como uma comunhão de pecadores. Chegamos a sentir que todos os outros progrediram tanto em santidade que nos encontramos isolados e sozinhos em nosso pecado. Não suportaríamos revelar nossas falhas e deficiências aos outros. Imaginamos que somos os únicos que não puseram os pés na estrada do céu. Portanto, escondemo-nos uns dos outros e vivemos em mentiras veladas e em hipocrisia.

Se, porém, sabemos que o povo de Deus é, antes de tudo, uma comunhão de pecadores, estamos livres para ouvir o incondicional chamado de amor de Deus e confessar nossa necessidade abertamente diante dos irmãos e irmãs. Sabemos que não estamos sozinhos em nosso pecado. O medo e o orgulho que se apegam a nós como cracas, apegam-se aos outros também. Somos pecadores juntos. Em atos de confissão mútua, liberamos o poder que cura. Nossa condição humana já não é negada mas transformada.

## **Poder de Perdoar**

Os seguidores de Jesus Cristo receberam o poder de em seu nome perdoar o pecado. “Se de alguns perdoardes os pecados, são-lhes perdoados; se lhos retiverdes, são retidos” (João 20:23). Que privilégio maravilhoso! Por que afastar-nos de um ministério tão vivificante? Se nós, não por mérito, mas por pura graça, recebemos o poder de libertar os outros, como ousamos reter este grande dom?

Tal poder não ameaça, de forma alguma, o valor ou a eficácia da confissão privada. É uma verdade maravilhosa que o indivíduo pode entrar em uma nova vida na cruz sem levar o auxílio de nenhum mediador humano. Essa realidade dominou como um sopro de ar fresco nos tempos da Reforma. Foi como um toque de clarim de livramento da escravidão e manipulação que se haviam infiltrado no sistema confessional eclesiástico. Precisamos lembrarnos, também, que o próprio Lutero acreditava na confissão mútua, fraternal. No Catecismo Maior ele escreveu:

“Portanto, quando te admoesto à confissão, admoesto-te a que sejas cristão.”

O indivíduo que conheceu, mediante a confissão privada, o perdão e o livramento de persistentes hábitos importunadores, deveria regozijar-se grandemente nesta prova da misericórdia divina. Há, porém, outros para os quais isso não aconteceu. Permita-me descrever o processo. Temos orado, implorado mesmo, por perdão, e embora esperando ter sido perdoados, não temos sentimento nenhum de livramento. Temos duvidado de nosso perdão e perdido a esperança em nossa confissão. Receamos que, talvez, tenhamos feito confissão somente a nós mesmos e não a Deus. As tristezas e mágoas do passado, que nos perseguem, não foram curadas. Temos tentado convencer-nos a nós mesmos de que Deus só perdoadora o pecado, mas ele não apaga a memória. Em nosso íntimo, porém, sabemos que deve haver algo mais. Alguns disseram que aceitássemos o perdão pela fé e não chamássemos a Deus de mentiroso. Não desejando chamar a Deus de mentiroso, fazemos o melhor que podemos para aceitar o perdão pela fé. Porém a miséria e a amargura permanecem em nossa vida e novamente nos desesperamos. Por fim, começamos a crer que o perdão é apenas uma passagem para o céu, que não tem o propósito de afetar nossa vida no presente, ou que não somos dignos da graça perdoadora de Deus.

A Bíblia ensina que todos os crentes são sacerdotes diante de Deus. “Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real” (1 Pedro 2:9). No tempo da Reforma este era chamado “sacerdócio universal dos crentes”. Uma das funções do sacerdote do Antigo Testamento era trazer o perdão de pecados mediante o sacrifício santo. O livro de Hebreus, naturalmente, deixa claro que Jesus é o sacrifício final e suficiente. Mas ele deu-nos seu sacerdócio, o ministério de efetuar aquele sacrifício real nos corações e nas vidas de outros seres humanos. É pela voz de nossos irmãos e irmãs que a palavra de perdão é ouvida e cria raiz dentro de nós.

## **Diário de uma Confissão**

Muito embora eu tivesse lido na Bíblia acerca do ministério da confissão na irmandade cristã, jamais eu o havia experimentado senão quando pastoreava minha primeira igreja.

Não dei o difícil passo de desnudar minha vida interior a outrem porque sentisse algum peso de consciência ou senso de pecado. Não sentia que houvesse nada de errado - exceto uma coisa. Eu ansiava por mais poder para realizar a obra de Deus. Sentia-me insuficiente para muitas das desesperadas necessidades com as quais me defrontava. Devia haver mais recursos espirituais do que eu experimentava (e eu tinha recebido todas as experiências do Espírito Santo que supomos ter - cite-as, eu as tivera!) “Senhor, há alguma coisa mais que desejas trazer à minha vida?” orava eu. “Desejo ser conquistado e governado por ti. Se houver em minha vida algum bloqueio ao fluxo de teu poder, revela-mo.” Ele revelou. Não por uma voz audível ou mesmo por meio de qualquer voz humana, mas simplesmente por uma impressão cada vez maior de que talvez algo em meu passado impedisse o fluxo de sua vida. Assim, arquitetei um plano. Dividi minha vida em três períodos: infância, adolescência, vida adulta. No primeiro dia compareci diante de Deus em oração e meditação, munido de lápis e papel. Convidando-o a revelar-me qualquer coisa que, durante minha infância, necessitasse de perdão ou de cura, ou de ambos. Aguardei em absoluto silêncio por dez minutos. Anotei alguma coisa sobre minha infância que me aflorou à mente consciente. Não fiz tentativa alguma de analisar os itens ou de atribuir-lhes algum valor. Minha certeza era de que Deus revelaria a coisa que necessitasse de seu toque sanador. Terminada essa parte, guardei o papel correspondente ao dia. No dia seguinte repeti o mesmo exercício com relação aos anos de minha adolescência, e no terceiro dia, com relação aos anos de minha vida adulta.

Papel em mãos, dirigi-me, pois, a um querido irmão em Cristo. Eu o havia informado, com uma semana de antecedência, da finalidade de nosso encontro. Lentamente, às vezes dolorosamente, li minha folha de papel, acrescentando apenas o necessário para tornar claro o pecado. Terminada a confissão, eu ia guardando a folha de papel em minha pasta. Com sabedoria, meu amigo conselheiro deteve minha mão e pegou a folha de papel. Sem dizer uma palavra, e, diante de meus olhos, ele rasgou o papel em centenas de pedacinhos e atirou-os numa cesta de lixo. Meus pecados, eu sabia, estavam tão distantes de mim quanto dista o Oriente do Ocidente.

A seguir, meu amigo, com a imposição de mãos, fez uma oração de cura por todas as tristezas e mágoas do passado. O poder dessa oração vive comigo até hoje.

Não posso dizer que experimentei quaisquer sentimentos dramáticos. Não experimentei. Com efeito, a experiência toda foi um ato de obediência sem o mínimo de sentimentos coativos. Mas estou convencido de que isso me libertou por meios que antes eu não conhecera. Parecia que eu estava livre para explorar o que para mim eram regiões novas e não mapeadas do Espírito. Após esse acontecimento, comecei a mover-me em diversas das Disciplinas descritas neste livro, que nunca havia experimentado antes. Havia uma conexão casual? Não sei, e francamente não me importa saber. É suficiente ter obedecido ao impulso interior vindo de cima.

Houve uma interessante luz lateral. A exposição de minha condição humana evidentemente funcionou como centelha de liberdade em meu amigo conselheiro, porque imediatamente após sua oração a meu favor ele pôde expressar um pecado profundo e perturbador que fora incapaz de confessar até então. Liberdade gera liberdade.

## **Conselho ao Ouvir uma Confissão**

Não só é verdadeiro que “Nós amamos porque ele nos amou primeiro” mas estamos capacitados a fazer confissão só e especialmente porque ele nos amou primeiro (1 João 4:19). A evidência de misericórdia e graça cria um coração contrito e permite o fluxo da confissão. Somos atraídos a ele, como nos diz Oséias, “com cordas humanas, com laços de amor” (Oséias 11:4). Chegamos com corações esperançosos, pois Aquele a quem vamos aguardar-nos como o pai do pródigo que, vendo o filho quando ainda estava longe, compadecido, correu, abraçou-o e recebeu-o de volta (Lucas 15:20). Seu maior deleite é perdoar. Ele chama suas criaturas celestes, cheias de luz, para a celebração sempre que uma pessoa faz confissão.

Que fazemos nós?

Necessitamos de “um exame de consciência”. Esta é a hora, disse Douglas Steere, “em que a alma se coloca sob a contemplação de Deus e quando, em sua silente e amorável Presença, esta alma é penetrada até ao âmago e se torna consciente das coisas que devem ser perdoadas e endireitadas antes que ela possa continuar a amar Aquele cujo cuidado tem sido tão constante”.

Nesta experiência de abrir-nos para a “contemplação de Deus”, devemos estar preparados para lidar com pecados definidos. Uma confissão generalizada pode livrar-nos de humilhação e vergonha, mas não produzirá cura interior. As pessoas que foram a Jesus, foram com pecados óbvios, específicos, e cada uma delas foi perdoada. É muitíssimo fácil evitar nossa verdadeira culpa numa confissão geral. Em nossa confissão trazemos pecados concretos. Todavia, ao chamá-los de concretos, não me refiro somente aos pecados do coração: orgulho, avareza, ira, medo, bem como pecados da carne: preguiça, glotonaria, concupiscência, crime. Podemos usar o método descrito anteriormente. Talvez sejamos atraídos para o método que Lutero usava, no qual ele procurava examinar-se a si mesmo à luz dos Dez Mandamentos. Podemos ser levados a outro método muito diferente.

Não devemos, porém, em nosso desejo de ser específicos, correr para o perigo contrário de preocupar-nos indevidamente em esmiuçar cada detalhe de nossa vida.

“A tristeza” é necessária a uma boa confissão. A tristeza, no que se relaciona com confissão, não é antes de tudo uma emoção, embora esta possa estar presente. É uma repugnância por haver ofendido o coração do Pai. A tristeza é expressão da vontade antes de ser expressão das emoções. Em verdade, o estar emocionalmente triste sem uma tristeza piedosa e da vontade destrói a confissão.

Tristeza é um modo de levar a confissão a sério. Ela é o contrário do sacerdote, e sem dúvida do penitente, que Chaucer ridiculariza em *The Canterbury Tales* (Contos de Cantuária):

*“Cheio de doçura ouvia ele a confissão,  
E agradável era sua absolvição.”*

“Determinação de evitar o pecado” é o terceiro elemento de uma boa confissão.

Na Disciplina da confissão pedimos a Deus que nos dê um ardente desejo de viver santamente, e um ódio pela vida ímpia. João Wesley disse certa vez: “Dai-me cem pregadores que nada temem senão o pecado e nada desejam senão Deus... e com apenas esses abalarei as portas do inferno e estabelecerei o reino do céu na terra.” Buscamos de Deus a vontade de ser libertos do pecado quando nos preparamos para fazer confissão. Devemos

desejar ser conquistados e governados por Deus, ou, se não o desejamos, desejar desejá-lo. Tal desejo é um dom gracioso de Deus. A busca deste dom é uma das condições prévias para se confessar a um irmão ou irmã.

Tudo isto parece complicado? Você teme que pudesse falhar em um dos pontos e assim tornar tudo sem efeito? Geralmente é mais complicado na análise do que na experiência. Lembre-se do coração do Pai; ele é como um pastor que arriscará tudo para encontrar a ovelha extraviada. Não temos de fazer Deus disposto a perdoar. Em realidade, Deus é quem está trabalhando para fazer-nos dispostos a buscar seu perdão.

Uma observação mais sobre o preparo para a confissão. Deve haver um ponto terminal definido no processo de auto-exame. A não ser assim, podemos cair facilmente num hábito permanente de autocondenação. A confissão começa em tristeza mas termina em alegria. Há celebração do perdão de pecados porque ele resulta numa vida autenticamente transformada.

Vem, a seguir, a questão prática de quem devemos confessar. Teologicamente, é de todo correto dizer que todo cristão crente pode receber a confissão de outrem. Mas nem todo crente terá empatia e compreensão. Infelizmente, contamos com alguns indivíduos que parecem incapazes de guardar uma confidência. Outros seriam desqualificados porque ficariam horrorizados em face da revelação de certos pecados. Outros, ainda, não entendendo a natureza e o valor da confissão, tentariam dar de ombros, dizendo: “A coisa não é tão má quanto parece.” Felizmente, muitos entendem, e se alegrariam em prestar ajuda.

### **Conselho na Ajuda ao Penitente**

Como em qualquer ministério espiritual, há uma preparação necessária para se poder ouvir corretamente a confissão de um irmão ou irmã.

Começamos aprendendo a viver sob a cruz. Bonhoeffer disse: “Quem quer que viva sob a Cruz e tenha discernido na Cruz de Cristo a suprema fraqueza de todos os homens e de seu próprio coração, verificará que não existe pecado que lhe seja estranho. Quem quer que outrora se tenha sentido horrorizado pela hediondez de seu próprio pecado que cravou a Cristo na Cruz, já não ficará horrorizado nem mesmo pelos mais grosseiros pecados de um irmão.” Este é um fato que nos livrará de jamais nos escandalizarmos com a confissão de outrem. Ele nos livra, para sempre, de manter qualquer atitude de superioridade. Sabemos quão enganoso é o coração humano e conhecemos a graça e a misericórdia da aceitação de Deus.

Uma vez que vemos a hediondez do pecado, sabemos que, a despeito do que os outros fizeram, nós somos os principais pecadores.

Portanto, nada há que alguém possa dizer que nos perturbe. Nada. Vivendo sob a cruz podemos ouvir as piores coisas, proferidas pelos melhores indivíduos, sem mais que um piscar de olhos. Se vivemos nessa realidade, comunicamos esse espírito a outros. Eles sabem que é seguro vir a nós. Sabem que podemos receber qualquer revelação da parte deles. Sabem que nunca condescenderíamos com eles, mas os entenderíamos.

Vivendo neste espírito, não precisamos dizer aos outros que mantemos em segredo informação secreta. Eles sabem que nunca revelaríamos uma confidência. Não temos que prometer-lhes. Nem jamais seríamos tentados a revelá-la, porque conhecemos a tristeza piedosa que os impulsionou a este passo difícil.

Vivendo sob a cruz estamos livres do perigo da dominação espiritual. Já estivemos onde nosso irmão agora está, de modo que se foi o desejo de usar sua confissão contra ele. Nem sentimos necessidade alguma de controlá-lo ou de endireitá-lo. Tudo o que sentimos é aceitação e compreensão.

Ao preparar-nos para este sagrado ministério convém que regularmente oremos por que aumente em nós a luz de Cristo, de sorte que, estando com os outros, irradiemos sua vida e sua luz para eles. Desejamos aprender a viver de tal maneira que nossa presença fale do amor e da graça perdoadora de Deus.

Deveríamos orar, também, por um aumento do dom de discernimento. Isso é especialmente importante quando após a confissão oramos por eles. É preciso que se note a verdadeira cura necessária na profundidade do espírito interior.

É importante que, quando os outros nos revelam suas angústias, aprendamos a estar quietos. Seremos severamente tentados a aliviar a tensão da situação fazendo algum comentário de improviso. Isto distrai e até mesmo destrói a sacralidade do momento. Nem deveríamos tentar arrancar mais detalhes do que os necessários. Se percebemos que, por constrangimento ou temor, eles retêm algo, o melhor método é esperar em silêncio e em oração.

Certa ocasião uma pessoa confessava seus pesares a mim e ao Senhor. Quando ela terminou, senti-me compelido a esperar em silêncio. Então ela começou a falar de um pecado íntimo que nunca pudera contar a ninguém. Mais tarde ela me disse que enquanto eu aguardava, ela olhou pra mim e “viu”

sobrepostos em meus olhos os olhos de Outrem que lhe comunicaram amor e aceitação que a liberaram para descarregar o coração. Eu não havia sentido nada, nem tinha “visto” nada, mas não duvido de sua experiência, pois esta resultou numa maravilhosa cura interior.

Essa história mostra outro importante fator no recebimento de uma confissão.

Muitas vezes é útil colocar a cruz entre você e o penitente. Isto se faz em oração através da imaginação. Esta atitude protege a pessoa de receber de você emoção meramente humana e protege você de receber dela quaisquer influências perniciosas. Tudo é filtrado pela luz da cruz. Sua compaixão é enaltecida e animada por amor divino. Você ora pelo penitente mediante o poder da cruz.

É desnecessário dizer que enquanto a pessoa fala você está orando por ela.

Interiormente e de modo imperceptível (seria descortês demonstrar que você está orando) você irradia para ela orações de amor e perdão. Você ora, também, para que ela dê a “chave” que revelaria qualquer área que necessita do toque curador de Cristo.

Finalmente, é de extrema importância que você ore pela pessoa e não apenas lhe dê conselhos. Antes da oração, ou durante ela, deveríamos anunciar à pessoa que o perdão em Jesus Cristo é agora real e eficaz para ela. Podemos dizê-lo em palavras e tons de autêntica autoridade, pois temos todo o céu em apoio de absolvição (João 20:22, 23).

A oração visa à cura das feridas internas causadas pelo pecado. O melhor é acompanhar a oração com a “imposição de mãos”, que é um ensino elementar da Bíblia e constitui um meio pelo qual Deus comunica seu poder vivificador (Hebreus 6:2). Peça a Deus que flua para a mente interior profunda e cure as mágoas passadas. Imagine a cura. Dê graças a Deus por ela. Agnes Sanford escreve acerca deste ministério:

Estabelece-se um relacionamento muito íntimo neste tipo de oração. Aquele que ora percebe os sentimentos da pessoa pela qual ora; tanto que, freqüentemente, as lágrimas brotam de algum profundo centro de compaixão dentro da alma. Não obstante, se alguém chora, não é por tristeza mas por alegria, sabendo que essas lágrimas não são suas; são lágrimas do coração compassivo de Cristo pairando sobre este perdido, e a alegria de Cristo porque, enfim, lhe foi dado um canal por via do qual ele pode alcançar esta

pessoa a quem ele ama.

A Disciplina da confissão põe termo ao fingimento. Deus está chamando à existência uma igreja que possa confessar abertamente sua frágil condição humana; uma igreja que conhece não só a graça perdoadora de Cristo mas também a graça de Cristo que lhe dá autoridade. A honestidade conduz à confissão, e a confissão conduz à mudança. Possa Deus conceder à igreja, mais uma vez, a graça de recobrar a Disciplina da confissão.

## 11. A DISCIPLINA DA ADORAÇÃO

*"Adorar é avivar a consciência pela santidade de Deus, alimentar a mente com a verdade de Deus, purgar a imaginação pela beleza de Deus, abrir o coração ao amor de Deus, consagrar a vontade ao propósito de Deus." - William Temple*

Adorar é experimentar a realidade, tocar a vida. É conhecer, sentir, experimentar o Cristo ressurreto no meio da comunidade reunida. É irromper na Shekinah de Deus, que é sua glória ou a radiância habitando no meio de seu povo, denotando a Presença imediata de Deus em oposição a um Deus abstrato ou distante, ou, melhor ainda, ser invadido por ela.

Deus está ativamente buscando adoradores. Jesus declarou: “Os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores” (João 4:23). É Deus quem busca, atrai, persuade.

A adoração é a resposta humana à iniciativa divina. No Gênesis Deus andava no jardim à procura de Adão e Eva. Na crucificação Jesus atraiu homens e mulheres para si mesmo (João 12:32). A Escritura está repleta de exemplos dos esforços de Deus para iniciar, restaurar e manter comunhão com seus filhos. Deus é como o pai do príncipe que, vendo o filho ainda distante, correu para recebê-lo em casa.

Adoração é nossa resposta às aberturas de amor do coração do pai. Sua realidade central encontra-se “um espírito e em verdade”. Ela acende-se dentro de nós somente quando o Espírito de Deus toca nosso espírito humano. Fórmulas e rituais não produzem adoração, nem o faz o seu desuso formal. Podemos usar todas as técnicas e métodos certos, podemos ter a melhor liturgia possível, mas não temos adorado o Senhor até que o Espírito toque o espírito. As palavras do hino “Liberta minha alma para que eu possa

adorar-te” revelam a base da adoração. Enquanto Deus não tocar e libertar nosso espírito, não podemos entrar neste domínio. Cantar, orar, louvar, tudo isso pode conduzir à adoração, mas adoração é mais do que qualquer desses atos. É preciso que nosso espírito seja inflamado pelo fogo divino.

Como resultado, podemos ser indiferentes à questão de uma fórmula correta para a adoração. O problema de alta liturgia ou baixa liturgia, esta fórmula ou aquela, é periférico e não central. Sentimo-nos estimulados em nossa indiferença quando observamos que em parte alguma o Novo Testamento prescreve uma determinada forma de adoração. Em realidade, o que encontramos é uma liberdade inacreditável para pessoas com raízes tão profundas no sistema litúrgico da sinagoga. Elas tinham a realidade. Quando o Espírito tocava o espírito, as fórmulas se tornavam inaplicáveis.

## **O Objeto de Nossa Adoração**

Jesus respondeu para sempre a questão de a quem devemos adorar. “Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele darás culto” (Mateus 4:10). O único Deus verdadeiro é o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó; o Deus que Jesus Cristo revelou. Deus deixou claro sua repulsa à idolatria colocando um mandamento incisivo no começo do Decálogo. “Não terás outros deuses diante de mim” (Êxodo 20:3). A idolatria não consiste apenas em curvar-se perante objetos visíveis de adoração. A. W. Tozer diz: “A essência da idolatria é dar acolhida a pensamentos indignos acerca de Deus.” Pensar retamente acerca de Deus é, num importante sentido, ter tudo certo. Pensar erradamente acerca de Deus é, num importante sentido, ter tudo errado.

Necessitamos desesperadamente de ver quem é Deus: ler a respeito de sua auto-revelação ao seu antigo povo Israel, meditar nos seus atributos, fixar-se na revelação de sua natureza em Jesus Cristo. Quando vemos o Senhor dos exércitos “alto e sublime”; quando ponderamos sobre sua infinita sabedoria e conhecimento; quando nos maravilhamos diante de sua insondável misericórdia e amor, não podemos deixar de irromper em doxologia.

*"Alegre, teus atributos confesso,  
Gloriosos todos e inumeráveis."*

Ver que é o Senhor conduz-nos à confissão. Quando Isaías captou a visão da glória de Deus, clamou: “Ai de mim! Estou perdido! Porque sou

homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos!” (Isaías 6:5). A pecaminosidade penetrante dos seres humanos evidencia-se quando contrastada com a radiante santidade de Deus.

Nossa volubilidade torna-se extrema uma vez que vemos a fidelidade de Deus.

Entender sua graça é entender nossa culpa.

Adoramos o Senhor não só por ser ele quem é mas também pelo que ele tem feito.

Acima de tudo, o Deus da Bíblia é o Deus que age. Sua bondade, fidelidade, justiça, misericórdia pode ser vistas em seus tratos com seu povo. Suas ações graciosas estão não apenas impressas na história antiga, mas estão gravadas em nossas histórias pessoais. Conforme disse o apóstolo Paulo, a única resposta racional é a adoração (Romanos 12:1). Louvamos a Deus por quem ele é, damos-lhe graças pelo que ele tem feito.

## **A Prioridade da Adoração**

Se o Senhor há de ser Senhor, a adoração deve ter prioridade em nossa vida. O primeiro mandamento de Jesus é: “Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força” (Marcos 12:30). A prioridade divina é, em primeiro lugar, adoração; em segundo lugar, serviço. Nossa vida deve ser pontilhada de louvor, ações de graça e adoração. O serviço flui da adoração. O serviço como substituto da adoração é idolatria. A atividade pode tornar-se a inimiga da adoração.

Deus declarou que a função primeira dos sacerdotes levíticos era chegarem-se a ele, para o servirem (Ezequiel 44:15). Para o sacerdócio do Antigo Testamento, servir a Deus devia preceder a qualquer outro trabalho. E isso não é menos verdadeiro quando se trata do sacerdócio universal do Novo Testamento. Uma grave tentação que todos enfrentam é procurar responder a chamados de serviço sem servir ao próprio Senhor.

## **Preparo para a Adoração**

Um aspecto surpreendente da adoração, na Bíblia, é que as pessoas se reuniam naquilo que só poderíamos chamar de “santa expectativa”. Elas acreditavam que realmente ouviriam a Kol Yahweh, a voz de Deus. Quando

Moisés entrava no Tabernáculo, sabia que estava entrando na Presença de Deus. A mesma coisa era verdadeira em relação à igreja primitiva. Não lhes causava surpresa que o edifício em que se reuniam tremesse com o poder de Deus. Já havia acontecido antes (Atos 2:2; 4:31). Quando alguns caíam mortos e outros eram ressuscitados dentre os mortos pela palavra do Senhor, as pessoas sabiam que Deus estava no meio delas (Atos 5:1-11; 9:36-43; 20:7-10). Quando os crentes primitivos se reuniam, estavam perfeitamente côncios de que o véu se rasgara ao meio e, como Moisés e Arão, estavam entrando no Santo dos Santos. Não havia necessidade de intermediários. Eles estavam entrando na tremenda, gloriosa, graciosa Presença do Deus vivo. Reuniam-se com antegoço, sabendo que Cristo estava presente entre eles e os ensinaria e os tocava com seu poder vivo.

Como cultivamos esta santa expectativa? Ela começa em nós quando entramos na Shekinah do coração. Embora vivendo as exigências de nosso tempo, estamos cheios de adoração interior. Trabalhamos, brincamos, comemos e dormimos, mas estamos ouvindo, ouvindo sempre o nosso Mestre. Os escritos de Frank Laubach estão impregnados deste senso de viver à sombra do Todo-poderoso. “De todos os milagres de hoje, o maior é este; saber que melhor te encontro quando trabalho ouvindo... Graças te dou, também porque o hábito de conversação constante fica mais fácil a cada dia. Creio, realmente, que todos os pensamentos podem ser conversações contigo.”

O Irmão Lawrence conhecia a mesma realidade. Pelo fato de haver experimentado a presença de Deus na cozinha, ele sabia que encontraria Deus também na missa.

Eis o que ele escreveu: “Não consigo imaginar como pessoas religiosas podem viver satisfeitas sem a prática da Presença de Deus”.

Captando a visão do Irmão Lawrence e de Frank Laubach, recentemente dediquei um ano a aprender a viver com uma perpétua abertura para Jesus como meu Mestre presente. Decidi aprender seu vocabulário: está ele dirigindo-se a mim por meio de pássaros canoros ou de um rosto triste? Procurei deixar que ele se movesse através de cada ação: estes dedos enquanto escrevo, esta voz quando falo. Meu desejo era pontilhar cada minuto com sussurros interiores de adoração, louvor e ações de graça. Muitas vezes falhei durante horas, até mesmo por alguns dias.

Mas voltava sempre e tentava de novo. Esse ano proporcionou-me muitas coisas, mas a que mencionarei aqui é que ele elevou grandemente meu

senso de expectativa pública. Afinal de contas, ele me havia falado por dezenas de pequenas formas no decorrer da semana; certamente ele me falará aqui também. Além disso, achei cada vez mais fácil distinguir sua voz do frêmito e das circunstâncias da vida.

Quando duas ou mais pessoas vêm ao culto público com uma expectativa santa, essa atitude pode transformar a atmosfera do recinto. As pessoas que entram oprimidas e distraídas podem, de imediato, ser atraídas para um senso da Presença silente. Corações e mentes são elevados. O ambiente torna-se carregado de expectativa.

Eis uma forma prática de exercitar esta idéia. Viva durante a semana como herdeiro do reino, ouvindo a voz de Deus, obedecendo à sua palavra. Uma vez que você ouviu a voz de Deus no decorrer da semana, sabe que a ouvirá quando congregar-se para a adoração pública. Chegue para o culto dez minutos mais cedo. Erga o coração em adoração ao Rei da glória. Contemple sua majestade, glória e ternura conforme reveladas em Jesus Cristo. Retratar a maravilhosa visão que Isaías teve do Senhor “alto e sublime” ou a magnífica revelação que João teve de Cristo com olhos “como chama de fogo”, e voz “como voz de muitas águas” (Isaías 6; Apocalipse 1). Peça à Presença real que se manifeste. Que encha o recinto de Luz.

A seguir, eleve à Luz de Cristo o pastor ou as pessoas investidas de responsabilidades especiais. Imagine a radiância da Shekinah de Deus cercando essa pessoa. Interiormente, libere-as para falar a verdade com ousadia no poder do Senhor.

Agora as pessoas estão começando a entrar. Relance as vistas ao redor até que seus olhos vejam alguém que necessita de seu trabalho intercessor. Talvez os ombros dessas pessoas estejam caídos, ou elas pareçam um pouquinho tristes.

Eleve-as à gloriosa e refrescante Luz da Presença divina. Imagine a carga caindo de seus ombros como caiu o Peregrino, na alegoria de Bunyan. Mantenha-as como uma intenção especial durante o culto. Bastaria que uns poucos, em qualquer congregação, fizessem isto para aprofundar a experiência de adoração de todos.

Outro aspecto vital da comunidade eclesial primitiva era seu senso de estarem “reunidos” em adoração. Primeiro, eles se congregavam em um grupo e, segundo, quando se encontravam, estavam congregados numa unidade de espírito que transcendia seu próprio individualismo.

Em contraste com as religiões do Oriente, a fé cristã tem acentuado fortemente a adoração conjunta. Mesmo em circunstâncias altamente perigosas, a comunidade primitiva era estimulada a não deixar de congregar-se (Hebreus 10:25). As epístolas falam com frequência da comunidade crente com o “corpo de Cristo”.

Visto como não se pode imaginar a vida humana sem cabeça, braços e pernas, assim não podiam pensar aqueles cristãos em viver isoladamente uns dos outros.

Martinho Lutero dá testemunho do fato de que “em casa, em minha própria casa, não há calor ou vigor em mim; mas na igreja, quando a multidão se congrega, em meu coração acende um fogo que se espalha”.

Além disso, quando o povo de Deus se reúne, muitas vezes há um senso de estarem “reunidos” em uma só mente, estando de perfeito acordo (Filipenses 3:15).

Thomas Kelly disse: “Uma Presença vivificadora toma conta de nós, derrubando alguma parte da intimidade e isolamento especiais de nossas vidas individuais e fundindo nossos espíritos numa Vida e Poder superindividuais. Uma Presença objetiva, dinâmica envolve a todos nós, nutre nossas almas, traz-nos alegre e indizível conforto e ativa em nós capacidades que antes se achavam adormecidas.” Quando verdadeiramente nos congregamos em adoração, ocorrem fatos que nunca ocorreriam fora do grupo. Há a psicologia do grupo e não obstante é muito mais, é interpenetração divina. Há o que os escritores bíblicos chamaram koinonia, profunda comunhão interior no poder do Espírito.

Esta experiência transcende de muito o espírito de corpos. Ela não tem a mínima dependência de unidades homogêneas ou mesmo de conhecer informação da vida uns dos outros. Há uma fusão divina de nossa separação. No poder do Espírito somos “envolvidos num senso de unidade e de Presença tal que silencia todas as palavras e nos envolve numa calma indizível e entrelaçamento dentro de uma vida mais vasta”. Tal comunhão na adoração torna a adoração vicária, por via de intermediários, sem sabor e vazia.

## **O Dirigente da Adoração**

A adoração autêntica tem somente um dirigente, Jesus Cristo. Quando falo de Jesus como o Dirigente da adoração quero dizer, antes de tudo, que ele está vivo e presente entre seu povo. Sua voz pode ser ouvida em seus

corações e sua presença conhecida. Não somente lemos a respeito dele na Escritura; podemos conhecê-lo por meio de revelação. Ele deseja ensinar-nos, guiar-nos, repreender-nos, consolar-nos.

Em segundo lugar, Cristo está vivo e presente em todos os seus ofícios. Na adoração inclinamo-nos a considerar Cristo somente em seu ofício sacerdotal, como Salvador e Redentor. Mas ele está também entre nós como nosso Profeta.

Isto é, ele nos ensinará a respeito da justiça e nos dará poder para fazer o que é justo. George Fox disse: “Congregai-vos em Nome de Jesus... ele é vosso Profeta, vosso Pastor, vosso Bispo, vosso Sacerdote, no meio de vós, para abrir-vos, e santificar-vos, e alimentar-vos com Vida, e vivificar-vos com Vida.”

Em terceiro lugar, Cristo está vivo e presente em todo o seu poder. Ele nos salva não só das conseqüências do pecado, mas do domínio do pecado. Ele nos dará a força para obedecer a tudo o que nos ensinar. Se Jesus é nosso Dirigente, seria de esperar que ocorressem milagres na adoração. Curas, tanto interiores como exteriores, serão a regra e não a exceção. O livro de Atos será não apenas algo para leitura, mas parte de nossa experiência.

Em quarto lugar, Cristo é o Dirigente da adoração no sentido de que só ele decide que instrumentalidades humanas devem ser usadas, caso se use alguma. As pessoas pregam, ou profetizam, ou cantam, ou oram segundo sejam chamadas por seu Dirigente. Desta forma não há lugar para a exaltação pessoal ou para conceitos privados. Só Jesus é honrado. À medida que nosso Chefe vivo os evoca, qualquer um ou todos os dons do Espírito podem ser livremente exercidos e alegremente recebidos. Talvez seja dada uma palavra de conhecimento na qual é revelado o intento do coração e sabemos que o Rei Jesus está no comando. Talvez haja uma profecia ou uma exortação que nos coloque de sobreaviso porque sentimos que a Kol Yahweh foi proferida. A pregação ou ensino manifesto porque o Chefe vivo o evocou comunica vida à adoração. A pregação sem a unção divina cairá como água gelada sobre a adoração. A pregação que vem do coração inflama o espírito de adoração; a pregação que vem do intelecto apaga as brasas acesas.

Nada há mais vivificador do eu do que a pregação inspirada pelo Espírito; nada mais mortal do que a pregação vinda de inspiração humana.

## Avenidas da Adoração

Um motivo por que a adoração deve ser considerada como Disciplina Espiritual é que ela é um meio ordenado de agir e viver, que nos põe diante de Deus de modo que ele possa transformar-nos. Muito embora estejamos apenas respondendo ao toque libertador do Espírito Santo, há avenidas divinamente indicadas que levam a este domínio.

A primeira avenida que leva à adoração é calar toda atividade de iniciativa humana. O silêncio da “atividade de ordem humana”, como lhe chamavam os patriarcas da vida interior, não é algo que se limite aos cultos de adoração, mas ao estilo de vida. Devemos viver num perpétuo silêncio interior que ouve, de sorte que nossas palavras e ações tenham sua fonte em Deus. Se estamos acostumados a levar a cabo os negócios de nossa vida em força e sabedoria humanas, faremos a mesma coisa na adoração conjunta. Se, porém, temos cultivado o hábito de permitir que toda conversação, toda transação de negócios, sejam divinamente inspiradas, essa mesma sensibilidade fluirá para a adoração pública. François Fénelon disse: “Feliz a alma que por uma sincera renúncia de si mesma se mantém incessantemente nas mãos do Criador, pronta a fazer tudo o que ele quer; que nunca se detém dizendo para si mesma uma centena de vezes por dia: ‘Senhor, que queres que eu faça?’”

Parece impossível? O único motivo pelo qual cremos que isto está muito além de nosso alcance é que não entendemos a Jesus como nosso mestre presente. Depois de havermos estado sob sua tutela por algum tempo, vemos como é possível que todo movimento de nossa vida tenha sua raiz em Deus. Acordamos de manhã e ficamos na cama silenciosamente louvando e adorando a Senhor. Dizemos-lhe que desejamos viver sob sua liderança e governo. Dirigindo nosso carro para o trabalho, perguntamos a nosso Mestre: “Como vamos indo?” Imediatamente nosso Mentor relampeja diante de nossa mente a observação cáustica que fizemos ao nosso cônjuge à hora do café, a demonstração de desinteresse revelada a nossos filhos ao sairmos de casa. Reconhecemos que temos vivido na carne. Há confissão, restauração e uma nova humildade.

Paramos no posto de gasolina e sentimos um impulso divino de travar conhecimento com a pessoa que nos atende, de vê-la como um ser humano e não como um autômato. Continuamos dirigindo, regozijando-nos em nosso novo discernimento da atividade iniciada pelo Espírito. E assim prosseguimos durante o dia: um impulso aqui ou uma atração ali, às vezes correndo na

frente ou andando morosamente atrás de nosso Guia. Como a criança que dá os primeiros passos, estamos aprendendo mediante o êxito e o fracasso, confiantes em que temos um mestre presente que, por meio do Espírito Santo, nos guiará a toda verdade. Desse modo chegamos a compreender o que Paulo queria dizer quando nos instruiu a não andar “segundo a carne, mas segundo o Espírito” (Romanos 8:4).

Silenciar a atividade da carne de modo que a atividade do Espírito Santo domine nosso modo de viver modificará e melhorará a adoração pública. Às vezes ela tomará a forma de absoluto silêncio. Certamente que é mais apropriado aproximar-nos em reverente silêncio e temor diante do Santo da Eternidade, do que correr apressadamente à sua Presença com corações e mentes voltados para o lado errado e línguas loquazes. A admoestação bíblica é: “O Senhor, porém, está no seu santo templo; cale-se diante dele toda a terra” (Habacuque 2:20).

O louvor conduz-nos à adoração. Os salmos são a literatura de adoração e seu mais proeminente aspecto é o louvor. “Louvai ao Senhor” é o grito que repercute de um extremo ao outro do Saltério. Cantar, gritar, dançar, regozijar-se adorar - tudo isso é linguagem de louvor.

A Escritura insiste conosco a que “ofereçamos a Deus, sempre, sacrifício de louvor, que é o fruto de lábios que confessam o seu nome” (Hebreus 13:15). O Antigo Pacto exigia o sacrifício de touros e de bodes. O Novo Pacto requer o sacrifício de louvor. Pedro diz-nos que como novo sacerdócio real de Cristo devemos oferecer “sacrifícios espirituais”, o que significa “proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (1 Pedro 2:5, 9).

Pedro e João saíram do Sinédrio com as costas sangrando e com louvor nos lábios (Atos 5:41). Paulo e Silas encheram a cadeia filipense com seus hinos de louvor (Atos 16:25). Em cada caso estavam oferecendo o sacrifício de louvor.

O mais poderoso movimento de louvor do século vinte tem sido o movimento carismático. Por meio dele Deus tem soprado nova vida e vitalidade em milhões de vidas. Em nossa época a igreja de Jesus Cristo está adquirindo uma consciência mais ampla de quão central é o louvor em conduzir-nos à adoração.

No louvor vemos quão totalmente as emoções precisam ser levadas ao ato de adoração. Adoração exclusivamente intelectual é aberração. Os sentimentos são uma parte legítima da personalidade humana e deveriam ser

empregados na adoração. Fazer tal afirmativa não significa que a adoração deva violentar nossas faculdades racionais, mas significa que nossas faculdades racionais sozinhas são insuficientes. Conforme aconselhou Paulo, devemos orar com o espírito e orar com a mente, cantar com a mente (1 Coríntios 14:15). Esse é um motivo para o dom espiritual de línguas. Ajuda-nos a ir além da mera adoração racional para uma comunhão mais íntima com o Pai. A mente pode não saber o que está sendo dito, mas o espírito sabe. O Espírito de Deus entra em contato com o nosso espírito.

O cântico visa elevar-nos ao louvor. Ele proporciona um meio para a expressão da emoção. Através da música expressamos nossa alegria, nossas ações de graças.

Nada menos que quarenta e um salmos mandam-nos “cantar ao Senhor”. Se o cântico e o louvor podem ocorrer numa forma concentrada, isto serve para orientar-nos.

Concentramo-nos. Nossa mente e espírito fragmentados fluem para um todo unificado. Tornamo-nos equilibrados para com Deus.

Deus quer que todo o nosso ser participe da adoração. O corpo, a mente, o espírito e as emoções devem todos ser colocados no altar da adoração. Muitas vezes temo-nos esquecido de que a adoração deve incluir o corpo bem como a mente e o espírito.

A Bíblia descreve a adoração em termos físicos. O significado básico da palavra hebraica que traduzimos por adoração é “prostrar”. A palavra bênção literalmente significa “ajoelhar-se”. Ações de graça referem-se a “uma extensão da mão”. Por toda a Bíblia encontramos uma variedade de posturas físicas relacionadas com a adoração: jazer prostrado, em pé, ajoelhado, erguer as mãos, bater palmas, levantar a cabeça, curvar a cabeça, dançar e usar pano de saco e cinzas. O ponto em questão é que devemos oferecer a Deus nossos corpos bem como o restante de nosso ser. A adoração é apropriadamente física.

Devemos apresentar nossos corpos a Deus em adoração, numa postura consistente com o espírito interior de adoração. Ficar em pé, bater palmas, dançar, erguer as mãos, levantar a cabeça são posturas consistentes com o espírito de louvor.

Assentar-se quieto, ar severo é, evidentemente, inapropriado ao louvor.

Ajoelhar-se, curvar a cabeça, prostrar-se, são posturas consistentes com o espírito de humildade.

Somos rápidos para fazer objeções a esta linha de ensino. “As pessoas têm temperamentos diferentes”, alegamos. “Isso pode apelar para tipos emocionais, mas eu sou naturalmente calado e reservado. Não é esse o tipo de adoração que satisfaria a minha necessidade.” O que devemos ver é que a verdadeira pergunta na adoração não é: “Que é que satisfará a minha necessidade?” A verdadeira pergunta é: “Que tipo de adoração Deus requer?” É claro que Deus demanda adoração sincera. E é razoável esperar que a adoração sincera seja física bem como intelectual.

Muitas vezes nosso “temperamento reservado” é pouco mais do que receio do que os outros pensem de nós, ou talvez indisposição para humilhar-nos perante Deus e os outros. É claro que as pessoas têm temperamentos diferentes, mas isto nunca deve impedir-nos de adorar com todo o nosso ser.

Podemos, naturalmente, fazer tudo isso que acabamos de descrever e jamais entrar em adoração, mas esses fatores podem prover-nos vias através das quais somos colocados diante de Deus de modo que nosso espírito interior possa ser tocado e libertado.

## **Conseqüências da Adoração**

Se a adoração não nos transformar, ela não é adoração. Estar diante do Santo da eternidade é transformar-se. Os ressentimentos não podem ser guardados com a mesma tenacidade quando entramos na graciosa luz de Deus. Como disse Jesus, precisamos deixar nossa oferta perante o altar e ir reconciliar-nos com nosso irmão (Mateus 5:23, 24). Na adoração uma força maior abre caminho que vai dar no santuário do coração, cresce na alma uma compaixão maior. Adorar é transformar-se.

Se a adoração não nos impulsionar para maior obediência, ela não é adoração.

Assim como a adoração começa em santa expectativa, ela termina em santa obediência. A santa obediência evita que a adoração se torne um narcótico, uma fuga das necessidades prementes da vida moderna. A adoração habilita-nos a ouvir com clareza o chamado para o serviço de modo que respondemos: “Eis-me aqui, envia-me a mim” (Isaías 6:8). A adoração autêntica impelir-nos-á a unirmo-nos à guerra do Cordeiro contra os poderes demoníacos por toda parte, no nível pessoal, no nível social e no nível institucional. Jesus, o Cordeiro de Deus, é nosso comandante-chefe. Recebemos suas ordens para o serviço e vamos na poderosa força do Senhor:

*"... conquistando e para conquistar, não como o príncipe deste mundo com açoites e prisões, torturas e tormentos nos corpos das criaturas, para matar e destruir a vida dos homens... mas com a palavra da verdade... retribuindo o ódio com amor, lutando com Deus contra a inimizade, com orações e lágrimas noite e dia, com jejum, choro e lamentação, em paciência, em fidelidade, em verdade, em amor não fingido, em longanimidade, e em todos os frutos do espírito, de modo que, por todos os meios possamos vencer o mal com o bem..."*

Willard Sperry declarou: "A adoração é uma aventura deliberada e disciplinada na realidade. Não é para os tímidos e para os que se dão ao conforto. Ela exige que nos abramos a nós mesmos à perigosa vida do espírito. Ela torna impertinente toda a parafernália religiosa de templos e sacerdotes e ritos e cerimônias. Ela envolve uma disposição de deixar que 'Habite ricamente em vós a palavra de Cristo: instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus, com salmos hinos e cânticos espirituais, com gratidão, em vossos corações" (Colossenses 3:16).

## **12. A DISCIPLINA DA ORIENTAÇÃO**

*"Permanecei na vida, no amor, na força e na sabedoria de Deus, em unidade uns com os outros e com Deus; e a paz e a sabedoria de Deus encherão os vossos corações, para que nada domine em vós senão a vida que está no Senhor Deus." - George Fox*

Em nossa época o céu e a terra aguardam ansiosos o emergir de um povo guiado pelo Espírito, inebriado do Espírito e com autoridade concedida pelo Espírito. Toda a criação aguarda expectantemente o surgimento de um povo disciplinado, livremente congregado, mártir, que conheça nesta vida a vida e o poder do reino de Deus. Aconteceu antes. Pode acontecer de novo.

É possível encontrar aqui e acolá indivíduos cujos corações inflamem com o fogo divino. Mas eles são com tochas dispersas na noite. Por enquanto não houve reunião de um povo do Espírito.

Sim, tem-se ouvido o grito: "Ei-lo aqui, ei-lo ali!" conforme advertiu Jesus (Mateus 24:26). Mas esses gritos são apenas o espocar momentâneo dos

fogos de artifício humanos, não a explosão divina do fogo celestial. Nosso século ainda está para ver o nascimento da igreja apostólica do Espírito.

Tal povo não surgirá enquanto não houver entre nós uma experiência mais profunda, mais intensa de um Emanuel do Espírito - Deus conosco - um conhecimento de que no poder do Espírito Jesus veio para guiar pessoalmente o seu povo, uma experiência de que ele guia, tão definida e tão imediata como a nuvem de dia e fogo de noite.

Mas o conhecimento da direção direta, ativa, imediata do Espírito não será suficiente. É preciso que a orientação individual ceda lugar à direção corporativa. Deve manifestar-se também uma direção direta, ativa, imediata do Espírito junto. Não falo de “direção corporativa” num sentido organizacional, mas num sentido orgânico e funcional. Os concílios eclesiais e os decretos denominacionais simplesmente não são desta realidade.

Todo o ensino sobre a orientação divina, em nosso século, tem sido perceptivelmente deficiente quanto ao aspecto corporativo. Temos recebido excelente instrução sobre como Deus nos guia através da Escritura, e através das circunstâncias, e através das influências do Espírito sobre o coração do indivíduo. Mas pouco temos ouvido sobre como Deus guia por intermédio do seu povo, o corpo de Cristo. Sobre esse assunto o silêncio é profundo.

Por esse motivo resolvi colocar a orientação entre as Disciplinas Associadas e acentuar seu aspecto grupal. Deus guia, de fato, o indivíduo rica e profundamente, mas também ele guia grupos de pessoas e pode instruir o indivíduo mediante a experiência do grupo.

Talvez nossa preocupação com a orientação individual seja produto de nosso individualismo Ocidental. O povo de Deus nem sempre foi assim.

Deus conduziu os filhos de Israel tirando-os da escravidão como povo. Todos viram a nuvem e a coluna de fogo. Não eram uma reunião de indivíduos que por acaso iam na mesma direção; eram um povo sob o governo teocrático de Deus. Sua cuidadosa presença cobria-os com espantoso imediatismo. O povo, porém, logo achou a presença de Deus, sem mediação, terrível demais, gloriosa demais e implorou: “Não fale Deus conosco, para que não morramos” (Êxodo 20:19). Por isso Moisés tornou-se o mediador do povo. Dessa maneira começou o ministério dos profetas cuja função era ouvir a palavra de Deus e transmiti-la ao povo.

Era um desvio da direção corporativa do Espírito Santo, mas

permanecia um senso de ser um povo reunido sob o governo de Deus. Chegou o dia, porém, quando Israel rejeitou até mesmo o profeta, preferindo um rei. Desse ponto em diante, o profeta era um estranho. Ele era uma voz solitária clamando no deserto, às vezes obedecido, às vezes assassinado, mas sempre do lado de fora.

Pacientemente Deus preparou um povo e, na plenitude do tempo, nasceu Jesus. E com ele raiou um novo dia. Uma vez mais congregava-se o povo que viveria sob o imediato governo teocrático do Espírito.

*"Com tranqüila persistência Jesus mostrou-lhes o que significava viver em resposta à voz do Pai. Ensinou-lhes, também que poderiam ouvir a voz procedente do céu e, com máximo de clareza, quando estivessem juntos. "Se dois dentre vós, sobre a terra, concordarem a respeito de qualquer coisa que porventura pedirem, ser-lhes-á concedida por meu Pai que está nos céus. Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles" (Mateus 18:19, 20).*

Nessas palavras Jesus deu a seus discípulos tanto certeza como autoridade.

Havia a certeza de que quando um povo se reunisse verdadeiramente em seu nome, sua vontade poderia ser discernida. O Espírito superintendente utilizaria o controle mútuo dos diferentes crentes para assegurar que, quando seus corações estivessem em unidade, eles estariam em ritmo com as batidas do coração do Pai.

Assegurava que eles tinham ouvido a voz do verdadeiro Pastor, que podiam orar e atuar com autoridade. Sua vontade, mais a vontade deles, mais a unidade equivaleriam a autoridade.

Embora Jesus fosse um estranho para o seu próprio povo, sendo crucificado fora das portas da cidade, algumas pessoas aceitaram seu governo e se tornaram um povo congregado. "Da multidão dos que creram era um o coração e a alma. Ninguém considerava exclusivamente sua nem uma das coisas que possuía; tudo, porém, lhes era comum. Com grande poder os apóstolos davam o testemunho da ressurreição" (Atos 4:32,33). Tornaram-se um bando ardoroso de testemunhas a declarar por toda parte que a voz de Cristo poderia ser ouvida e sua vontade obedecida.

Talvez o aspecto mais espantoso dessa comunidade inflamada fosse seu senso de orientação corporativa. Isto foi belamente exemplificado no chamado de Paulo e Barnabé para percorrerem o império romano em toda a sua extensão, com as boas-novas do reino de Deus (Atos 13:1-3). O chamado deles veio quando algumas pessoas se haviam reunido durante um longo período de tempo. Incluía-se aqui o uso das Disciplinas da oração, do jejum e da adoração. Havendo-se tornado um povo preparado, eles receberam o chamado quando estavam reunidos: “Separai-me agora a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado” (Atos 13:2).

Com todos os nossos métodos modernos de recrutamento missionário poderíamos lucrar dispensando séria atenção ao exemplo da orientação corporativa. Fariamos bem em incentivar grupos de pessoas dispostas a jejuar, orar e adorar juntas até que tenham discernido a mente do Senhor e tenham ouvido seu chamado.

Sob a orientação corporativa, a igreja primitiva enfrentou e resolveu seu mais explosivo problema (Atos 15). Alguns cristãos, por iniciativa própria, haviam subido até Antioquia e começaram a pregar a necessidade da circuncisão para todos os cristãos. O problema estava longe de ser algo sem importância. Paulo viu, de imediato, que equivalia a escravizar a igreja à cultura judaica.

Presbíteros e apóstolos indicados reuniram-se no poder do Senhor, não para conquistar posição ou para jogar um lado contra o outro, mas para ouvir a mente do Espírito. A tarefa não era nada pequena. Houve intenso debate. Então, num belo exemplo de como a orientação individual se relaciona com a orientação associativa, Pedro contou sua experiência com o centurião romano Cornélio.

Enquanto ele falava, o Espírito de Deus, sempre atento, evidentemente fez um trabalho maravilhoso. Quando terminou, toda a assembléia caiu em silêncio (Atos 15:12). Finalmente, o grupo congregado lutou para chegar ao que se deve chamar de gloriosa unidade vinda do céu para rejeitar a religião cultural e sustentar o evangelho eterno de Jesus Cristo. Concluíram: “Pareceu bem ao Espírito e a nós...” (Atos 15:28). Eles haviam enfrentado o mais duro problema de seu tempo e discerniram a voz do alto. Está aí o ponto culminante do livro dos Atos.

Foi mais do que uma vitória sobre um problema; foi uma vitória do método para solucionar problemas. Como povo, eles haviam resolvido viver sob o governo direto do Espírito. Havia rejeitado até mesmo a democracia,

isto é, o governo da maioria. Ousaram viver na base do governo do Espírito; nada de 51% dos votos, nada de contemporização, mas unidade dirigida pelo Espírito. E funcionou.

Sem dúvida, essas experiências de discernir a vontade de Deus em comunidade contribuíram em grande parte para que Paulo visse a igreja como o corpo de Cristo. Ele percebeu que os dons do Espírito eram concedidos pelo Espírito ao corpo de tal forma que estava assegurada a unidade. Ninguém possuía coisa alguma. Mesmo os mais maduros necessitavam da ajuda dos outros. Os mais insignificantes tinham algo a contribuir. Ninguém podia ouvir todo o conselho de Deus em isolamento.

Com tristeza devemos notar que na época em que João recebeu sua grande visão apocalíptica, a comunidade de crentes estava começando a esfriar-se. Na época de Constantino a igreja já estava preparada para aceitar outro rei humano. A visão, porém, não morreu e tem havido grupos, através dos séculos, reunidos sob o governo do Espírito. Nosso século aguarda tal reunião.

## **Alguns Modelos**

O bando apostólico não foi do ponto zero às alturas vertiginosas do governo do Espírito em um único salto. Nem o faremos nós. Na maior parte, eles entraram nesse reino dando um passo por vez, às vezes adiantando-se um pouquinho mais, às vezes retrocedendo. Quando chegou o Pentecostes, eles eram um povo preparado.

Uma vez entendidas as implicações radicais de ser um povo sob a administração direta do Espírito Santo, uma das coisas mais destrutivas que podemos fazer é dizer: “Parece maravilhoso; a partir de amanhã viverei desse modo!” Tais zelotes só conseguiram tornar a vida miserável para si mesmos e para todos ao redor deles. Assim, em vez de sairmos impetuosamente a conquistar o mundo do Espírito, seria sábio de nossa parte contentar-nos com passos mais modestos no momento. Um dos melhores modos de aprender é seguir os modelos de pessoas que lutaram associadamente para ouvir a voz do alto.

Um dos mais excelentes exemplos vem do “pobrezinho de Assis”, S. Francisco. Ao que parece, Francisco estava “em grande agonia de dúvida” para saber se ele deveria dedicar-se somente à oração e meditação, o que era uma prática comum naqueles tempos, ou se deveria engajar-se em missões de pregação. Sabiamente Francisco buscou conselho. “Visto que a santa

humildade que havia nele não lhe permitia confiar em si mesmo ou em suas próprias orações, humildemente ele se voltou para outros a fim de conhecer a vontade de Deus nesta questão.”

Ele enviou mensagens a dois amigos nos quais ele mais confiava, a irmã Clara e o irmão Silvestre, pedindo-lhes que se reunissem com um de seus “companheiros mais puros e mais espirituais” e buscassem a vontade de Deus sobre a questão.

Imediatamente foram orar e tanto a irmã Clara como o irmão Silvestre voltaram com a mesma resposta.

Quando o mensageiro regressou, Francisco lavou-lhe os pés e preparou-lhe uma refeição. Então ajoelhando-se diante do mensageiro, perguntou-lhe: “Que é que meu Senhor Jesus Cristo me ordena fazer?” O mensageiro respondeu que Cristo havia revelado que “deseja que saias pelo mundo pregando, porque Deus não te chamou para ti mesmo somente, mas para a salvação de outros”. Recebida a mensagem como indiscutível palavra de Cristo, S. Francisco levantou-se de um salto, dizendo: “Sendo assim, vamos - em nome do Senhor.” Com base nisso ele imediatamente empreendeu uma missão de pregação. Essa orientação deu ao primitivo movimento franciscano uma combinação rara de contemplação mística e fervor evangelístico.

Nessa experiência Francisco fazia mais do que buscar o conselho de conselheiros sábios. Ele buscava um método que abriria as portas do céu para revelar a mente de Cristo, e ele tomou-a como tal - para o grande bem de todos a quantos ele serviu.

Outro modelo de orientação associada pode encontrar-se no que alguns têm chamado de “reuniões de esclarecimento”. Tais reuniões são convocadas especificamente para sondar a mente do Espírito quando a algum problema individual. Recentemente um jovem dotado pediu meu conselho acerca de seu futuro. Ele recebera seu diploma na faculdade e lutava por saber se deveria entrar ou não no ministério. Fizera todos os testes vocacionais e cursos de orientação oferecidos, e ainda estava indeciso. Honestamente, eu não sabia o que era melhor para ele, por isso lhe sugeri que convocasse uma reunião de esclarecimento. Então ele reuniu um grupo de pessoas que o conheciam bem, eram espiritualmente maduras e não tinham receito de ser honestas e francas com ele.

Não houve visões de abalar a terra para dar a meu amigo, mas nessa noite, enquanto adoravam e trocavam idéias, aquelas pessoas se tornaram uma

comunidade de apoio. Depois de algum tempo os dons e a vocação desse jovem foram confirmados e hoje ele está no ministério pastoral.

Um conceito estreitamente semelhante a este foi lançado pela Igreja do Salvador, em Washington, D. C. Quando um membro sente que Deus o levou a estabelecer determinado grupo de missão ou a aventurar-se em determinada área de serviço, eles “sondam o chamado”. Isto se faz ao término de um culto de adoração e o indivíduo fala da visão que sente. Depois disso, todos os que quiserem são bem-vindos à reunião com a pessoa para “examinar o chamado”.

Juntos eles investigam o caso, orando, fazendo perguntas, pesquisando. Às vezes há um senso de que a idéia foi produto de falso entusiasmo e é abandonada.

Doutras vezes, confirma-se a idéia pelas orações e pela interação do grupo.

Talvez outros na sala sejam atraídos para o chamado e se apropriam dele. Desse modo, forma-se uma “companhia dos comprometidos”.

Questões da mais alta importância pessoal podem ser trazidas à comunidade crente em busca de discernimento. Recentemente duas pessoas vieram perante nossa comunidade declarando que sentiam a orientação do Senhor para que se casassem, e desejavam a confirmação de um corpo dirigido pelo Espírito. Foi solicitado a diversas pessoas que conheciam o casal que se reunissem com eles.

Este é o relatório delas:

“A comissão especial nomeada para comunicar-se com Marcos e Beatriz, com relação aos seus planos de casamento, sente-se feliz em apresentar um relatório inteiramente positivo.

Reunimo-nos com Marcos e Beatriz e tivemos uma noite de comunhão e oração muitíssimo agradável. Falamos de nosso interesse pela santidade da família, que é o coração do plano de Deus para as relações humanas. Ficamos impressionados em ver como Marcos e Beatriz dependem da orientação de Deus; em notar sua previsão de problemas potenciais e seu maduro reconhecimento de que o casamento feliz depende da contínua entrega ao outro e ao Senhor.

Sentimo-nos felizes em recomendar os planos de Marcos e Beatriz à reunião de Newberg. Sentimos que seu lar refletirá a influência piedosa e

amorosa de seus lares da infância e da comunidade eclesial quando unirem seu amor nesse relacionamento ordenado por Deus.

A comissão sente um calor benéfico e especial por Marcos e Beatriz, que prevemos continuarão num relacionamento de pastoreio. Recomendamos este precedente a outros casais que estão pensando em casamento.”

Isto é mais que um mero procedimento de confirmação. Não faz muito tempo, duas pessoas dessa comunidade resolveram casar-se. Em particular, diversas pessoas aconselharam contra o passo a ser dado, embora eles parecessem decididos e houvessem passado os papéis de casamento. Finalmente, um casal em quem os dois confiavam e a quem respeitavam incentivou-os a apresentar o problema perante a igreja e solicitar um conselho de orientação de grupo. Fizeram isso na próxima reunião da igreja (não na reunião matinal de domingo).

Com ternura e seriedade o casal falou de seus motivos para o casamento. Uma atitude de adoração permeou o grupo à medida que as perguntas e as respostas se sucediam. Ao final do encontro os presbíteros e outras pessoas interessadas foram estimulados a reunir-se com o casal. A reunião foi dominada por um profundo senso de ternura e oração à medida que o grupo buscava ouvir a mente do Senhor no assunto. Após algum tempo, todo o grupo estava possuído de um senso de unidade, e com um incrível espírito de compaixão disseram ao casal que acreditavam ser uma imprudência o casamento naquela oportunidade.

Para nosso grupo esta foi uma nova experiência, e foi extremamente difícil aconselhá-los contra seus desejos. Não obstante, havíamos discernido com clareza a mente de Cristo. Muitos de nós aguardamos a reação deles com temor e tremor. As perguntas assomavam às nossas mentes: “Será que não agimos como autocratas e legisladores? Fomos suficientemente sensíveis aos seus sentimentos?”

Havendo recebido o discernimento do corpo eclesial, o casal decidiu, num autêntico ato de maturidade espiritual, adiar o casamento. Mais tarde resolveram não casar-se. O tempo demonstrou a sabedoria dessa decisão.

Essa história acentua a importância de tratar essas questões no contexto de uma comunidade amável. Sem um senso de apoio e atenção, tais matérias podem transformar-se em leis que matam a alma.

É possível que as decisões de negócios sejam tomadas sob um senso da

direção associada do Espírito Santo. Os quacres têm procedido assim durante anos e têm demonstrado a exequibilidade de tal método. As reuniões de negócio deveriam ser consideradas como culto de adoração. Os fatos podem ser apresentados e discutidos, todos visando a ouvir a voz de Cristo. Os fatos são apenas um aspecto do processo de tomar decisão e em si mesmos não são conclusivos. O Espírito pode conduzir em sentido contrário aos fatos disponíveis, ou de acordo com eles. Ele implantará um espírito de unidade quando escolhermos o caminho certo, e nos perturbará com desassossego quando não o ouvimos corretamente.

Unidade, e não a regra da maioria, é o princípio da orientação corporativa. A unidade concedida pelo Espírito ultrapassa o mero acordo. É a percepção de que ouvimos a Kol Yahweh, a voz de Deus.

Uma ilustração clássica e dramática ocorreu em 1758. John Woolman e outros haviam alfinetado a consciência da Sociedade de Amigos com sua participação no movimento para acabar com a instituição demoníaca da escravidão. Quando se efetuou a Reunião Anual de Filadélfia para decidir seus assuntos de negócios daquele ano, o problema da escravidão era um item principal da agenda. Muita coisa estava em jogo e o problema foi debatido acaloradamente. John Woolman permaneceu assentado em silêncio durante várias sessões, com a cabeça curvada e olhos lacrimejantes. Por fim, após horas de oração agonizante, ele levantou-se e falou.

*"Minha mente é levada a considerar a pureza do Ser Divino e a justiça de seu juízo, e nesse ponto minha alma está coberta de horror. ... Muitos escravos continente são oprimidos e seus clamores chegaram aos ouvidos do Altíssimo. ... Não é ocasião para delonga. Deveríamos nós agora ser sensíveis ao que ele requer de nós; mas pelo respeito aos interesses privados de algumas pessoas, ou por consideração a algumas amizades que não se firmam num alicerce imutável, negligenciamos cumprir nosso dever com firmeza e constância... Deus pode por meios terríveis em justiça responder-nos nessa questão."*

O Conselho Anual fundiu-se num espírito de unidade como resultado deste testemunho compassivo. Responderam como uma só voz para remover a escravidão de seu meio. John Greenleaf Whittier declarou que aquelas sessões "devem sempre ser consideradas como uma das mais importantes convocações religiosas na história da igreja cristã".

Essa decisão unida é particularmente impressionante quando

reconhecemos que os quacres foram a única organização que pediu aos senhores de escravos que reembolsassem seus escravos pelo tempo que estiveram em cativeiro. Também é surpreendente reconhecer que sob o impulso do Espírito Santo, os quacres haviam voluntariamente feito o que nenhum dos líderes revolucionários antiescravistas - George Washington, Thomas Jefferson, Patrick Henry - estava disposto a fazer.

Tão influente foi a decisão unida de 1758, que por ocasião da assinatura da Declaração de Independência os quacres se haviam livrado completamente da instituição da escravatura.

Muitas das comunidades cristãs que surgem ao redor do mundo têm descoberto a realidade e quão práticas são as decisões de negócios mediante o governo do Espírito. Os problemas são tratados com a certeza de que a mente do Espírito pode ser conhecida. Reúnem-se no nome de Cristo, crendo que sua vontade será corporificada em seu meio. Não buscam transigência, mas consenso divino.

Compareci, certa vez, a uma sessão de negócios, de cerca de duzentas pessoas, na qual foi debatido um problema que demandava muita seriedade. Embora houvesse uma nítida diferença de opiniões, cada um dos membros desejava sinceramente ouvir e obedecer à voz de Deus. Depois de um considerável período de tempo, começou a emergir no grupo um senso unido de direção. Poucas pessoas discordavam das decisões tomadas. Finalmente, uma destas levantou-se e disse:

“Não acho certo este curso de ação, mas espero que os restantes do grupo me amem o suficiente para trabalhar comigo até que eu tenha o mesmo senso de direção de Deus que vocês têm ou até que Deus nos abra outro caminho.”

Como observador, fui tocado pela maneira terna com que o grupo respondeu ao apelo. Por todo o auditório começaram a formar-se pequenos grupos para trocar idéias, ouvir, orar. No momento em que chegaram a uma decisão unida, tive grande apreço pela forma em que os cristãos devem “preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz” (Efésios 4:3). Expressões assim da função central da orientação associada estão entre os mais saudáveis sinais de vitalidade espiritual hoje.

## **O Diretor Espiritual**

Na Idade Média, nem mesmo os maiores santos tentaram as

profundezas da jornada interior sem a ajuda de um diretor espiritual. Hoje mal se entende o conceito, nem é praticado. Isto é uma tragédia, porque a idéia do diretor espiritual é altamente aplicável ao cenário contemporâneo. É uma bela expressão da orientação divina mediante a ajuda de nossos irmãos e irmãs.

A direção espiritual tem uma história exemplar. Muitos dos primeiros espirituais foram os Pais que viviam no deserto e eram tidos em alta consideração por sua capacidade de “discernir espíritos”. Muitas vezes as pessoas viajavam quilômetros e mais quilômetros no deserto apenas para ouvir uma breve palavra de conselho, uma “palavra de salvação”, que resumia a vontade e o juízo de Deus para a sua situação específica. Os Apophthegmata ou “Ditos dos Pais” são um eloqüente testemunho da simplicidade e profundeza desta orientação espiritual.

Qual é a finalidade de um diretor espiritual? Ele é um instrumento de Deus para abrir o caminho ao ensino interior do Espírito Santo.

Sua função é pura e simplesmente carismática. Ele guia somente pela força de sua própria santidade. Não se trata de um superior ou de alguma autoridade nomeada pela igreja. O relacionamento é o de um conselheiro com um amigo.

Embora o diretor tenha, obviamente, progredido mais nas profundezas interiores, os dois estão juntos, aprendendo e crescendo no reino do Espírito.

A direção espiritual nasceu pela primeira vez de relações humanas naturais, espontâneas. Um sistema hierárquico ou mesmo organizacional não é essencial à sua função e com freqüência a destrói. Os tipos comuns de cuidado e participação pertencentes à comunidade cristã são o ponto de partida para a direção espiritual. Deles fluirá a “autoridade do reino” através da subordinação e serviço mútuos.

Um diretor espiritual deve ser uma pessoa que tenha desenvolvido uma confortável aceitação de si mesmo. Isto é, uma autêntica maturidade deve permear a vida toda dessa pessoa. Tais pessoas não são levadas pelas flutuações dos tempos. Elas podem absorver o egoísmo, a mediocridade e a apatia que as cercam e transformar tudo. Não são julgadoras e são inabaláveis. Devem ter compaixão e dedicação. À semelhança de Paulo que pensava em Timóteo como seu “filho amado”, elas devem estar preparadas para assumir certas responsabilidades. O amor firme que elas demonstram deve ser um amor que se recusa aprovar qualquer capricho. Também elas devem ter conhecimento suficiente da psique humana para não reforçarem necessidades

inconscientes e infantis de autoritarismo.

Um diretor espiritual deve ter participação pessoal na viagem interior e estar disposto a falar de suas próprias lutas e dúvidas. É preciso reconhecer que juntos eles estão aprendendo de Jesus, se Mestre presente.

Como é que se estabelece tal relacionamento? Como todas as demais coisas no reino de Deus, ele é produzido pela oração. Trazendo nosso problema perante Deus e descansando-o nele, esperamos pacientemente que Deus manifeste sua vontade. Caso ele nos convide a falar com alguém ou a fazer determinados arranjos, obedecemos alegremente. Se tivermos a humildade de crer que podemos aprender de nossos irmãos e irmãs, e entendermos que alguns se aprofundaram mais no Centro divino do que outros, poderemos ver a necessidade da direção espiritual. Como disse Virgil Vogt, da Reba Place Fellowship: “Se você não pode ouvir a seu irmão, não pode ouvir ao Espírito Santo.”

Ao refletir sobre o valor deste ministério, Thomas Merton disse que o diretor espiritual tinha algo de “um pai espiritual que “gerou” a vida perfeita na alma de seu discípulo, antes de tudo mediante suas instruções, mas também por sua oração, sua santidade e seu exemplo”.

## **Limites da Orientação Corporativa**

Como todos sabemos, existem perigos na orientação corporativa assim como na orientação individual. Talvez o mais ameaçador perigo seja a manipulação e controle. Se a orientação associada não for tratada dentro do contexto maior de uma graça que a tudo envolve, ela degenera num meio eficaz de endireitar o comportamento desviado. Torna-se um tipo de fórmula quase-mágica através da qual o grupo pode impor sua vontade sobre o indivíduo, um “sistema papal” por meio do qual todas as opiniões divergentes podem ser postas em linha.

Essa perversão manipuladora resulta na supressão da nova vitalidade espiritual.

O profeta Isaías diz que o Messias “Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumeja” (Isaías 42:3; Mateus 12:20). Não é o método de Jesus esmagar o fraco nem apagar a menor esperança. As nossas deliberações devem refletir a ternura individual. Numa determinada ocasião George Fox estava debatendo com um tal de Nathaniel Stephens. Sua vitória era certa. Esmagado, Stephens declarou que “George Fox entrou na luz do

sol, e agora pensa em apagar minha luz estelar”. Fox escreveu: “Mas eu disse: - Nathaniel, dá-me tua mão; depois eu lhe disse que não extinguiria a mínima medida de Deus em ninguém, muito menos apagaria sua luz estelar”.

Outro perigo está em que a orientação associada venha a apartar-se das normas bíblicas. A Escritura deve envolver e penetrar nosso pensamento e ação. O Espírito nunca conduzirá em oposição à Palavra escrita que ele inspirou. Deve sempre haver a autoridade exterior da Escritura bem como a autoridade interior do Espírito Santo. Em realidade, a própria Bíblia é uma forma de orientação associada. Ela é um meio pelo qual Deus fala através da experiência do povo de Deus. Ela é um aspecto da “comunhão dos santos”.

Dallas Willard disse: “O objetivo de Deus na história é a criação de uma comunidade todo inclusiva de pessoas amorosas, estando ele mesmo incluído nessa comunidade como seu principal sustentador e mais glorioso habitante.” Tal comunidade viveria sob o imediato e total governo do Espírito Santo. Seria um povo a quem o esplendor de Deus cegou a todas as demais lealdades; uma comunidade compassiva corporificando a lei do amor conforme vista em Jesus Cristo. Seria um obediente exército do Cordeiro de Deus vivendo sob as Disciplinas Espirituais, uma comunidade no processo total de transformação de dentro para fora, um povo decidido a viver as exigências do evangelho em um mundo secular. Seriam ternamente agressivos, mansamente poderosos, molde raro e apostólico, constituiriam uma nova reunião do povo de Deus. Que o Deus Todo-poderoso possa reunir tal povo em nosso tempo.

### **13. A DISCIPLINA DA CELEBRAÇÃO**

*“O principal fim e dever do homem é amar a Deus e desfrutar de sua companhia para sempre.” - Catecismo de Westminster*

A celebração está no coração do método de Cristo. Ele entrou no mundo sob uma alta nota de júbilo: “Eis aqui vos trago boa nova de grande alegria”, clamou o anjo, “que o será para todo o povo” (Lucas 2:10). Ele deixou o mundo legando sua alegria aos discípulos: “Tenho-vos dito estas coisas para que o meu gozo esteja em vós, e o vosso gozo seja completo” (João 15:11).

Jesus começou seu ministério público proclamando o ano do Jubileu (Lucas 4:18, 19). As implicações sociais de tal conceito são grandiosas. Igualmente penetrante é o reconhecimento de que, como resultado, somos

chamados a um perpétuo Jubileu do Espírito. Essa radical e divinamente habilitada liberdade de posses e uma reestruturação das ordens sociais não podiam deixar de trazer celebração. Quando os pobres recebem as boas-novas, quando os cativos são postos em liberdade, quando os cegos têm a vista restaurada, quando os oprimidos são libertados, quem poderia conter o grito de júbilo?

No Antigo Testamento, todas as estipulações sociais do ano de Jubileu - cancelamento das dívidas, libertação dos escravos, nenhum plantio agrícola, devolução da propriedade ao seu possuidor original - eram uma celebração da graciosa provisão de Deus. Poder-se-ia confiar em Deus: ele proveria o que fosse necessário. Ele havia declarado: “Então eu vos darei a minha benção” (Levítico 25:21). A liberdade da ansiedade e dos cuidados forma a base da celebração. Visto como sabemos que ele cuida de nós, podemos lançar sobre ele os nossos cuidados. Deus transformou nosso pranto em júbilo.

O espírito livre de cuidados da jubilosa festividade está ausente na sociedade contemporânea. A apatia e até mesmo a melancolia dominam os tempos. Harvey Cox diz que o homem moderno tem sido pressionado “de tal forma no sentido de trabalho útil e do cálculo racional que ele quase se esqueceu da alegria da celebração extática...”

## **A Celebração dá Força à Vida**

A celebração traz alegria à vida, e a alegria faz-nos fortes. A Bíblia diz-nos que a alegria do Senhor é a nossa força (Neemias 8:10). Não podemos continuar por muito tempo, em coisa alguma, sem a alegria. Podemos começar a estudar piano por força de vontade, mas não continuaremos por muito tempo com as lições se não houver alegria. Em realidade, o único motivo por que começamos é porque sabemos que a alegria é o produto final. Isso é o que sustenta todos os principiantes: sabem que há um senso de prazer, de gozo, de alegria em vencer.

A celebração é central a todas as Disciplinas Espirituais. Sem um espírito jubiloso de festividade, as Disciplinas se tornam entorpecidas, instrumentos que respiram morte nas mãos dos fariseus modernos. Toda Disciplina deve caracterizar-se pela alegria isenta de cuidados e pelo senso de ações de graça.

A alegria é um dos frutos do Espírito (Gálatas 5:22). Frequentemente me inclino a pensar que a alegria é o motor, o elemento que mantém tudo mais em marcha.

Sem a celebração jubilosa para inspirar as outras Disciplinas, cedo ou tarde as abandonaremos. A alegria produz energia. A alegria faz-nos fortes.

O antigo Israel foi instruído a reunir-se três vezes por ano para celebrar a bondade de Deus. Essas celebrações era as experiências que davam força e coesão ao povo de Israel.

## **O Caminho da Alegria**

Na vida espiritual só uma coisa produzirá a autêntica alegria: a obediência.

Diz o velho hino que não há outro meio de ser feliz em Jesus senão “crer e observar”. O autor da letra havia recebido inspiração do próprio Mestre, pois Jesus diz-nos que não há bem-aventurança igual à da obediência. Certa vez uma mulher na multidão exclamou: “Bem-aventurada aquela que te concebeu e os seios que te amamentaram!” Jesus respondeu: “Antes bem-aventurados são os que ouvem a palavra de Deus e a guardam!” (Lucas 11:27, 28). Mais bem-aventurada coisa é viver e obediência do que ter sido a mãe do Messias!

Em 1870 Hannah Whitall escreveu um livro que se tornou um clássico sobre o Cristianismo jubiloso, O Segredo de uma Vida Feliz. O título mal sugere as profundezas desse livro perceptivo. Não há nada de “quatro passos fáceis para viver com êxito”. Diligentemente a autora define a forma de uma vida plena e abundante escondida em Deus. Então, com todo o cuidado, revela as dificuldades deste caminho e finalmente traça os resultados de uma vida que se entrega a Deus. Qual é o segredo do cristão para uma vida feliz? Esse segredo poderia ser otimamente resumido pelo capítulo intitulado “A Alegria da Obediência”. A alegria vem pela obediência a Cristo, e resulta de obediência a Cristo. Sem obediência, a alegria é oca e artificial.

Para obter a verdadeira celebração, a obediência deve inundar o tecido comum de nosso viver diário. Sem isso, nossa celebração contém um som vazio. Por exemplo, algumas pessoas vivem de tal modo que é impossível ter qualquer tipo de felicidade em seus lares, mas vão à igreja e cantam hinos e oram “no Espírito”, na esperança de que, de alguma forma, Deus lhes dê uma infusão de alegria para atravessarem o dia. Procuram algum tipo de transfusão celestial que ignore a miséria de suas vidas diárias e lhes dê alegria. O desejo de Deus, porém, não é ignorar a miséria mas transformá-la.

Precisamos entender que Deus, às vezes, dá-nos uma infusão de alegria

mesmo em nossa amargura e insensibilidade. Mas esta situação é anormal. O meio normal de Deus trazer alegria é redimindo e santificando as conjunturas comuns da vida humana. Quando os membros de uma família estão cheios de amor, de compaixão e de um espírito de serviço, uns pelos outros, tal família tem motivos para celebrar.

Há algo de triste na corrida de alguns, de igreja em igreja, tentando conseguir uma injeção da “alegria do Senhor”. A alegria não se encontra em cantar determinado tipo de música, ou viver com o tipo certo de grupo, ou mesmo em exercer os dons carismáticos do Espírito, por muito bom que tudo isso possa ser. A alegria está na obediência. Quando o poder de Jesus entra em nosso trabalho e lazer e os redime, haverá alegria onde outrora havia lamento.

Menosprezar isso é perder o significado da Encarnação.

Foi por isso que coloquei a celebração no final de nosso estudo. A alegria é o produto final de haverem as Disciplinas Espirituais funcionando em nossa vida.

Deus produz a transformação de nossa vida através das Disciplinas, e só depois de haver uma obra transformadora dentro de nós é que conhecemos a verdadeira alegria. Muitos tentam alegrar-se cedo demais. Muitas vezes tentamos encher as pessoas de alegria quando, em realidade nada aconteceu em suas vidas. Deus não irrompeu nas experiências rotineiras de sua existência diária. Celebração acontece quando as aventuras comuns da vida são redimidas.

É importante evitar o tipo de celebração que realmente nada celebra. Pior ainda é fingir celebrar quando não há e nós o espírito de celebração. Nossos filhos vêem-nos abençoar o alimento e de imediato passam a brigar por ele - bênçãos que não são bênçãos. Uma das coisas que quase destroem as crianças é serem elas obrigadas a dar graças quando não se sentem gratas. Se fingirmos um ar de celebração, nosso espírito interior o contradiz.

Um ensino popular de nossos dias instrui-nos a louvar a Deus pelas várias dificuldades que acontecem em nossas vidas, afirmando que há grande poder transformador nesse louvor a Deus. Em sua melhor forma, tal ensino é um modo de incentivar-nos a olhar para a frente usando um pouco os olhos da fé a fim de ver o que acontecerá. Afirma em nossos corações a alegre certeza de que Deus toma todas as coisas e as faz cooperar para o bem daqueles que o amam. Em sua pior forma, este ensino nega a vileza do mal e denomina as mais horríveis tragédias como vontade de Deus. A Bíblia

ordena-nos a viver num espírito de ações de graças em qualquer situação; ela não nos manda celebrar a presença do mal.

## **O Espírito de Celebração Isenta de Cuidados**

O apóstolo Paulo diz: “Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo, alegrai-vos” (Filipenses 4:4). Como, porém, devemos fazer isso? “Não andeis ansiosos de coisa alguma.” Esse é o lado negativo do regozijo. O lado positivo é: “Em tudo, porém, sejam conhecidas diante de Deus as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graça.” O resultado? “E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e as vossas mentes em Cristo Jesus” (Filipenses 4:6, 7).

Paulo instruiu sobre como podemos regozijar-nos sempre, e sua primeira palavra de conselho devia ser: “Não andeis ansiosos” de coisa alguma. Jesus, evidentemente, deu o mesmo conselho, quando disse: “Não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber: nem pelo vosso corpo quanto ao que haveis de vestir” (Mateus 6:25). Em ambos os casos emprega-se a mesma palavra, que traduzimos por “ansioso” ou “preocupado”. Os cristãos são chamados a viver livres de cuidados, mas esse modo nos parece estranho. Desde os dois anos de idade somos treinados a tomar todo cuidado. Dizemos a nossos filhos, quando eles correm a tomar o ônibus para a escola: “Tomem cuidado”, isto é, encham-se de cuidados.

Não haverá em nós o espírito de celebração enquanto não aprendermos a “não andar ansiosos de coisa alguma”. E nunca teremos uma indiferença isenta de cuidado pelas coisas enquanto não confiarmos totalmente em Deus. Por isso é que o Jubileu era uma celebração tão decisiva no Antigo Testamento. Ninguém ousaria celebrar o Jubileu a não ser que tivesse uma profunda confiança na capacidade de Deus de prover para suas necessidades.

Quando confiamos em Deus, estamos livres para depender inteiramente dele quanto às coisas de que necessitamos: “Sejam conhecidas diante de Deus as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graça.” A oração é o meio pelo qual movemos o braço de Deus. Daí que podemos viver num espírito de celebração livre de cuidados.

Paulo, porém, não terminou a questão aqui. Ele prosseguiu, dizendo que deveríamos ocupar nossa mente com tudo o que é verdadeiro, respeitável, justo, puro, amável e de boa fama. Deus estabelecera uma ordem criada repleta de coisas excelentes e boas, e naturalmente se deduz que se pensarmos nessas coisas, seremos felizes.

Esse é o caminho indicado por Deus que leva à alegria.

Se pensarmos que teremos alegria apenas orando e cantando salmos, ficaremos desiludidos. Mas se enchermos nossa vida com coisas boas e simples, e constantemente dermos graças a Deus por elas, conheceremos a alegria. E que dizer de nossos problemas? Quando determinarmos permanecer nas coisas boas e excelentes da vida, nossa vida se encherá dessas coisas de tal sorte que elas terão a tendência de tragar nossos problemas.

A decisão de ocupar a mente com as coisas mais elevadas da vida é um ato de vontade. É por isso que a celebração é uma Disciplina. Ela não é algo que cai sobre nossa cabeça. É resultado de um modo de pensar e viver conscientemente escolhido. Ao escolhermos esse caminho, a cura e a redenção de Cristo irromperão nossos recessos interiores de nossa vida e relacionamentos, e o resultado inevitável será a alegria.

## **Benefícios da Celebração**

Sem dúvida, o mais importante benefício da celebração é que ela nos livra de tomarmos a nós mesmos demasiadamente a sério. Essa é uma graça tremendamente necessária a todos quantos são sinceros com relação às Disciplinas Espirituais.

As pessoas devotas correm um risco ocupacional de tornarem-se enfadonhas. Não deveria ser assim. Dentre todas as pessoas, deveríamos ser livres, vivas, interessantes. A celebração adiciona uma nota de alegria, de festividade, de hilaridade à nossa vida. Afinal, Jesus regozijou-se tão plenamente na vida que foi acusado de ser bebedor de vinho e glutão. Muitos de nós levamos vidas tão azedas que não haveria a possibilidade de sermos acusados de tais atos.

Ora bem, não estou recomendando uma periódica incursão adoidada no pecado; estou sugerindo que precisamos de experiências mais profundas, mais terrenas de alegria. É saudável e refrescante cultivar um largo apreço pela vida. Nosso espírito pode fatigar-se no esforço de buscar a Deus, como nosso corpo pode cansar-se com o excesso de trabalho. A celebração ajuda-nos a descontrair-nos e a gozar as coisas boas da terra.

A celebração pode ser um antídoto eficaz contra o senso periódico de tristeza que às vezes constringe e oprime o coração. François Fénelon, no capítulo intitulado “Auxílios da Tristeza”, aconselhou aos que estão curvados sob o peso da vida a estimularem a si mesmos “com boa conversação, e até

mesmo divertir-se”.

A celebração dá-nos perspectiva. Podemos rir de nós mesmo. Chegamos a ver que as causas que defendemos não são assim tão monumentais como gostaríamos de crer.

Na celebração, os nobres e os poderosos readquirem seu equilíbrio e os fracos e humildes recebem nova estatura. Quem pode ser nobre ou humilde no festival de Deus? Juntos, os ricos e os pobres, os poderosos e os impotentes, todos celebram nivelador de sistemas de casta como a festividade.

Libertos, pois, de uma opinião vaidosa de nossa própria importância estamos livres também de um espírito com tendências a formular juízos. Os outros, afinal de contas, não parecem tão horríveis, tão antiespirituais. As alegrias comuns podem ser partilhadas sem submetê-las a juízos de valor santimonial.

Finalmente, um característico interessante da celebração é que ela tende para mais celebração. Alegria gera alegria. Riso gera riso. Essa é uma das poucas coisas na vida que multiplicamos quando damos.

## **A Prática da Celebração**

Se a celebração é antes de tudo uma Disciplina corporativa, e se ela traz tanto benefício ao povo de Deus, como é praticada? A pergunta é boa, porque os homens e mulheres dos nossos tempos se tornaram tão mecanizados que temos extinguido quase todas as experiências de alegria espontânea. Nossas experiências de celebração são artificiais, plásticas.

Devido à bondade de Deus o nosso coração rompe em salmos e hinos e cânticos espirituais. Culto, louvor, adoração, palmas, riso, fluem dos recessos interiores. O salmista declarou: “Ao Senhor pertence a terra e tudo o que nela se contém” (Salmo 24:1). No Salmo 150 vemos a celebração do povo de Deus com trombeta, com saltério, com harpa, com adufes e danças, com instrumentos de cordas e com flautas, e com címbalos retumbantes.

Que é que as crianças fazem quando celebram? Fazem barulho, muito barulho. Não há nada de errado com o barulho no tempo próprio, assim como não há nada de errado com o silêncio, quando oportuno. As crianças dançam quando celebram.

Davi saltava e dançava com todas as suas forças diante do Senhor (2 Samuel 6:14, 16). Quando os filhos de Israel foram arrebatados das garras de Faraó pelo grande poder de Deus, a profetisa Miriã guiou o povo numa

grande dança de celebração (Êxodo 15:20). A dança folclórica sempre foi condutora de valores culturais e tem sido usada repetidamente na celebração autêntica. Naturalmente, a dança pode ter manifestações errôneas e más, mas essa é outra história muito diferente.

Dançar e fazer barulho não são formas necessárias de celebração. São apenas exemplos, par convencer-nos de que ao Senhor pertence a terra e tudo o que nela se contém. À semelhança de Pedro, precisamos aprender que nada é impuro quando vem da graciosa mão de Deus (Atos 10). Somos livres para celebrar a bondade de Deus com todas as nossas entranhas!

Podemos fazer algumas coisas específicas para cultivar a arte de celebração.

Uma delas é acentuar os dons criativos da fantasia e da imaginação. Harvey Cox observou que “as faculdades celebrativas e imaginativas do homem atrofiaram-se”. Em outro lugar ele escreve: “Houve tempo em que os visionários eram canonizados e os místicos adorados. Agora eles são estudados, ridicularizados, talvez até aprisionados. De um modo geral, a fantasia é vista com desconfiança em nosso tempo.”

Nós, dos Novos tempos, podemos arriscar-nos a ir contra a maré. Rendamo-nos ao sabor dos jogos de fantasia das crianças. Vejamos visões e sonhemos sonhos. Vamos brincar, cantar, gargalhar. A imaginação pode libertar um dilúvio de idéias criativas, e o exercitar nossa imaginação pode trazer muita alegria. Somente os inseguros acerca de sua própria maturidade é que temerão uma forma tão deliciosa de celebração.

Outra coisa que podemos fazer é transformar os acontecimentos familiares em momentos de celebração e ações de graças. Isto é especialmente verdadeiro em se tratando das várias cerimônias que ocorrem e nossa cultura, como aniversários e formaturas. Além disso, componha rituais regulares de celebração não relacionados com acontecimentos históricos mas que pertençam apenas à sua família. Passem mais tempo juntos como família, e cantem! Uma terceira coisa que podemos fazer é tirar vantagem das festividades de nossa cultura e realmente celebrar. O Natal pode ser uma causa perdida, mas a Páscoa certamente não o é. Esqueça o desfile de modas de outono e celebre o poder da ressurreição. Faça a Páscoa da família uma ocasião alegre.

Havia, na Idade Média, um feriado conhecido como Festa dos Tolos. Era uma ocasião em que os “monstros sagrados” da época podiam ser ridicularizados e escarnecidos sem perigo algum. Os membros do clero

menor arremedavam e ridicularizavam seus superiores. Os líderes políticos eram satirizados. Podemos passar sem a excessiva devassidão que muitas vezes acompanhava essas festividades, mas realmente precisamos de uma ocasião para rir de nós mesmos.

Em vez de irritar-nos com os costumes sociais de nossa época e lutar contra eles, seria bom que encontrássemos meios de rir-nos deles.

Não estamos limitados às festividades estabelecidas; podemos criar as nossas próprias. Recentemente nossa igreja realizou uma noite de celebração em apreço por seus pastores. Cada família desenhou um cartão. Vários grupos prepararam esquetes humorísticos, peças, brincadeiras. Como um dos pastores, posso dizer que essa foi uma noite muito alegre.

A celebração dá-nos a força para viver em todas as demais Disciplinas. As outras Disciplinas buscaram fielmente trazer livramento das coisas que durante anos nos têm atormentado a vida livramento que, por sua vez, evoca mais celebração. Assim se forma um círculo ininterrupto de vida e poder.

## **Finis**

Chegamos ao fim deste estudo mas apenas ao começo de nossa viagem. Vimos como a meditação eleva nossa sensibilidade espiritual, que, por sua vez, nos conduz à oração. Muito em breve descobrimos que a oração tem o jejum como recurso acompanhante. Informados por essas três Disciplinas, podemos efetivamente passar para o estudo que nos dá discernimento acerca de nós mesmos e do mundo em que vivemos.

Através da simplicidade vivemos com os outros em integridade. A solitude permite-nos estar verdadeiramente presentes com as pessoas quando estamos com elas. Mediante a submissão vivemos com os outros sem manipulação, e pelo serviço somos uma bênção para eles.

A confissão livra-nos de nós mesmos e libera-nos para a adoração. A adoração abre a porta para a orientação. Todas as Disciplinas livremente exercidas produzem a doxologia da celebração.

As Disciplinas clássicas da vida espiritual convidam-nos a escalar os Himalaias do Espírito. Agora estamos embevecidos entre a floresta e os picos nevados que temos pela frente. Partimos para a escalada, confiantes, com nosso Guia que iluminou a trilha e conquistou o píncaro mais elevado.

Às vezes nos desanimamos em nossa jornada. Os picos, onde gostaríamos de estar, parecem tão distantes. Estamos dolorosamente cônscios

de nossas peregrinações aparentemente interminas nos picos menos elevados da cadeia de montanhas. Mas quando olhamos para trás, vemos que progredimos; então nos regozijamos.

O apóstolo Paulo sabia que tinha ainda muitas alturas a conquistar. Em vez de desanimar-se, porém, ele foi desafiado a prosseguir “para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus, em Cristo Jesus” (Filipenses 3:14). Temos, hoje, o mesmo desafio.

\* \* \*

Esta obra foi digitalizada com base na legislação abaixo,  
para uso exclusivo de deficientes visuais. Distribuição gratuita.

Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, sobre “Direitos autorais. Alteração, atualização e consolidação da legislação”.

TÍTULO III - Dos direitos do autor.

Capítulo IV - Das limitações aos direitos autorais.

Art. 46 - Não constitui ofensa aos direitos autorais:

I - A reprodução:

d) De obras literárias, artísticas ou científicas, para uso exclusivo de deficientes visuais, sempre que a reprodução, sem fins comerciais, seja feita mediante o sistema BRAILLE ou outro procedimento em qualquer suporte para esses destinatários;

\* \* \*